



“Sherryl Woods é mestre
em evocar as emoções
mais profundas.”

— Publishers Weekly

SHERRYL
WOODS

UM lugar
para o AMOR



Harper
Collins



UM lugar
para o AMOR

SHERRYL
WOODS

UM lugar
para o AMOR

Tradução
Vera Vasconcellos

 HarperCollins *Brasil*
Rio de Janeiro, 2016

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Título original: RYAN'S PLACE

Copyright © 2002 by Sherryl Woods

Originalmente publicado em 2002 por Silhouette Special Edition

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Contatos:

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W86l

Woods, Sherryl, 1944-

Um lugar para o amor / Sherryl Woods ; tradução Vera Vasconcellos. - 2. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.

256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Ryan's Place

ISBN 978.85.69809.95-1

1. Romance americano. I. Vasconcellos, Vera. II. Título.

CDD: 813

CDU:821.111(73)-3

Capítulo Um

RYAN DEVANEY detestava feriados. Não só por serem dias fracos para os negócios, mas pelo fato de as poucas pessoas que entravam em seu bar, em Boston, estarem tão deprimidas quanto ele. A jukebox tendia às canções mais sentimentais, que o levariam às lágrimas se não tivesse aberto mão do sentimentalismo há muito tempo. O Dia de Ação de Graças, com suas lembranças azedas, sempre fora o pior deles. E aquele ano prometia não ser diferente.

Lá fora, o aroma da neve impregnava o ar frio e, na cozinha de Ryan, o cozinheiro preparava as dúzias de tortas de abóbora que ele levaria para o abrigo de pessoas carentes e serviria ao punhado de clientes que apareceria no bar no dia seguinte para uma refeição solitária. Ryan tinha uma vaga lembrança de um tempo em que os dois aromas evocariam lembranças felizes. Porém, aqueles dias pertenciam a um passado distante. Há mais de vinte anos não tinha nada por que se sentir agradecido.

No mesmo instante em que o pensamento lhe cruzou a mente, Ryan parou para refletir. O padre Francis, que evidentemente encarava a salvação de sua alma como uma missão pessoal, teria lhe passado um sermão se o ouvisse dar voz a tal pensamento. O padre, cuja igreja ficava no fim do quarteirão e se beneficiava da generosidade de Ryan, reprovava sua tendência a chafurdar na autopiedade durante os feriados.

— Você tem uma casa, dinheiro no bolso e comida quente na barriga — padre Francis o repreendera por mais de uma vez, com o olhar turvado pelo desapontamento. — Um próspero estabelecimento comercial e clientes que contam com você. Além disso, possui um número considerável de outros seres humanos que dependem de você para se alimentar e se abrigar, embora

não saibam disso. Como pode dizer que não há nenhuma bênção em sua vida? Tenho vergonha de você, Ryan Devaney. Muita vergonha.

Como se o pensamento de Ryan o tivesse conjurado, o padre Francis deslizou para um banco no bar lotado e lhe dirigiu seu costumeiro olhar perceptivo.

— Vejo que está se entregando de novo.

Ryan franziu a testa diante do tom de reprovação.

— Não tomei uma gota sequer — disse ele, sabendo muito bem que o álcool era a última preocupação na mente do padre.

— Ah, Ryan, meu garoto, acredita mesmo que pode tentar esse truque comigo?

Ryan sorriu para o senhor de cabelo branco, que ainda possuía um leve sotaque irlandês.

— Valia a pena tentar. O que posso lhe oferecer nesta noite fria?

— Uma xícara de café irlandês seria algo muito trabalhoso? O vento está castigando lá fora e meus velhos ossos não têm mais a resistência de antes.

— Para o senhor, padre, nada é muito trabalhoso — respondeu Ryan, com total sinceridade. Por mais irritante que o padre conseguisse ser de vez em quando, Ryan lhe devia a vida. O padre Francis o arrancara das garras do desespero e de problemas muitos anos atrás e o encaminhara por uma senda que o levara até ali, gerindo o próprio negócio, em vez de encarcerado em uma cela de prisão. — Por que não está em casa, sentado em frente à lareira?

— Fui visitar o abrigo. Temos uma nova família lá esta noite. Pode imaginar algo mais triste do que ser forçado a ir para um abrigo de desamparados pela primeira vez no Dia de Ação de Graças, quando todos estão assando perus e tortas e se preparando para contabilizar suas bênçãos?

Ryan lhe dirigiu um olhar duro. Fora na véspera do Dia de Ação de Graças, 17 anos atrás, que o padre Francis o levara para o abrigo de St. Mary, assustado, faminto e totalmente só.

Com apenas 15 anos, Ryan estava furioso com o mundo e escapou de ser preso por roubar em uma loja, graças à influência do padre junto à delegacia de polícia e ao ultrajado proprietário do estabelecimento.

— Não. Não posso imaginar nada mais triste — retrucou ele, conciso. — Como sabe muito bem. O que o senhor quer?

O padre Francis sorriu com um brilho no olhar.

— Não muito. Concorde em conversar com a família amanhã? Sua história serve de inspiração para muitos aqui do bairro. Ouvir sobre suas conquistas mesmo em circunstâncias adversas lhes dará uma razão para não perder a esperança.

— Imagino que esteja pensando que posso encontrar um trabalho para pelo menos um deles, também — disse Ryan, com uma nota de resignação na voz. — Houve um tempo em que ele possuía um plano de negócios formal para seu bar, incluindo objetivos e projeção de lucros. Acolher os desamparados do padre Francis transformou seu plano em um caos; mas, se o religioso lhe pedisse para ir ao inferno e voltar, daria um jeito de fazê-lo. Ao menos, esse último pedido não exigiria uma ação tão drástica. — E então? — insistiu ele.

— Um... ou dois. A questão é que, pelo que soube, a mãe é uma excelente cozinheira. Não me disse que está precisando de pessoal na cozinha? — o padre Francis perguntou com expressão inocente. Porém, antes que Ryan tivesse tempo de responder, ele prosseguiu: — E, com a proximidade da temporada de feriados, estará mais ocupado do que nunca, com os clientes vindo aqui para se aquecer, depois das compras. E alguns dos negociantes locais gostam de utilizar seu salão dos fundos para dar suas festas de Natal, certo? Talvez pudesse contratar outro garçom, ao menos até o feriado de Ano-Novo.

Ryan amaldiçoou a língua solta que possuía. Teria de se lembrar de que o padre Francis era um homem ardiloso e astuto, sempre à procura de encaminhar seus desamparados às pessoas que inadvertidamente deixavam escapar algum comentário sobre uma ou outra necessidade. Houve uma ocasião em que metade de suas garçonetes eram mulheres grávidas e solteiras. Por um breve período de tempo, Ryan temeu ver a sala de jantar particular transformada em um berçário, mas até mesmo o padre Francis não foi capaz de fazer tal pedido. No entanto, o relutante reconhecimento do sacerdote de que um bar não era o lugar adequado para abrigar uma creche infantil era indício de que tal pensamento lhe passara pela mente.

— Contratar um garçom extra não é problema. Quanto à mulher, ela sabe preparar carne em conserva com repolho roxo, guisado e pão irlandeses? —

perguntou Ryan.

O padre pareceu levemente desconcertado.

— Não está na hora de inovar um pouco? — Ele retirou o cardápio de capa laminada verde-claro do suporte no balcão e apontou para as entradas, que eram as mesmas desde a inauguração no Dia de São Patrício, oito anos atrás. Até mesmo os pratos especiais do dia permaneceram os mesmos. — Isso é um tanto entediante, não acha?

— Este é um bar irlandês — argumentou Ryan, em tom de voz brusco. — E meus clientes gostam de saber que podem comer peixe com batatas fritas às sextas-feiras e guisado aos sábados.

— Mas as pessoas um dia se cansam de comer sempre as mesmos pratos. Talvez algo um pouco mais picante tornasse as coisas mais interessantes.

Picante? Ryan o estudou, cauteloso.

— O que exatamente essa mulher cozinha?

A expressão do padre se iluminou.

— Pelo que soube, as *enchiladas* que ela faz são divinas — revelou, entusiasmado.

Ryan franziu a testa.

— Deixe-me entender isso. Está me pedindo para contratar alguém para fazer comida mexicana no meu bar irlandês? — perguntou, arrepiando-se ao imaginar como seu cozinheiro, nascido em Dublin, receberia uma notícia como aquela. Rory O'Malley seria capaz de passar um mês atirando panelas e frigideiras para o alto; talvez pedisse demissão. Rory, com seu grosso bigode irlandês e barriga comparável à do Papai Noel graças ao seu gosto por cerveja, possuía um coração terno, mas faria um escândalo de dar inveja a qualquer chef francês temperamental. Graças ao fato de sua cozinha estar mais tranquila do que nunca, Ryan procurava não se interpor no caminho de Rory e não fazia nada que o ofendesse.

O padre estampou no rosto uma expressão otimista.

— O Ryan's Place se tornará o bar mais famoso da cidade. Um belo exemplo de nossa miscigenação cultural.

— Poupe-me disso — retrucou Ryan, com humor ainda mais azedo do que antes; porque, apesar do absurdo da situação e da possibilidade de uma rebelião na cozinha, faria exatamente o que o padre estava pedindo. — Peça

para essa cozinheira vir aqui depois de amanhã, mas é bom que ela tenha facilidade em aprender. Não servirei tacos neste bar e ponto final. Ao menos ela sabe falar inglês?

— O suficiente — respondeu padre Francis, com uma fisionomia tão inexpressiva que fez Ryan gemer.

— Deveria obrigá-lo a explicar tudo isso a Rory — resmungou ele.

— Rory é um bom rapaz irlandês e também imigrou recentemente — disse o padre, otimista. — Tenho certeza de que ele será complacente o suficiente quando souber de toda a história. E certamente perceberá os benefícios que lhe trarão as críticas positivas que receberá.

— No caso de ele não receber essa notícia com a complacência que está prevendo, espero sinceramente que saiba se virar em uma cozinha, padre, porque tenho um avental lá atrás com seu nome bordado.

— Rezemos para que as coisas não cheguem a esse ponto — retrucou o padre, com uma incomum expressão preocupada. — Se não fosse pela sra. Malloy, na casa paroquial, e por Rory, eu morreria de fome. — O sacerdote olhou na direção da entrada, com a expressão de repente iluminada. — Ora, meu garoto, veja o que os bons ventos trouxeram. Se isso não for um colírio para olhos doloridos, sua boa ação já foi recompensada.

O rosto de Ryan se voltou na direção da entrada do bar, onde, de fato, a visão que o cumprimentou era como uma bênção. Uma mulher tão bela que poderia melhorar o humor de um homem em um estalar de dedos. Os olhos enormes perscrutaram o interior enfumaçado do bar. A pele pálida e delicada se encontrava corada graças à ação do vento. Ondas de fios ruivos e encaracolados cascadeavam, em desalinho, sobre os ombros. As pernas esbeltas, cobertas pelo jeans e as botas de couro de cano alto, eram a perfeita inspiração para as fantasias eróticas de um homem. Ryan deixou escapar um suspiro de prazer.

— Rapaz, onde estão suas boas maneiras? — repreendeu o padre Francis. — Aquela é uma cliente em potencial e que obviamente não conhece o Ryan's Place. Vá recepcioná-la.

Lançando um olhar cáustico ao senhor intrometido, Ryan cruzou o bar lotado até a outra extremidade.

— Posso ajudá-la, senhora?

— Duvido — respondeu a mulher, em tom severo. — Duvido que até mesmo todos os santos do céu possam ter a solução.

Ryan soltou uma risada abafada.

— Que tal o dono do bar e um velho padre? Será que conseguiremos? Ou marcou para se encontrar com alguém aqui? Conheço a maioria dos clientes que costuma frequentar este bar.

— Não, não vim aqui para me encontrar com ninguém, mas certamente apreciaria se me apresentasse alguém capaz de trocar um pneu furado. Telefonei para todas as oficinas em um raio de 16 quilômetros no entorno daqui. Nenhuma delas está com o serviço de socorro disponível esta noite. Todas alegaram que é véspera do Dia de Ação de Graças. Como se eu não soubesse disso! Estou com o carro lotado de comida e, como detesto cozinhar, recuso-me terminantemente a permitir que tudo se estrague enquanto fico parada aqui. Claro que, pelo fato de a temperatura estar congelante, é capaz de encontrar blocos de gelo no lugar da comida quando chegar em casa.

Ryan foi esperto o suficiente para suprimir outra risada abafada.

— Você tem um estepe?

A mulher lhe lançou um olhar letal.

— Claro que tenho um estepe. Uma daquelas coisinhas fofas que parecem uma rosca. Acha que já não tentei isso? Não sou completamente incapaz.

— Bem, e então?

— Mas não está calibrado. Para que serve aquela porcaria se não está cheio quando mais se precisa?

Ryan resolveu não lembrá-la que o estepe precisava ser calibrado de vez em quando para evitar exatamente aquele tipo de situação. A moça não parecia estar disposta a ouvir um conselho tão óbvio no momento.

— Vou dar uma sugestão — disse ele. — Sente-se ali ao lado do padre Francis. Vou lhe providenciar uma bebida para que se aqueça e discutiremos a melhor forma de solucionar seu problema.

— Não tenho tempo para ficar sentada. — Ela dirigiu um olhar indulgente ao padre. — Sem ofensas, mas devia ter chegado à casa dos meus pais há uma hora. Tenho certeza de que eles estão preocupados.

— Você...

A moça franziu a testa e interrompeu Ryan.

— Antes que pergunte, claro que telefonei para eles e os coloquei a par do que estava acontecendo, mas você não conhece meus pais. Até que cruze a soleira da porta, ficarão preocupados. Esse é o jeito deles. Os dois se preocupam. Com pequenas ou grandes questões, não importa. Alegam que o direito de se preocupar com os filhos veio junto com as certidões de nascimento.

Ryan tinha muita dificuldade em entender o significado de pais preocupados. Os dele não deram a mínima importância a ele ou aos irmãos. Quando Ryan tinha nove anos, despacharam os três filhos mais velhos para a proteção do estado e desapareceram, levando consigo as gêmeas de dois anos. Se houve alguma explicação para aquele distinto tratamento com os filhos homens, não se deram o trabalho de compartilhá-la com Ryan ou com os irmãos. Ainda podia se lembrar da última vez em que vira o irmão, Sean, então com sete anos, chorando convulsivamente ao ser levado por uma assistente social. Michael, dois anos mais novo, fora bem mais corajoso... Ou talvez, aos cinco anos, não tivesse a devida compreensão do que estava acontecendo com eles. Nunca mais os irmãos se viram ou encontraram os pais.

Na maior parte do tempo, Ryan mantinha aquelas lembranças trancadas em um lugar remoto da mente, mas de vez em quando elas rastejavam para fora, assombrando-o... principalmente quando um feriado se aproximava. Aquela era outra razão para odiar ocasiões que aumentavam a solidão de quem não tinha família.

— Fechará o bar dentro de mais ou menos uma hora, certo, Ryan? — perguntou o padre Francis, arrancando-o dos pensamentos sombrios. Havia um brilho maroto nos olhos do religioso, quando acrescentou: — Talvez possa levar a moça em casa.

Antes que Ryan pudesse listar todas as razões pelas quais aquela era uma péssima ideia, um par de olhos verdes como o mar encontraram os dele.

— Faria isso? Sei que é um incômodo. Tenho certeza de que tem seus próprios planos para a véspera do Dia de Ação de Graças, mas estou mesmo desesperada.

— Não gostaria de pegar um táxi? Terei prazer em chamar um, e logo estará em casa.

— Tentei isso também — disse ela. — Mas é uma viagem longa. Não há muita gente nas ruas. A maioria das pessoas está em casa, com suas famílias. Ambas as empresas de táxi que contatei se negaram a me atender.

— Ryan, meu rapaz, se algum dia houve uma moça em apuros, parece ser essa jovem. Certamente não negará um pedido tão simples — interveio padre Francis.

— Sou um estranho — lembrou Ryan, dirigindo o olhar a ela com a testa franzida. — Não sabe que nunca deveria aceitar carona de estranhos?

O padre Francis soltou uma risada baixa.

— Acho que ela pode confiar na palavra de um padre de que você é um perfeito cavalheiro. Quanto ao resto, Ryan, o nome dela é...? — O sacerdote relanceou o olhar à moça e esperou.

— Maggie O'Brien — disse ela.

Um sorriso iluminado se estampou no rosto do padre.

— Ah, uma bela moça irlandesa, certo? Ryan, não pode negar ajuda a uma conterrânea.

Ryan suspeitava que aquela jovem havia passado menos tempo em Emerald Isle do que ele, quando se aventurara a aprender a arte de gerir um bar irlandês de sucesso. Ela soava como uma típica nativa de Boston.

— Acho que é mais provável concordarmos que eu e a srta. O'Brien somos, na verdade, conterrâneos americanos — retrucou Ryan, com humor ácido.

— Mas você traz nas veias o sangue de seus ancestrais irlandeses — insistiu o padre. — E um verdadeiro e leal irlandês nunca esquece as próprias raízes.

— Seja como for — retrucou Ryan, sabendo que, pela segunda vez naquela noite, teria de ceder ao inevitável. — Srta. O'Brien, será um prazer lhe dar uma carona, se puder esperar até eu fechar o bar, daqui a uma hora. Enquanto isso, eu lhe darei a chave do meu carro e poderá transferir toda aquela comida que está carregando de um veículo para outro. — Ele dirigiu um olhar significativo ao sacerdote. — O padre Francis ficará feliz em ajudá-la, certo?

— Será um prazer — concordou o padre, erguendo-se com mais vivacidade do que demonstrara nos últimos dez anos.

— Srta. O'Brien — chamou Ryan, quando os dois se encaminhavam à porta. — Haja o que houver, não dê ouvidos ao que ele fala de mim.

— Sempre elogio suas qualidades — retrucou padre Francis, com uma nota de indignação na voz. — Quando eu terminar de fazer meu discurso, ela pensará que você foi enviado à terra pelos anjos.

— É exatamente isso que temo — respondeu Ryan. Por alguma razão, sentia-se mal ao pensar que, apenas por um segundo, Maggie O'Brien achasse que ele era uma espécie de santo.

— ACHO QUE o sr. Devaney não ficou muito feliz em ter de fazer isso — disse Maggie ao padre, enquanto transferiam seus pertences para o carro de Ryan Devaney. Ela pensara em deixar tudo na traseira da picape, mas estava começando a nevar, em flocos grossos e úmidos. Se caísse a nevasca prevista, as estradas logo estariam intransitáveis. Não havia como prever o tempo que levaria para conseguir voltar para buscar o carro.

— Não se importe com nada que ele diga — retrucou o padre. — Ryan é um bom rapaz, mas tem uma rotina difícil. Trabalha duro. Uma viagem de carro inesperada, na companhia de uma bela moça, é tudo de que ele necessita.

Aquela era uma interpretação interessante, pensou Maggie, concluindo que o padre estava fazendo papel de alcoviteiro. No entanto, não podia deixar de imaginar por que um homem como Ryan Devaney necessitaria que alguém lhe facilitasse o acesso a uma mulher. Com aqueles olhos azul-claros, cabelo espesso e negro e uma covinha no queixo, parecia uma espécie de patife irlandês que nascera para tentar as mulheres. Maggie percebera mais do que um olhar desapontado, quando Ryan focara sua atenção nela, dentro do bar.

Pensando melhor, boa parte dos clientes do bar era composta de mulheres, em grupos ou sozinhas. Maggie imaginou quantas delas eram atraídas para aquele bar por causa da aparência e disponibilidade do dono. Por outro lado, havia grupos de homens bem-vestidos por lá também. Portanto, talvez fossem eles o estímulo para a presença feminina.

— O Ryan's Place existe há muito tempo? — perguntou ela.

— No dia de São Patrício fará nove anos — respondeu o padre.

Aquilo a surpreendeu. A julgar pela estrutura de madeira desgastada, acessórios de bronze lustrosos e cartazes publicitários antigos, anunciando uísque e cerveja, o estabelecimento parecia estar ali há gerações.

O padre sorriu.

— Ah, vejo que está surpresa. Ryan ficaria feliz com isso. Ele passou seis meses na Irlanda, colecionando tesouros que dariam ao bar um toque de antiguidade. Quando Ryan decide fazer algo, beira a perfeição. — O padre lhe dirigiu um olhar perspicaz. — Na minha opinião, será assim também quando se decidir por uma mulher.

Apesar de ter passado menos que meia hora ao lado de Ryan Devaney, não podia negar que estava curiosa.

— Ele nunca foi casado?

— Não, e isso é lamentável — respondeu o padre. — Ryan diz que não crê no amor.

O sacerdote disse aquilo com tanta tristeza que Maggie quase soltou uma risada.

— Ora, por que isso? — insistiu ela. — O sr. Devaney teve algum relacionamento mal-sucedido?

— Sim, mas não do tipo que está pensando. A decepção foi com os pais. Eles o abandonaram e partiram quando pequeno.

— Oh, que coisa horrível! — disse Maggie, compadecendo-se de imediato, o que suspeitava ser exatamente a reação que o dissimulado padre desejava. — Ele nunca mais teve contato com os pais?

— Nunca. Apesar disso e de alguns anos difíceis, ele se tornou um homem bom. Não encontrará um amigo mais leal e melhor que Ryan Devaney.

— Há quanto tempo o conhece?

— Há 17 anos.

Maggie lhe dirigiu um olhar penetrante.

— Algo me diz que há uma história nessa amizade.

— Sim, mas acho que deixarei Ryan lhe contar quando quiser. — O olhar do padre encontrou o dela. — Aceita um pequeno conselho de um estranho?

— Do senhor, padre? Claro que sim.

— Ryan se parece um pouco com um bom vinho. Não pode ser apressado, se quiser obter o melhor dele.

Maggie soltou uma risada.

— Padre, seu conselho é um pouco prematuro. Acabei de conhecer o homem. Ele me dará uma carona até em casa... porque o senhor o pressionou, devo acrescentar. Acho que não podemos esperar muito disso.

— Não seja tão lépida em despedaçar os sonhos de um velho homem ou descartar a ideia do destino — repreendeu o padre. — Algo me diz que o destino influenciou o curso dos eventos desta noite. Seu pneu poderia ter furado em qualquer outro lugar, mas onde aconteceu? Bem em frente ao melhor bar irlandês de Boston. Agora, vamos entrar e tomar aquela bebida que Ryan lhe prometeu para aquecê-la antes de levá-la para casa.

Maggie seguiu o padre Francis de volta ao bar. Ryan estava bastante ocupado, atendendo a pedidos de última hora, mas duas xícaras de café irlandês se materializaram na frente dos dois sem que dissessem uma palavra. Ela fechou as mãos geladas em torno da xícara, agradecida pelo calor. Ao seu lado, o padre Francis permanecia em silêncio enquanto tomava goles da infusão encorpada. Maggie não conseguira imaginar sua idade antes, mas agora, com as feições menos animadas, as linhas que lhe vincavam o rosto ficavam mais evidentes. Imaginava que o padre devia ter mais de 70 anos e, àquela hora do dia, deixava cada um deles evidente.

Ao que parecia, Ryan percebera os mesmos sinais de exaustão, porque retirou o avental, abordou uma das garçonetes, murmurou algo para ela e lhe entregou um molho de chaves.

— Podemos ir agora. Maureen fechará o bar — disse ele, saindo de trás do balcão. — Padre, também lhe darei uma carona. A noite está muito fria para voltar a pé para casa, principalmente a esta hora.

— Bobagem. São apenas alguns quarteirões — protestou o padre. — Desde quando não consigo fazer esse trajeto? Já me ouviu reclamar? Caminhar é o modo como me mantenho em forma.

— E durante o dia já caminha o suficiente, quando o vento não está tão forte. Além disso, a casa paroquial fica no nosso caminho — contrapôs

Ryan, embora não tivesse a menor ideia de que direção teria de tomar para chegar à casa de Maggie.

Mas ela imediatamente aproveitou o comentário de Ryan para ratificar a oferta.

— Padre, por favor. Adoraria ver sua igreja. Talvez volte para assistir a uma missa qualquer dia desses.

A expressão do padre se iluminou de imediato.

— Ora, essa é uma ideia adorável. St. Mary é uma paróquia maravilhosa. Será sempre bem-vinda.

Ryan lhe dirigiu um olhar agradecido e, em seguida, liderou o caminho na direção da saída. O vento havia esfriado ainda mais na última meia hora. Maggie estremeceu apesar de estar vestindo capa e cachecol. Para sua surpresa, Ryan percebeu.

— Logo estará aquecida — prometeu ele. — Quando acionado, o aquecedor do carro o transforma em um forno.

A promessa foi acompanhada de um olhar capaz de fazer uma chaleira d'água ferver. Para um homem que não acreditava em amor, ele certamente sabia como atrair a atenção de uma mulher. Mais alguns olhares incineradores como aquele e, em breve, ela estaria suplicando por um ar-condicionado.

— Agradeço o que está fazendo — disse ela. — Sei que é um incômodo.

— Ryan está feliz em fazer isso — padre Francis interveio do banco de trás, quando estacionaram em frente a uma casa feita de arenito castanho-avermelhado ao lado da igreja. As luzes se refletiam nas janelas do térreo e a chaminé expelia fumaça.

— Vou lhes desejar boa-noite agora. Foi um prazer conhecê-la, Maggie O'Brien. A igreja de St. Mary fica ao lado, como pode ver. Não deixe de aparecer.

— Obrigada por sua ajuda, padre.

— O que foi que eu fiz? Nada que qualquer irlandês não fizesse por uma moça em apuros. Feliz Dia de Ação de Graças, Maggie. Certifique-se de lembrar e agradecer por suas bênçãos amanhã. Ryan, faça o mesmo.

— Não é o que sempre faço, padre?

— Apenas quando o lembro, o que estou fazendo agora. — O padre estacou antes de fechar a porta e dirigiu um olhar penetrante a Maggie. — E não se esqueça de incluir esta bênção também.

O gemido de Ryan quase a fez soltar uma risada.

— Boa noite, padre — disse Ryan, em tom de voz firme. — Aguardou até que o padre subisse, com dificuldade, os degraus e entrasse. Em seguida, girou na direção de Maggie. — Desculpe. Minha vida amorosa se transformou em um dos projetos do padre Francis. Ele está determinado a me ver casado e com filhos. Peço-lhe desculpas se ele a constrangeu.

— Acho maravilhoso ele se importar tanto — retrucou Maggie, com sinceridade. — É óbvio que você é muito especial para ele.

— E vice-versa — admitiu Ryan.

— Ele me contou que vocês se conhecem há muito tempo — prosseguiu ela, esperando abrir a porta para a história que o padre se recusara a contar.

— Há muito tempo mesmo — confirmou Ryan, desviando, em seguida, o olhar para se concentrar na estrada já escorregadia por causa da constante tempestade de neve. Ou estaria simplesmente evitando compartilhar algo doloroso de seu passado? Maggie suspeitava que seria a segunda opção, mas recordou o conselho do padre sobre não pressionar por respostas. Impaciente e curiosa por natureza, achava aquilo difícil. Manter-se em silêncio ia contra tudo em sua personalidade, mas Maggie conseguiu morder a língua.

Girou e fixou o olhar na janela enquanto a velocidade do carro diminuía até parar.

— Maggie?

Virando-se, ela encontrou o olhar de Ryan.

— Sim? — respondeu, um tanto ansiosa. Iria ele lhe contar sua história, afinal? Ou talvez sugerir que tomassem outro drinque em algum lugar antes de tomar o caminho da casa de seus pais, na cidade vizinha?

— Esta será uma longa noite, a não ser que me dê uma dica sobre a direção que devo tomar — disse ele, com uma risada suprimida na voz.

— Oh, meu Deus! Desculpe — falou ela, sentindo-se tola. Em seguida lhe forneceu as coordenadas para chegar à casa dos pais, que não ficava muito distante do Massachusetts Institute of Technology, onde a mãe lecionava.

Ryan assentiu com a cabeça.

— Conheço aquela área. Logo estará lá. Posso providenciar o reboque do seu carro na sexta-feira, se quiser.

Maggie recuou diante da oferta generosa.

— Claro que não. Esse é um problema meu. Cuidarei disso.

Mesmo enquanto o protesto lhe escapava dos lábios, ela percebeu que o carro avariado era a única desculpa que teria para rever Ryan Devaney. Maggie relanceou um olhar a ele e sentiu o coração dar um salto inesperado no peito. Tal reação não podia ser ignorada. Não que acreditasse no destino. Ao menos, não como o padre Francis o interpretara. Porém, no caso de haver algo assim, não desejava se apressar em negá-lo.

Capítulo 0015

RYAN GOSTAVA de mulheres que sabiam quando se calar e admirava as que não bisbilhotavam. Maggie O'Brien estava ganhando todo o seu respeito durante aquela viagem, graças à aparente compreensão que demonstrava naqueles dois aspectos. Não sabia o que o padre Francis achara adequado contar a Maggie, mas não tinha dúvidas de que o sacerdote se esforçara ao máximo para que a moça se interessasse por ele. Muitas mulheres aproveitariam a longa viagem em uma noite escura para importuná-lo com uma enxurrada de perguntas de cunho pessoal. Porém, Maggie parecia apreciar o silêncio tanto quanto ele.

Claro que aquilo seria bom demais, concluiu ele por fim. A qualquer momento, ele começaria a encher aquela calmaria com um rosário de perguntas que o estavam perturbando desde que ela entrara no bar. Ao longo dos anos, trabalhando no Ryan's Place, ele conseguira deixar de lado seu jeito reservado para manter a conversa trivial de praxe com os clientes. Poucos percebiam o quanto aquela tarefa lhe era custosa. Na verdade, havia aqueles que pensavam que ele possuía o dom natural da conversação e muitos outros que tinham certeza de que ele beijara Blarney Stone durante sua estada na Irlanda, conseguindo assim o dom da loquacidade.

No entanto, fora do bar, Ryan tendia ao silêncio sorumbático. Aquela era provavelmente uma das razões pelas quais as poucas clientes mulheres que convidara para sair ao longo dos anos ficaram tão surpresas ao descobri-lo pouco acessível durante um encontro. E, como geralmente fazia todas as perguntas pessoais que lhe interessavam durante as noites no bar, isso o tornava uma companhia ainda menos excitante. Como Ryan não se interessava por relacionamentos duradouros, aquilo geralmente o satisfazia.

Poucas mulheres o importunavam por mais de um encontro. Aquelas que encaravam seu ânimo como um desafio, acabavam por desistir também.

Como Maggie O'Brien nunca fora ao Ryan's Place antes, ele tinha todas as perguntas usuais e mais um surpreendente milhão delas na ponta da língua.

Porém, pelo fato de que fazê-las daria a Maggie a chance de virar o jogo contra ele, Ryan concluiu que era melhor controlar a curiosidade.

— Importa-se se eu ligar o rádio? — perguntou ele, esticando a mão para o botão de sintonia.

Maggie pareceu se surpreender por ele ter se incomodado em perguntar.

— Claro que não. Faça o que quiser.

— Alguma preferência?

— Jazz — sugeriu ela, hesitante. — Sei que não é todo mundo que gosta desse estilo musical, mas não consigo sintonizar uma só estação de jazz onde moro e, de fato, sinto muita falta de escutar esse gênero.

Ryan se surpreendeu com a escolha.

— Ora, eu a consideraria uma mulher fã das velhas canções.

— Sim, gosto delas, mas há algo no som tristonho de um saxofone que me corta o coração. — Ela lhe lançou um olhar preocupado. — Se não o agrada, tudo bem. Canções antigas também me agradam.

Ryan tocou em um botão e o som doce do jazz encheu o interior do carro.

— Está pré-sintonizado na estação de jazz — comentou. — Parece que temos algo em comum, Maggie O'Brien. Isso não faria o padre Francis exultar de alegria?

— Algo me diz que não deveríamos encorajá-lo — retrucou ela, em tom seco. — Ele realiza casamentos, afinal. É capaz de nos fazer cruzar a nave da igreja antes mesmo de nos conhecermos.

— Pouco provável — murmurou Ryan, franzindo a testa em seguida, ao perceber a resposta grosseira ao que claramente não passara de uma piada. — Desculpe. Não é nada pessoal.

— Não estou ofendida — retrucou ela, com naturalidade.

Mas Ryan percebeu que conseguira varrer o sorriso daquele belo rosto. Mais uma vez, Maggie girou para olhar pela janela, parecendo fascinada com o cair da neve.

E Ryan se sentiu encolher.

MESMO COM OS acordes suaves de sua canção de jazz preferida para distraí-la, Maggie não conseguia deixar de refletir sobre o homem macambúzio ao seu lado. Durante todo o tempo em que estivera no bar de Ryan, ela o vira jogar charme para as clientes. Também percebera a afeição genuína entre ele e o padre. O modo como Ryan percebera a exaustão do amigo.

No entanto, agora ele imergira em um silêncio inflexível, aparentemente satisfeito em deixar que o som do rádio substituísse o diálogo. Era a mesma coisa que viajar no carro de um taxista taciturno.

Quando não suportava mais o silêncio, Maggie arriscou um olhar na direção dele. Desde o comentário direto sobre a pouca probabilidade de cair na armadilha do padre Francis para casálos, Ryan mantinha o olhar fixo na estrada como se aquilo apresentasse algum tipo de desafio. Como o céu do sul da cidade ainda estava claro e repleto de estrelas e não havia caído nem ao menos um pingo de neve desde que deixaram o centro de Boston, Maggie concluiu que aquela era uma forma de Ryan evitar o contato visual. Talvez temesse que ela compartilhasse a determinação do padre em uni-los.

Claro que era melhor assim. Desde o instante em que adentrara o Ryan's Place e olhara nos olhos do dono do bar, sentira uma desconfortável pontada de algo que ia além da gratidão pelo homem que, embora relutante, se oferecera para livrá-la de um apuro. Todas as vezes que sentira algo parecido, havia se metido em confusão. Possuía uma boa quota de arrependimentos para provar isso, embora poucos de natureza romântica. Seus impulsos tendiam na direção de outras áreas. Alguns implicaram em perda de dinheiro. Alguns a envolveram em projetos que se revelaram uma perda de tempo. Apenas um estava relacionado a um patife que lhe roubara o coração.

Ainda assim, não conseguia desviar o olhar de Ryan. Afinal, ele era a fantasia feminina de um irlandês moreno e sensual. Mais uma vez, observou o cabelo cor de carvão, um pouco mais comprido que o usual para os homens, que lhe emprestava uma aparência dissoluta e rebelde. Os olhos, de um azul intenso, expressavam certa alegria, exceto quando Ryan exibía uma carranca por ter sido manipulado pelo padre Francis, um idoso astuto, pelo

que Maggie pudera perceber. Havia uma pequena cicatriz em um dos cantos dos lábios, quase imperceptível, a menos que se olhasse de perto, o que, claro, ela fez. Afinal, o homem possuía uma boca que qualquer mulher em pleno gozo de sua sanidade mental imaginaria imediatamente ter colada à sua.

Sim, de fato, Ryan Devaney era o protótipo do homem que personificava a fantasia feminina. Uma fantasia muito perigosa. Seria muito fácil tornar-se vítima da maquinação do padre Francis. Ryan também era o homem das contradições. Por um lado, talvez tivesse arestas mal aparadas e um humor sombrio, mas ela testemunhara sinais de um coração terno, quando ele enfrentara os protestos do padre e insistira em levá-lo de carro por alguns quarteirões, até a casa paroquial. Ela era fã de homens com aquela misteriosa combinação em particular.

Por outro lado, Ryan era um homem de negócios com a alma de um poeta. O ritmo de suas palavras, quando ele forçava um sotaque irlandês para provocar algum cliente, fora como música para os ouvidos de Maggie. Ela suspirou ao recordar o som e a cadência animada da voz de Ryan. Ainda conseguia se lembrar de sentar no colo da avó O'Brien, anos atrás, encantada com as histórias do velho país, contadas com aquele mesmo sotaque musical. Ouvir Ryan Devaney, mesmo sabendo que a pronúncia era forçada, a levava de volta àquelas felizes ocasiões. Conhecia aquele homem havia menos de duas horas e já se sentia intrigada com a forma como o coração batia acelerado e os pensamentos espiralavam perto dele. Ao menos parte daquela reação se devia à inata curiosidade que possuía. O pai era jornalista e estava sempre enfiando o nariz no que considerava assuntos de interesse público, muito antes de atraírem a atenção das pessoas. A mãe era uma cientista e professora do MIT, uma profissão que conseguia combinar a curiosidade sobre o funcionamento do universo e os dotes educacionais que possuía.

Era inevitável que, convivendo com pessoas assim, Maggie tivesse crescido com um desejo insaciável de entender o que estimulava as pessoas. Possuía um traço do cinismo do pai, uma saudável dose do bom senso da mãe e uma habilidade intuitiva de ver por baixo da superfície.

Em seu círculo de amizades, era a ela que recorriam quando estavam tentando compreender um relacionamento problemático, lidar com a perturbação de algum chefe ou com as impossíveis exigências que os pais faziam. Sempre lhe ocorria uma ideia útil, senão uma solução a oferecer.

A única vida à qual não conseguia dar sentido era a dela. Ainda lutava para construir o próprio nicho. Era formada em administração e contabilidade, mas, por causa de uma dessas contradições, que ela parecia gostar nos outros, continuava à procura de uma saída criativa que lhe alimentasse a alma e, ao mesmo tempo, a conta bancária.

Seu último emprego certamente não lhe proporcionara aquilo. Amara a pequena cidade costeira no Maine, motivo pelo qual persuadira a si mesma que poderia ser feliz fazendo a contabilidade de uma pequena corporação naquele estado. No final, porém, os passeios matinais na praia, as lojas singulares e a vizinhança amistosa não compensaram a rotina entediante do trabalho. Pedira demissão há duas semanas, no mesmo dia em que terminara um relacionamento que não a levaria a nada.

Agora era ela que necessitava de orientação, mas dera a si mesma um prazo até o Ano-Novo para encontrar uma solução.

Com o dinheiro que possuía no banco, não tinha necessidade de se apressar em arranjar outro emprego. Ficaria na casa dos pais, em companhia dos irmãos pelas próximas semanas e depois decidiria se queria retornar ao Maine, onde morara durante os últimos quatro anos, para procurar um emprego mais agradável e um relacionamento mais excitante e promissor.

Com toda aquela profunda reflexão que a aguardava, Ryan Devaney e suas contradições representavam uma tentadora distração.

Mais uma vez, relanceou o olhar a Ryan e percebeu que a atenção que ele prestava na estrada diminuía de intensidade.

— Sinto muito por estragar seus planos dessa forma — Maggie se desculpou mais uma vez, esperando suscitar alguma conversa.

— Sem problemas — respondeu ele, sem lhe dirigir o olhar.

— A maioria das pessoas está muito ocupada nas vésperas de feriados.

— Tudo bem — retrucou Ryan, a boca sensual se comprimindo em uma linha fina.

— Abrirá o bar amanhã?

— Durante algumas horas. Alguns de nossos clientes não têm onde passar o Dia de Ação de Graças.

Maggie recordou o que o padre Francis dissera sobre Ryan ter sido abandonado pelos pais. Era óbvio que ele se identificava com os fregueses que estavam na mesma situação: sozinhos no mundo.

— É gentil de sua parte lhes dar um lugar para se sentirem acolhidos.

— É uma decisão comercial — disse ele, afastando a ideia de que havia qualquer sentimentalismo envolvido.

— Sua família não se importa? — perguntou ela, deliberadamente fingindo ignorância e trazendo o assunto delicado à tona na esperança de que aquilo o fizesse se abrir e preencher as lacunas deixadas pela explicação incompleta do padre Francis.

— Não — disse ele, com a voz tensa.

— Conte-me sobre eles — estimulou ela.

Finalmente, Ryan lhe relanceou o olhar.

— Não há nada a dizer.

Havia uma nota de desolação naquela bela voz, mas Maggie duvidava que ele percebesse.

— Será? — disse ela. — Toda família tem uma história.

As linhas que vincavam a testa de Ryan se aprofundaram.

— Srta. O'Brien, eu lhe ofereci uma carona até sua casa, mas não lhe prometi divertimento. Se precisa ouvir alguma coisa, aumente o volume do rádio.

Maggie hesitou diante do tom de voz áspero, mas até mesmo um psicólogo medíocre sabia que uma atitude defensiva sempre encobria uma profunda necessidade de desabafar. Imaginou se Ryan Devaney alguma vez conversara sobre o que quer que estivesse tão determinado em lhe ocultar. Talvez dividisse seus segredos com o padre Francis, nas sombras de um confessionário, ou talvez o sacerdote fosse simplesmente mais hábil na arte de bisbilhotar que ela.

— Às vezes é mais fácil desabafar com um estranho do que com um amigo — disse ela, em tom de voz casual.

— E, às vezes, não há nada a se dizer — repetiu Ryan.

Embora Maggie soubesse ao menos algumas das respostas, decidiu tentar obtê-las diretamente da fonte.

— Você é casado? — questionou ela.

— Não.

— Já foi casado?

— Não.

— E quanto ao restante de sua família?

Ryan pisou fundo no freio e girou para encará-la com um olhar furioso.

— Não tenho família — disse, em tom de voz tenso. — Nenhum parente. Está satisfeita, srta. O'Brien?

Satisfeita? Longe disso, pensou ela enquanto confrontava os olhos azuis que queimavam de raiva. Mas aquilo serviu para deixá-la ainda mais intrigada. No entanto, aquele provavelmente não era o melhor momento para dizer isso a Ryan. Talvez no dia seguinte, depois que o persuadissem a passar o Dia de Ação de Graças na casa de sua família. Talvez aquilo o suavizasse o suficiente para que explicasse o que acontecera anos atrás que fizera seu mundo desmoronar e por que ele afirmava não ter nenhum parente, quando a verdade era outra. Ryan podia não conviver com a família, mas eles certamente estavam em algum lugar.

Mesmo sem todas as respostas, Maggie se encheu de compaixão. Com pais, três irmãs, dois irmãos, umas duas dúzias de tias, tios e primos, todos barulhentos, difíceis e inegavelmente maravilhosos, ela não concebia a ideia de uma pessoa não ter ninguém para chamar de família.

RYAN PERCEBEU um lampejo de tristeza no olhar de Maggie quando lhe disse que não tinha nenhum parente de quem pudesse falar. Tinha certeza de que notara mais alguma coisa, também. Uma leve fagulha de determinação.

Por isso, não se sentiu nem um pouco surpreso quando ela o convidou para ficar quando chegaram à casa dos pais de Maggie em Kendall Square.

— São quase 2h — disse ela. — Deve estar exausto. Por favor, fique. Tenho certeza de que a casa está transbordando de gente, mas haverá um sofá ou algum espaço livre onde possa dormir. Na pior das hipóteses, sei que há sacos de dormir no sótão. Posso acomodá-lo lá.

— Não se preocupe com isso. Estou acostumado a dormir tarde. Ficarei bem — insistiu Ryan, enquanto começava a descarregar as sacolas de comida que ela trouxera. Como fora Maggie e o padre que as transferiram para o carro, só agora percebia que ela devia estar carregando metade de seus pertences consigo. Ele lhe dirigiu um olhar oblíquo.

— Está planejando uma visita longa?

— Até depois do Ano-Novo — respondeu ela.

— E quanto ao seu emprego? Imagino que tenha um.

— Não, estou desempregada — declarou Maggie.

— Foi demitida? — perguntou Ryan, conjurando a familiar entonação compassiva que utilizava com os clientes que estavam em situação similar.

— Não. Pedi demissão de um excelente emprego, como contadora de uma grande empresa. Tenho esperança de encontrar algo mais criativo e prazeroso.

— Tal como?

Maggie deu de ombros.

— Gostaria de saber — respondeu, acrescentando em seguida em tom otimista: — Mas descobrirei.

— Algum dia considerou fazer psicologia? — perguntou Ryan. — Você tem facilidade em sondar as pessoas com perguntas.

— Não devo ser tão boa — retrucou ela. — Afinal, não respondeu a maior parte delas.

— E que tipo de carreira consideraria criativa e prazerosa? — prosseguiu ele. — Tem alguma em vista?

Maggie sorriu.

— Tentando virar o jogo para cima de mim, sr. Devaney?

Ryan soltou uma risada.

— Todo dono de bar tem um pouco de psicólogo dentro de si. A diferença é que apenas fazemos perguntas e escutamos. Não distribuimos conselhos. Agora, vamos colocar essas coisas lá dentro, antes que congelemos.

— Vamos contornar a casa para entrar pelos fundos — sugeriu ela, liderando o caminho. — O destino de boa parte desta carga é a cozinha.

Ryan percebeu que incidia luz de uma das janelas da frente, bem como de outra na cozinha, como um sinal de boas-vindas para a filha atrasada. Sentiu uma pontada de inveja no peito mesmo antes de uma mulher alta, com o rosto apenas um pouco mais vincado que o de Maggie, escancarar a porta da cozinha e estender os braços.

— Aí está você — disse ela, envolvendo Maggie em um forte abraço. — Estava tão preocupada!

— Mamãe, telefonei há menos de 40 minutos para que soubesse que estava a caminho — lembrou Maggie, com uma entonação alegre na voz. — Na verdade, estou dez minutos adiantada na previsão de chegada que lhe dei.

— O que significa que deve ter vindo em alta velocidade, rapaz — repreendeu a mulher, dirigindo-se a Ryan com um brilho divertido nos olhos tão vivazes e verdes quanto os da filha. — Sou Nell O'Brien. Você deve ser o sr. Devaney. Foi muita gentileza sua nos trazer Maggie, mesmo que tenha excedido o limite permitido de velocidade para chegar aqui.

— Não, senhora. Posso lhe assegurar que não dirigi em alta velocidade — respondeu ele, em tom de voz sério. — Mantive-me dentro dos limites permitidos durante todo o tempo.

A sra. O'Brien soltou uma risada.

— Mas no limite máximo, certo?

Ryan a encarou.

— A senhora não é uma policial, certo? — brincou ele, simpatizando de pronto com a mãe de Maggie. Ela o fazia se lembrar de... Ryan suprimiu um suspiro.

Era melhor não seguir por aquele caminho. Parara de pensar na própria mãe no dia em que ela o abandonara. Ou, ao menos, tentara.

— Não, mas tenho muita experiência em intimidar rapazes — disse a sra. O'Brien. — Tenho quatro filhas e dois filhos, que necessitam de firme controle.

Ryan não conseguiu conter o sorriso largo que se estampou em seu rosto.

— Se sua filha Maggie for alguma indicação, imagino que seja verdade.

— Ei! — protestou Maggie. — Sou a filha mais velha e ajuizada.

— Quando lhe convém — rebateu a mãe. — Agora, vocês dois, entrem. Tenho café pronto, mas se você preferir outra coisa posso fazer em um instante.

— Não quero nada — respondeu Ryan, já retrocedendo na direção da porta de saída. O afeto que enchia a atmosfera dentro daquela cozinha grande e acolhedora, a brincadeira entre mãe e filha, era exatamente o tipo de coisa que tentava evitar, por lhe trazer muitas lembranças dolorosas. — Preciso voltar para casa.

— De jeito algum — discordou a sra. O'Brien. — Está muito tarde para pegar a estrada, sr. Devaney. Deve estar exausto. Vou preparar o sofá no escritório. E, antes que pense em argumentar comigo, lembre-se de que sou mais velha, mais sábia e não permitirei que negue um conselho meu.

— Se não é uma policial, certamente é um general — disse Ryan.

— Apenas uma mulher que sabe o que é melhor para as pessoas — contrapôs Nell, com um sorriso sereno. — Vocês dois fiquem aqui e tratem de beber e comer alguma coisa. Vou me deitar depois que preparar o sofá do escritório. Seu pai gostará de saber que chegou em segurança, Maggie. Além disso, tenho de acordar cedo para cozinhar aquela ave. — Nell piscou para a filha. — Seu pai trouxe uma enorme, que provavelmente não caberá no forno, o que significa que terei de dissecar aquela coisa cirurgicamente e voltar a emendá-la depois de assada, para que ele não perceba.

Ryan viu sua chance de escapar logo depois de a sra. O'Brien desaparecer pela porta da cozinha, mas hesitou ao dirigir o olhar a Maggie.

— Nem pense nisso — disse ela, encarando-o com olhar penetrante.

— Pensar em quê? — perguntou ele em tom vago, os pensamentos girando.

— Sair sorrateiramente no meio da noite.

— Alguma razão em particular?

— Porque amanhã será um dia agitado. Não quero passar boa parte dele caçando você e o arrastando de volta para cá.

— Pois é um pensamento muito egoísta de sua parte — argumentou ele, aproximando-se um passo do perigoso fogo que ardia naqueles olhos verdes. Havia algo nela... Uma exuberância, um calor... que o fazia desejar correr riscos que normalmente evitava.

— Sim, é — concordou Maggie, sem vacilar o olhar.

— Eu lhe fiz um pequeno favor. Não me deve nada. Além disso, tenho planos para amanhã e meu dia vai começar cedo. Tenho, de fato, que voltar.

Uma expressão surpresa se estampou nos olhos de Maggie.

— Tem planos?

Ryan se sentiu vagamente insultado com o óbvio choque que aquilo pareceu provocar nela.

— Não sou totalmente abandonado e sozinho.

Maggie pestanejou várias vezes e recuou um passo.

— Sim, claro. Devia ter percebido — disse ela, claramente constrangida.

Deveria deixá-la pensar que tais planos envolviam outra mulher, a óbvia conclusão a que Maggie chegara. Aquilo seria a forma mais inteligente e segura de partir. Mas, em vez disso, ele se viu dando explicações.

— Vou levar comida para o abrigo de pessoas carentes administrado pela igreja St. Mary. Tudo tem de estar pronto ao meio-dia, o que significa que precisaremos começar cedo. E, como comentei no carro, o bar abrirá às 16h para os clientes que não têm nenhum outro lugar para ir. Sem mencionar que não fiz a contabilidade desta noite, nem computei os recibos.

Maggie assentiu com a cabeça e algo que devia significar alívio se estampou em seu rosto.

— Que ação generosa! — disse ela, aparentemente se referindo à refeição planejada para as pessoas carentes. — Precisa de ajuda no abrigo? — A necessidade de voluntários ajudantes era uma constante, mas Ryan hesitou. Era melhor pôr um ponto final no convívio com aquela mulher, que mostrava ter a determinação de um pit bull e que parecia ansiosa, sem mencionar ser capaz de lhe transpor todas as defesas. — Claro que precisa — respondeu Maggie, sem lhe dar chance de fazê-lo. — Nós estaremos no abrigo às 10h.

— Nós?

— Minha família. Exceto minha mãe, claro. Ela terá de ficar aqui lutando com aquela ave monstruosa, mas todo o resto da família vai querer participar. Será perfeito. Pedirei para um dos meus irmãos levar um estepe para o meu carro, também.

Ryan procurou desesperadamente por uma maneira sutil de fazê-la mudar de ideia.

— Sua família não deveria ficar ajudando por aqui?

— Mamãe não permite que nenhum de nós a ajude na cozinha. Diz que só a atrapalhamos. Além disso, trouxe muita comida esta noite que só precisa ser aquecida ao forno. O restante da família trará outros pratos também. Ela terá apenas de batalhar com o peru. — Maggie lhe dirigiu um olhar penetrante. — Nem pense em dispensar minha ajuda. Estou em dívida com você.

— Não está — repetiu ele, embora soubesse que estava desperdiçando fôlego.

Além disso, uma parte dele, ou melhor, uma grande parte dele, de repente se via ansiosa pelo Dia de Ação de Graças, e ele não se sentia dessa forma desde os oito anos. Aquele fora o último feriado em que sua família estivera unida. Pela ocasião do Natal daquele mesmo ano, Ryan se encontrava em um lar adotivo, sem ter a menor ideia do paradeiro dos irmãos ou dos pais.

E, desde então, nada fora o mesmo em sua vida.

capítulo TRÊS

— DORMIU TARDE ontem à noite? — perguntou Rory, enquanto enchia uma van de comida com a ajuda de Ryan para levar ao abrigo de pessoas carentes.

— Parece um pouco abatido.

Ryan exibiu uma carranca diante do aparente divertimento do cozinheiro.

— Fiz um favor ao padre Francis que me fez ficar acordado até as três.

— E esse favor, por acaso, envolvia uma adorável moça ruiva? — Ryan lhe dirigiu um olhar ácido. — Foi o que pensei. Por que o padre Francis não se lembra de mim quando aparece alguma beldade como aquela? — Rory se lamentou.

— Talvez porque ele esteja ciente de sua tendência em partir o coração de qualquer mulher que cruze o seu caminho — retrucou Ryan. — Criou uma péssima fama durante o tempo que está convivendo conosco, meu rapaz.

— Injusta, diga-se de passagem — insistiu o cozinheiro.

— Então, por que tenho uma enxurrada de mulheres no bar banhadas em um mar de lágrimas por sua causa?

— Não posso fazer nada se tenho açúcar — disse o cozinheiro, com a expressão mais deslavada do mundo.

A ironia era que, a despeito da silhueta arredondada e do temperamento feroz, o quarentão Rory atraía muitas mulheres. Ryan suspeitava que aquilo tinha algo a ver com a facilidade que o cozinheiro possuía com as palavras e com a apreciação genuína que demonstrava em relação às mulheres. O problema de Rory era que ele apreciava muitas delas ao mesmo tempo. O drama produzido pelos frequentes términos de relacionamento transpunha os limites da cozinha e se estendia ao bar. O estranho era que, mesmo depois

da separação, as mulheres continuavam a frequentar o Ryan's Place. Rory tratava cada uma delas com a mesma afeição e simpatia.

— Mal posso esperar para vê-lo perdidamente apaixonado — disse Ryan ao cozinheiro. — Espero sinceramente que tal mulher o faça de gato e sapato para que eu possa me sentar na arquibancada e aproveitar a diversão.

— Espero o mesmo para você — respondeu Rory, observando o patrão com um olhar especulativo. — E então, aquele anjo ruivo do padre Francis o interessou? Ou posso lhe jogar meu charme na próxima vez que ela aparecer no bar?

— Fique longe de Maggie — retrucou Ryan, incapaz de conter o tom possessivo e irado da voz. Jurou para si mesmo que estava apenas preocupado com o coração de Maggie, e não com o dele.

Rory sorriu.

— Então é assim? O padre Francis ficará feliz em saber que suas astutas maquinações enfim surtiram efeito. Será possível que nosso Ryan finalmente tenha encontrado uma mulher capaz de lhe prender o interesse por mais de uma noite?

Mais uma vez Ryan franziu a testa.

— Não seja ridículo. Mal conheço aquela mulher.

— Alguma vez existiu um irlandês que não acreditasse em ser atingido pela flecha do cupido a qualquer momento? Nem sempre o amor precisa de anos para florescer.

— Obrigado pela lição não solicitada — Ryan retrucou, em tom brusco.

— Poderia compartilhar muito mais da minha sabedoria — afirmou Rory, animado. — Mas por que a desperdiçaria com um homem que está determinado a viver sozinho?

— Sabe de uma coisa? Se não aprender a controlar sua língua, sou capaz de demiti-lo.

— Mas não o fará — desafiou Rory, confiante. — Quem iria preparar seus autênticos pratos da culinária irlandesa?

— Talvez eu mude o cardápio — disse Ryan, pensando na nova aquisição para seu quadro de funcionários.

— Nem em sonho — retrucou Rory.

— Não sei. Contratei uma pessoa que começará a trabalhar amanhã. O padre Francis acha que ela se sairá muito bem.

Rory franziu a testa.

— Outra cozinheira?

— Sim.

— E seria ela a angelical Maggie, por acaso? — questionou Rory, esperançoso.

— Claro que não.

— Ao menos é irlandesa?

— Não.

— Bem, lá vamos nós. E o quanto ela é boa?

— Ouvi elogios eloquentes sobre ela — respondeu Ryan, com sinceridade. — Ao que parece, ela é excelente, portanto contratei-a mesmo sem ver.

— Ela não será entrevistada antes? Contratou uma mulher que nunca viu antes para trabalhar na minha cozinha? — perguntou Rory, obviamente horrorizado. — Não posso ter um estranho, e ainda mais uma mulher, trabalhando comigo o dia inteiro.

— Por que não? Não será uma distração? Certamente pode superar sua necessidade de se relacionar amorosamente com qualquer pessoa que use saias, principalmente porque essa é casada. E, só para o caso de se sentir tentando, o marido dela estará trabalhando bem aqui no bar. — Ele dirigiu um olhar firme ao cozinheiro. — Acho que isso não será problema, certo? Há limites que nem mesmo você será capaz de ultrapassar.

Rory gemeu.

— São mais alguns dos desamparados do padre Francis, certo? Suponho que os encontraremos hoje, no abrigo, não é mesmo?

Ryan não viu por que negar e assentiu com a cabeça. Considerou contar a Rory o resto da história — que a nova ajudante mal falava inglês e só sabia cozinhar pratos mexicanos — mas decidiu que o amigo já tivera um grande choque por ora.

Em vez disso, limitou-se a lembrá-lo que teria alguém para substituí-lo à mão.

— Portanto, que isso lhe sirva de aviso para ser cauteloso com o que fala. E, quando for apresentado a ela hoje, seja gentil.

— Desde quando deixei de ser gentil com alguém que trabalha no bar? — argumentou o cozinheiro, indignado.

Ryan revirou os olhos.

— Não quer que eu responda a essa pergunta, certo?

— Está bem, está bem. Serei gentil. — Rory lhe dirigiu um olhar curioso.

— Vai se encontrar com Maggie outra vez?

— Ela disse que trará a família para ajudar no abrigo hoje — admitiu ele, tristonho.

— Ora, isso não é esplêndido? O padre Francis terá mais uma bênção pela qual agradecer no Dia de Ação de Graças.

— Vá para o inferno, Rory.

Para tristeza de Ryan, o grandalhão se limitou a gargalhar. De seu ponto de vista, aquele não era motivo para dar risadas. Ao que parecia, se encontrava rodeado de alcoviteiros que ficariam extasiados em vê-lo fisgado. E ambos haviam escolhido Maggie para desempenhar tal função, possivelmente por terem percebido o que ele se recusava a admitir: que se sentia atraído por ela.

O NÍVEL do barulho na sala de jantar dos O'Brien se mantinha elevado o tempo todo, com as crianças na faixa etária de três anos guinchando para atrair a atenção de Maggie e os irmãos lutando pela maior porção das panquecas da mãe. Aqueles sons eram como música para os ouvidos de Maggie, embora não conseguisse discernir uma palavra do que era dito.

Quando viu falhar sua terceira tentativa de interromper a incessante disputa, Maggie dirigiu um olhar suplicante à mãe.

— Basta! — disse Nell, sem nem ao menos erguer a voz para ser ouvida acima do tumulto. Aquele era o suave e enfático tom de voz da mãe que fazia o mais novo dos netos silenciar. Tal habilidade deveria ser algo adquirido em sala de aula para controlar os agitados alunos da faculdade. Obviamente satisfeita com o efeito que produzira, a mãe continuou em tom suave:

— Acho que Maggie tem algo a dizer.

— E desde quando ela precisa de sua intervenção? — perguntou Matthew. — Fale, minha irmã. Nunca se acanhou em nos mandar calar a boca.

— Vocês nunca estiveram tão barulhentos antes e estou um pouco sem prática — retrucou ela. — Muito bem, o negócio é o seguinte: eu meio que prometi que iríamos passar esta manhã ajudando em um abrigo de pessoas carentes na cidade.

— Prometeu para quem? — indagou Matthew, mais curioso do que ressentido.

— Deve ter sido para aquele homem lindo que a trouxe para casa ontem à noite — disse a irmã, Colleen, com expressão presunçosa. — Mamãe contou que, depois de conhecê-lo, na noite passada, ainda sentia o coração flutuar esta manhã. Que pena que não o conheci. Pode contar comigo, Maggie. Estou curiosa em conhecer um homem capaz de deixar a mamãe enlevada.

— Há mesmo um homem envolvido? — o irmão mais velho, John, perguntou. — Então todos nós vamos, certo? Não podemos permitir que um estranho despedace o coração de Maggie.

— Isso não tem nada a ver com alguém despedaçar meu coração — retrucou ela. — E sim com ajudar os menos afortunados no Dia de Ação de Graças.

— Essa pode ser a *sua* razão para ir — concedeu John. — A minha é menos nobre.

— A minha também — acrescentou Colleen. — Meu coração não dispara por um homem há décadas.

— Muito obrigado — disse o marido da irmã, franzindo a testa em uma expressão contrariada.

Colleen sorriu para ele.

— Quis dizer, por outro homem além de você, claro.

Daniel se inclinou e depositou um beijo sonoro nos lábios de Colleen.

— Assim está melhor, meu amor.

— Há um homem bonito envolvido? — Katie, a O'Brien mais nova, perguntou, ao retornar da cozinha com um copo de suco de laranja na mão. — Onde? Posso conhecê-lo?

— Ele é muito velho para você — protestou Maggie.

— É verdade. — O pai a repreendeu. — Nossa Katie não pode nem pensar em olhar para um homem antes de completar 25 anos. Ela é nosso bebê.

Katie revirou os olhos.

— Papai, estou com 24 anos. Detesto lhe dizer isso, mas já namoro, e há alguns anos.

— Namorar, sim, mas ainda tem um ano todo pela frente para poder pensar em engatar um relacionamento sério com alguém. Além disso, esse camarada, Ryan, é da Maggie — decidiu ele, com um sorriso para a filha em questão.

— Ele está longe de ser meu — protestou ela. — Acabamos de nos conhecer.

— Mas você está interessada o suficiente para arrastar todos nós até Boston em um Dia de Ação de Graças — retrucou o pai, girando na direção da esposa. — Nell, o que acha disso? Esse homem é merecedor da atenção de nossa Maggie?

Com um piscar de olhos na direção da filha, Nell levou a mão ao coração.

— Se eu fosse alguns anos mais nova... — começou, apenas para ser interrompida pelo marido.

— Nell O'Brien, que vergonhoso de sua parte dizer uma coisa dessas na frente do homem que lhe deu todos esses filhos maravilhosos. Para não mencionar quase trinta anos da minha vida.

— Querido, sou velha e casada, mas não morta — provocou ela. — Ryan Devaney é um homem extremamente belo. Você verá.

— Então, está resolvido? Vamos todos? — perguntou Maggie, não muito preocupada com o que motivava os irmãos. Eles falavam muito, mas se comportariam. O pai se encarregaria disso.

— Claro — respondeu o pai. — Você sabia que iríamos. — Ele se dirigiu a Nell. — Ficar bem sem nossa ajuda por algumas horas?

— Ficarei aliviada por me livrar da presença de vocês na cozinha — respondeu ela.

— E quanto às crianças? Não pode tomar conta de todos eles, também — argumentou o pai, olhando ao redor da mesa lotada. — Quem de vocês

ficará para ajudar?

— Garrett O'Brien, o dia em que eu não conseguir tomar conta dessas três crianças, estarei morta — protestou Nell. — Criei esse bando de desordeiros com pouca ou nenhuma ajuda, certo?

— Então está combinado — anunciou o pai. — Partiremos dentro de uma hora. Devemos chegar lá por volta das dez horas. Não foi a hora que combinou, Maggie?

— Sim, obrigada, papai. — Ela abarcou todos os irmãos com um olhar franzido. — E, quando conhecerem Ryan Devaney, comportem-se. Entendido?

— E quando deixamos de ser perfeitos cavalheiros com seus namorados? — perguntou Matt, indignado.

— Bem, houve uma vez que afugentamos aquele camarada, Carson — concedeu John.

— Ele era um maricas — argumentou Matt. — Maggie ficou melhor sem ele. Está bem, fora esse pequeno incidente, houve algum outro?

— Apenas fique atento para não deixar esse seu instinto protetor entrar em ação — suplicou Maggie. E, com um olhar de advertência, disse a Katie: — E você, lembre-se do que disse o papai.

Um sorriso se abriu no rosto da irmã.

— Então está reclamando seu direito ao Ryan? — Katie se dirigiu ao pai. — Eu lhe disse que a faria admitir. Dê-me meus cinco dólares, por favor.

Maggie alternou o olhar entre os dois.

— Vocês já sabiam sobre Ryan e fizeram uma aposta?

— Ora, claro que sim — admitiu a irmã. — Costuma levar uma eternidade até que se interesse por algum homem.

— Sou exigente.

— É intolerante. Estava começando a me preocupar em ter de explicar para meus filhos por que a pobre tia Maggie vivia sozinha em um chalé frio e solitário no Maine.

— Farei com que você fique aqui em casa hoje — declarou Maggie.

— Como se isso fosse possível — respondeu Katie. — Vê-la se derreter por um homem será mais divertido que ter visto você colocar enchimento no corpete de seu vestido de formatura.

— Katie O'Brien, esse devia ser nosso segredo eterno — disse Maggie, enquanto todos à mesa vaiavam.

— Isso prova que nunca se pode acreditar em uma irmã mais nova — retrucou Katie.

— Eu me lembrarei disso. Espere até trazer aqui em casa o homem dos seus sonhos — disse Maggie, decepcionada.

— Meninas, basta de discussão tola — pediu o pai, sempre pacificador. — Hoje é um dia para se agradecer o fato de se ter uma família.

— E eu agradeço — disse Maggie. — Por toda a família, exceto por irmãs caçulas traidoras.

Agora tinha de se preocupar não só com a reação de Ryan a sua chegada no abrigo, mas também qual dos membros da família O'Brien seria o primeiro a envergonhá-la.

O ABRIGO St. Mary ficava no fim do quarteirão que abrigava a igreja. Quando Maggie e a família chegaram, o local já estava fervilhando com a atividade. Ainda assim, o padre Francis a avistou no minuto em que ela entrou e se aproximou com um sorriso de boas-vindas.

— Ryan disse que talvez viesse esta manhã. Obrigado por passar parte de seu feriado conosco. É muito generoso de sua parte. — O sacerdote observou o grupo que a acompanhava e exibiu um sorriso radiante. — E essa deve ser sua família.

Maggie o apresentou a todos, ao mesmo tempo em que vasculhava o salão à procura de algum sinal de Ryan, o que o padre percebeu.

— Encontrará Ryan e Rory na cozinha — disse ele, com um sorriso. — Mas se fosse você não me juntaria a eles agora. Nosso Rory tem algo de déspota. Eles estão com o tempo apertado e Rory não permitirá nenhuma distração. Acredito que as mulheres possam contribuir, ajudando a pôr as mesas. — Ele se dirigiu ao pai e aos irmãos de Maggie. — E a ajuda de vocês será bem-vinda para armar as mesas e cadeiras extras. Estamos esperando uma multidão hoje, portanto temos de manter as coisas fluindo. Os primeiros convidados chegarão ao meio-dia e os últimos não sairão daqui antes das três horas.

As três irmãs foram ajudar as outras mulheres, embora Maggie se mantivesse sempre alerta, à procura de Ryan.

— Onde ele está? — perguntou Katie, quando não conseguiram avistá-lo na próxima hora que se passou.

— Você ouviu o padre Francis — respondeu Maggie. — Ele está ajudando na cozinha. E, por falar nisso, onde está Colleen?

— Não a vejo faz algum tempo — disse Katie. — Provavelmente *está* na cozinha, onde você deveria estar. Não pode inventar uma desculpa para ir até lá? Se não o fizer, eu farei.

— Katie O'Brien, não fará nada disso — protestou Maggie. — Viemos aqui para ajudar no que for preciso, e não para caçar Ryan Devaney.

Katie sorriu.

— Então você não deve ser minha irmã. Prefiro admirar um belo homem a me certificar de que o lugar esteja perfeito.

— Ele acabará saindo da cozinha — disse Maggie. — Até lá, não o incomodarei.

— A paciência não a beatificará — repreendeu Katie. — E não sei se será útil para fisgar um homem.

— Não estou aqui para fisgar Ryan — insistiu Maggie. — Estou apenas um pouco curiosa sobre ele.

Colleen chegou bem a tempo de ouvir o comentário.

— Estamos todos passando parte de nosso feriado aqui apenas para satisfazer sua curiosidade? — perguntou, cética. — Acho que não. Estamos aqui porque você se sentiu atraída por esse rapaz. E, como acabei de vir da cozinha, onde tive uma boa visão dele, tudo que tenho a dizer é: parabéns, Maggie!

— Você esteve na cozinha? — perguntou Katie, como se lhe tivessem roubado a sobremesa favorita. — Então também vou.

Maggie fechou a cara enquanto alternava o olhar entre as duas irmãs.

— Não façam com que eu me arrependa de ter pedido para virem ajudar.

— Só quero ver como ele é — argumentou Katie. — Que mal há nisso? Tenho certeza de que Colleen foi discreta.

Mas, naquele momento, a porta da cozinha se escancarou e Ryan surgiu, segurando uma grande bandeja com peru assado fatiado, seguido de um

homem gorducho que trazia bandejas repletas de batatas-doces e molho.

O cabelo de Ryan estava desalinhado e, a camisa azul, em total sintonia com a cor dos olhos. Ele usava um jeans justo que evidenciava os quadris estreitos. Maggie sentiu a boca seca, esquecendo-se por completo de que estava ali apenas para satisfazer a curiosidade.

— Oh, Deus! — murmurou Katie, dirigindo um olhar de aprovação a Maggie. — Definitivamente refinou seus gostos enquanto esteve fora. Nenhum dos homens que nos apresentou antes chega aos pés desse aí.

Antes que Maggie pudesse responder, Ryan a avistou. Um sorriso lento lhe curvou os lábios; mas, em seguida, os olhos azuis se dirigiram à agitação na porta da entrada, onde se formara uma longa fila de pessoas impacientes para entrar. A expressão no belo rosto másculo se tornou preocupada e ele murmurou algumas palavras para o homem ao seu lado, que observou a longa fila, anuiu e se apressou em voltar à cozinha.

Ryan caminhou na direção de Maggie. Na esperança de evitar um interrogatório constrangedor, ela se afastou das irmãs e foi ao encontro dele.

— Vejo que veio fazer sua boa ação — disse ele.

Maggie ignorou a leve aspereza na voz grave.

— Prometi que viria — devolveu, em tom de voz animado.

Os olhos azuis se cravaram nos dela.

— Não é todo mundo que mantém a palavra.

— *Eu* mantenho — Maggie retrucou, enfática, sustentando-lhe o olhar, sem vacilar. — Vi você observando a fila com olhar preocupado. Algum problema?

— Há mais pessoas do que previ. Estava apenas perguntando a Rory se ele achava que a comida seria suficiente. Meu cozinheiro tem certeza de que sim, mas voltou ao bar para buscar outro peru, só para garantir.

— Há algo que eu possa fazer? Há algumas lojas abertas hoje. Posso tentar comprar mais comida.

— Não há necessidade. Tenho certeza de que Rory tem tudo sob controle. E quanto a sua família? Convenceu-os a vir?

— Minhas irmãs estão ali — respondeu ela, percebendo que Colleen e Katie os observavam com patente curiosidade.

Ryan sorriu.

— Ah, sim, vi uma delas. Ela esteve na cozinha mais cedo. Achei que estava mais interessada em mim do que em encontrar os guardanapos que alegava estar procurando.

— Desculpe por isso. Temo que a bisbilhotice seja um traço característico da família.

— E seus irmãos? Estão aqui também?

— Com meu pai — retrucou ela. — Estão espalhados por aí. O padre Francis se incumbiu de manter todos ocupados.

Um sorriso genuíno e de alta voltagem curvou os lábios sensuais de Ryan.

— Tome cuidado com aquele padre — preveniu ele. — Ou, antes que o dia acabe, ele a convencerá a trabalhar como voluntária fixa deste abrigo. No que se refere aos cuidados com seus desamparados, ele não tem nenhum pudor em se impor às pessoas.

— Posso pensar em lugares piores que este para passar o tempo — disse ela.

A resposta pareceu desconcertá-lo por alguma razão. No mesmo instante, Ryan inventou uma desculpa e voltou à cozinha, deixando-a parada no meio do salão observando-o se retirar.

Durante o restante da tarde, Maggie teve apenas alguns vislumbres dele, enquanto trabalhavam. Ryan parecia conhecer a maioria das pessoas que frequentava aquele lugar. Brincava com os homens, flertava com as mulheres e provocava as crianças, mas havia sempre uma pontada de reserva sob a superfície. Toda vez que a surpreendia a observá-lo, desviava rapidamente o olhar, como se temesse que ela pudesse enxergar sob o charme superficial.

Até mesmo os irmãos de Maggie, geralmente alheios àquele tipo de coisa, perceberam o clima entre os dois.

— Minha irmã, esse homem não serve para você — preveniu o irmão mais novo. — Tem muitos segredos, e não se atreva a fazer dele um de seus projetos. Acho que isso não o agradará. Algo me diz que o seu Ryan tem grandes transtornos.

— E desde quando isso me desestimulou? — respondeu Maggie.

— Infelizmente, nunca — disse Matt. — Mas dessa vez pode estar se envolvendo em algo mais complexo.

— Por acaso conversou com ele? — perguntou Maggie, irritada.

— Não queria que nos aproximássemos dele — lembrou John.
— Como se alguma vez tivessem levado meus desejos em consideração.
— Ela resfolegou. — Bem, se tivesse conversado com Ryan, teria percebido que ele é um bom homem. Na verdade, deve ter percebido pelo fato de ele estar aqui hoje.

Maggie dirigiu o olhar ao lugar onde Ryan estava, servindo pedaços de torta de abóbora para uma mulher que se encontrava em fim de gestação e para seus dois filhos de cabelo escuro. A expressão naquele belo rosto era ilegível, mas ela tentou assim mesmo. A tristeza e o desânimo pareciam se mesclar à preocupação afetuosa. Algo lhe dizia que, enquanto conversava com aquela mulher, Ryan via outra pessoa, talvez do seu passado.

Atraída pela cena, Maggie inventou uma desculpa para se encaminhar à cozinha e lá se deteve por tempo suficiente para pegar algumas tortas. Quando voltou, passou perto o suficiente para ouvir Ryan murmurando palavras de encorajamento para a mulher. Parecia estar prometendo um emprego para que a família da mulher voltasse a se erguer.

Minutos depois, depositou algumas notas na mão do marido da grávida e disse a ele que a levasse ao médico.

— Apareça no bar amanhã — disse ele ao homem. — E combinaremos sua carga horária.

O homem exibiu um sorriso animado.

— *Gracias, señor.* Obrigado. Rosita e eu estaremos lá. Podemos trabalhar duro, o senhor verá. Nunca se arrependerá por nos ter dado uma chance.

Ryan suspirou enquanto o homem voltava para a companhia da esposa. Maggie parou atrás dele.

— O que acabou de fazer foi muito generoso — disse ela.

Ryan girou, quase deixando cair a bandeja que segurava em uma das mãos.

— De onde você surgiu?

— Estou aqui há horas.

Ryan lhe dirigiu um olhar ácido.

— Acredite em mim, estou completamente ciente disso. Tive de responder a mais de uma pergunta sobre o anjo ruivo de sorriso fácil. Atraiu mais atenção aqui do que o peru. — Ele não parecia muito satisfeito com

aquilo. — Eu me referia ao seu aparecimento repentino atrás de mim. Por acaso estava escondida, ouvindo uma conversa particular?

— Não, apenas buscando mais tortas — respondeu ela, erguendo a braçada de sobremesas que trouxera da cozinha. — E não pude deixar de ouvir o que estavam dizendo. Você os contratará?

Ryan deu de ombros, como se aquilo não significasse nada.

— Estão precisando de emprego. Nesta época do ano, posso contratar alguns ajudantes extras. Nada de mais.

— Tenho certeza de que, para eles, significa muito. — Em seguida, para evitar que a conversa se estendesse e o constrangesse, perguntou: — Pelo que soube, você ficou responsável por providenciar toda essa comida este ano? Isso também foi muito generoso de sua parte.

— Tenho um restaurante. Rory gosta de cozinhar para pessoas que saibam apreciar uma boa refeição. Por que não ajudar uma boa causa?

Mais uma vez, Ryan minimizara sua boa ação. Maggie devia ficar impressionada com tamanha humildade, mas em vez disso achou aquilo estranhamente preocupante.

— Por que não se sente à vontade com elogios? — perguntou.

— Talvez porque não os mereça — respondeu Ryan. — Não fui eu quem assou perus ou preparou tortas durante toda a noite, e sim Rory. Como sempre faz, desde que começou a trabalhar para mim.

— Mas imagino que você pague pelos ingredientes e pelas horas de trabalho de Rory — argumentou ela.

— Pelos ingredientes, sim, mas não pelo trabalho de Rory. Ele sabe tão bem quanto eu o que é não ter nada o que comer em um feriado. Tentamos fazer com que pelo menos algumas pessoas não tenham de conhecer tal sensação.

Maggie o estudou atentamente.

— Há quanto tempo faz isso?

— Não que tenha alguma importância, mas desde que inaugurei o bar. E agora basta dessa conversa — disse ele, encerrando o assunto. — Tenho certeza de que o padre Francis está muito grato a você e sua família por terem vindo ajudar.

— Foi muito... — Maggie procurou a palavra certa para definir. Embora tivesse sido gratificante ajudar os necessitados, fora o que ela descobrira sobre Ryan Devaney que realmente importara — ...esclarecedor.

Ryan franziu a testa diante do comentário.

— Fico feliz por termos tornado seu feriado mais divertido — disse ele, com um toque de amargura na voz. — Com licença. Tenho coisas a fazer.

Ryan começou a se afastar, mas ela estendeu a mão e lhe segurou o braço. Quando o tocou, sentiu o músculo rígido se contrair sob seus dedos.

Apenas quando ele virou o rosto para encará-la foi que Maggie falou:

— Sabe que não disse isso de forma insultuosa — começou ela, em tom de voz suave. — Por que faz isso com você? Quem o fez desconfiar de todos, dessa forma?

Ryan hesitou. A expressão ainda estava zangada.

— É uma longa história e hoje não é o dia certo para isso — disse ele, com a voz tensa.

Mas o olhar de Maggie era inflexível.

— Haverá um dia certo?

Os olhos azuis se fixaram nos dela e, pelo silêncio que se seguiu, Maggie imaginou que ele fosse dizer que não, mas, por fim, Ryan deixou escapar um profundo suspiro.

— Imagino que insistirá nisso.

Maggie soltou uma risada com o tom resignado da voz de Ryan. Não era uma grande abertura, mas era um progresso.

— Sim, Ryan Devaney. Pode apostar.

Porque, apesar de todos os obstáculos que ele colocara entre os dois e todos os alarmes disparando em sua mente aconselhando Maggie a se afastar, ela se sentia intrigada com tudo que dizia respeito àquele homem.

Capítulo QUATRO

RYAN AINDA estava digerindo o fato de Rosita Gomez, a cozinheira que mal falava inglês e que não conhecia a culinária irlandesa, também estar no sétimo mês de gravidez. O padre Francis havia discretamente esquecido de mencionar aquele detalhe quando pleiteara um cargo para ela no bar. Ryan mal podia esperar para ver a expressão de Rory quando o cozinheiro descobrisse. Felizmente, conseguira manter os dois afastados durante o trabalho no abrigo, no dia anterior.

Rory estivera muito ocupado para passar algum tempo no salão, onde serviram a comida.

Mas não demorariam a se encontrar agora. Rosita e o marido estavam sendo esperados no bar às 14h para preencher a papelada de admissão. Quando Ryan ouviu a batida à porta de seu escritório, presumiu que fossem os dois novos contratados. Em vez disso, se viu diante de Maggie O'Brien.

— Você de novo — murmurou ele.

— Espero que não tenha chegado na hora errada — disse ela.

Ryan tentou desesperadamente encontrar uma desculpa para se livrar dela, mas não lhe ocorreu nenhuma.

— Não, tudo bem — disse ele, tentando disfarçar a relutância. — Tenho alguns minutos antes do meu próximo compromisso. Entre. O que a trouxe a Boston hoje?

Maggie ergueu as sacolas que estava segurando.

— As compras — explicou ela. — Certamente sabe que hoje é um dos dias de compras mais importantes do ano. A Black Friday, quando as lojas dão grandes descontos.

— Acho que li sobre isso em algum lugar — respondeu ele, em tom de voz brusco. Talvez um anúncio ou dois? Em cada noticiário de televisão desde a semana passada?

Maggie soltou uma risada.

— Provavelmente, sim.

— Mas isso ainda não explica sua presença aqui. Não me diga que seu pneu furou outra vez em frente ao meu bar, por causa da sobrecarga?

— Não. Estou com quatro pneus novinhos em folha, graças ao meu irmão. Matt pegou o carro esta manhã, resmungando durante todo o tempo sobre como sou irresponsável por deixar que os pneus chegassem àquele estado lastimável. Aquilo o fez se sentir muito másculo e superior, portanto suponho que valeu a pena.

— Bem... — começou Ryan.

— Não comece. Não quando vim aqui distribuir presentes.

O olhar de Ryan se estreitou.

— Presentes?

Maggie franziu a testa.

— Não para você. Enquanto eu e minhas irmãs estávamos fazendo compras, vimos algumas coisas que talvez possam ser úteis para Rosita e seu bebê. Não está esperando por ela hoje? Tive uma conversa breve com ela, depois do que me disse ontem. Sei que Rosita não conseguiu trazer muita coisa para o abrigo. Espere até ver. Maggie vasculhou entre as sacolas que trazia e começou a retirar roupas de bebê, com uma expressão de pura alegria estampada no rosto.

— Não são as coisas mais fofas que já viu? Veja isto. — Ela ergueu um diminuto gorro de tricô amarelo-bebê. — E este. — Pegou um enxoval com patos bordados na parte da frente.

Quando a mesa se encontrava coberta de roupas de bebê, Maggie se recostou para trás.

— O que acha?

— Acho que você é incrível — disparou ele, arrependendo-se em seguida, quando viu o sorriso que se estampou no rosto delicado. — Quero dizer, que Rosita achará incrível. Por que fez isso? Deve ter gastado uma fortuna.

— Estava tudo em liquidação — lembrou ela. — E não conseguimos resistir. — Maggie ergueu outra sacola cheia. — Há algumas roupas de grávida aqui para Rosita. Estas são novas, mas há outra sacola no carro com as roupas que Colleen usou quando estava grávida. Ela jura que não precisará mais delas, mas, se quer saber minha opinião, Daniel a convencerá a ter pelo menos mais dois filhos. Ele quer uma família numerosa, por ter sido filho único.

O cérebro de Ryan entrou em parafuso.

— Colleen é a irmã que estava me observando na cozinha?

Maggie assentiu.

— E Daniel é...?

— O marido dela.

— Ele estava no abrigo ontem?

— Sim, com meu pai e meus dois irmãos, além de minha irmã caçula, Katie. Minha outra irmã mora muito longe para passar o Dia de Ação de Graças conosco, mas estarão aqui para o Natal. Não pode imaginar o caos em que se transforma a casa dos meus pais.

Por mais estranho que pudesse parecer, ele podia. Após o nascimento das gêmeas, houvera um total de cinco crianças na casa dos Devaney durante dois Natais.

De alguma forma, os pais de Ryan sempre conseguiam colocar presentes na árvore de Natal para todos, mesmo que fossem brinquedos de segunda mão adquiridos no brechó do bairro. Quando ele e os irmãos decidiam rastejar pela escada para ver se o Papai Noel fora visitá-los, a casa se enchia de barulho e risadas.

Ao menos fora assim por alguns breves anos. E, então, todos se separaram. Depois disso, o Natal passara a significar mais um dia a ser suportado. O pior de todos, pelo fato de Ryan imaginar onde estariam os irmãos e se seriam mais felizes que ele. Enquanto vagava de um lar adotivo para outro, sempre se sentindo como um estranho, rezava para que os irmãos tivessem tido um destino mais feliz que o dele.

— Ryan? — chamou Maggie com voz suave, com olhar cheio de preocupação. — Algo errado?

— Não — respondeu ele, tenso. — Tudo bem. Por que não fica mais um pouco e entrega tudo isso a Rosita? Ela deve chegar a qualquer instante.

Maggie negou com a cabeça.

— Não quero constrangê-la.

— Tenho certeza de que ela vai querer agradecer.

— Outro dia. Tenho de ir, antes que ela chegue — insistiu Maggie, se encaminhando à porta.

— Espere. Não disse que tinha outra sacola de roupas para Rosita no carro? Vou acompanhá-la — falou ele, surpreso por não querer se despedir de Maggie. Ela era insistente e indiscreta. Na verdade, prometia se tornar um incômodo. Mas também era afetuosa e generosa, um verdadeiro raio de sol. Como um gato que procurava se aquecer no parapeito de uma janela, Ryan se sentia atraído por ela, a despeito de suas arraigadas reservas em ter um relacionamento sério com qualquer mulher.

Enquanto a observava caminhar na direção do carro, concluiu que qualquer dia daqueles teria de decidir o que era mais importante: proteger-se da bisbilhotice de Maggie ou aceitá-la em seu coração.

— NÃO FICOU lá dentro por muito tempo — comentou Colleen, após Maggie entregar a sacola com roupas de gestante a Ryan e se despedir, percebendo que ele mantivera uma distância estratégica do carro, quando descobrira que a irmã a aguardava.

— Tempo suficiente — respondeu Maggie, satisfeita consigo mesma. O encontro com Ryan saíra exatamente como esperara. Havia permanecido lá apenas por tempo suficiente para lembrá-lo que pretendia fazer parte de sua vida, pelo menos por um futuro imediato. Porém, partira antes que ele se enfadasse dela. E, ao perceber a relutância de Ryan em se aproximar do carro, não o pressionara a cumprimentar Colleen.

O contato com sua família parecia perturbá-lo, talvez por temer se envolver demais ou porque vê-los juntos lhe trazia lembranças dos parentes que perdera.

— O que ele achou das roupinhas de bebê? — perguntou Colleen.

— Acho que Ryan ficou embasbacado.

— Muito inteligente de sua parte encontrar uma forma de plantar a ideia de bebês na cabeça dele. Agora ele não será capaz de olhar para você sem pensar em ter o próprio filho.

— Não foi nada disso — protestou Maggie. — Aquelas roupas de bebê eram para Rosita.

Colleen sorriu.

— Mas não é o máximo que elas tenham servido aos seus propósitos também?

— Não estou tramando para plantar ideias na cabeça de Ryan — insistiu Maggie.

— Oh, é mesmo?

— É mesmo!

— Bem, quer tivesse a intenção ou não, estou certa de que surtiu efeito. Acho que ele está pensando em você de um modo inteiramente novo.

— Grávida? — perguntou Maggie, cética. — Duvido muito. E não acha isso um passo gigantesco adiante? Ryan nem ao menos me convidou para sair.

— Mas você quer que ele convide — afirmou Colleen.

Maggie pensou na forma como se sentia todas as vezes que aqueles olhos azuis pousavam nela.

— Sim, quero. Ele é um homem muito misterioso e complicado. Você sabe como gosto de resolver uma charada.

— E se ele não a convidar para sair?

Maggie deu de ombros.

— Ryan é dono de um bar. Posso vê-lo sempre que quiser.

Colleen pareceu surpresa com a resposta.

— Faria isso? Frequentar o bar até que ele a notasse?

— Talvez. É um ambiente agradável. Devia ter entrado comigo agora há pouco. Mesmo a essa hora, a jukebox estava tocando música e havia grupos de pessoas rindo e se divertindo.

— Nesse caso, acho que três seria demais.

— Bem, se você tivesse entrado, saberia a que estou me referindo. Senti-me em casa naquele lugar desde o instante em que coloquei os pés lá dentro,

na outra noite. Não é um bar mal frequentado, mas sim do estilo que nossos pais descreviam como eram os bares na Irlanda.

— Mal posso esperar para ouvir o que eles têm a dizer sobre isso. Sabe como nossos pais sempre nos preveniram para ficar longe de bares. *Nunca encontrarão os homens dos seus sonhos em um bar* — diziam em coro.

Maggie soltou uma risada.

— Como poderia esquecer? Mas serão capazes de objetar, com o padre Francis frequentando aquele lugar quase todas as noites? Além disso, não prestou atenção ao que eu disse cinco segundos atrás? Aquele não é um bar qualquer. É diferente.

— Espero que não se incomode se eu ficar por perto, enquanto tenta explicar isso para o papai — disse Colleen.

— Ele já percebeu a diferença, portanto nem tentarei explicá-la. Além disso, sempre acreditei em dizer a verdade a nossos pais sobre minhas ações e esperar que confiem em mim, o que geralmente fazem.

— E então, quando vai voltar ao bar? Esta noite?

Maggie negou com um movimento de cabeça.

— Até mesmo *eu* sei que isso é cedo demais. Estou pensando em dar a Ryan um dia ou dois para imaginar o que aconteceu comigo. Acho que voltarei lá no início da próxima semana. Quer ir comigo para uma noite de meninas?

— Algo me diz que Daniel iria se opor a ficar tomando conta das crianças para eu acompanhá-la. Se quiser companhia, é melhor pedir a Katie.

Maggie pensou na forma como a irmã mais nova quase desfalecera diante da beleza de Ryan.

— Esqueça.

Colleen a encarou, parecendo ter entendido sua linha de raciocínio.

— Ela é sua irmã. Jamais tentaria lhe roubar um namorado.

— Não é com ela que estou preocupada. Já reparou na nossa irmã caçula? Ela é linda e nem ao menos se dá conta disso.

— E acha que Ryan talvez a preferisse? — perguntou Colleen. — Ora, vamos, Mags. Ele nem ao menos dirigiu um segundo olhar a Katie, ontem.

Maggie olhou com surpresa para a irmã.

— Não?

- Querida, ele não tirava os olhos de você. Não percebeu isso?
Maggie negou com a cabeça.
- Não. Achei que estava travando uma batalha inglória.
- Talvez esteja — preveniu Colleen. — Ele não me parece alguém disposto a se apaixonar. Talvez nem acredite nesse sentimento.
- Por acaso, foi isso que o padre Francis me disse — admitiu Maggie.
- Bem, ao menos sabe o que está enfrentando. Mas uma forte atração tem o poder de fazer um homem correr riscos que jamais imaginou. É tudo uma questão de paciência e persistência.
- Fui agraciada com uma delas. — Maggie pensou em sua total falta de paciência. — Mas definitivamente não com a outra.
- Então Ryan promete ser bom para você em vários sentidos, certo? Mantenha apenas uma coisa em mente: se ele for o homem certo, vale a pena esperar.
- Talvez você tenha de me lembrar disso — retrucou Maggie.
- A irmã soltou uma risada.
- Oh, querida, será um prazer.

DURANTE O que pareceu ser o mais longo fim de semana que já existira, o olhar de Ryan se voltava para a porta cada vez que era aberta, esperando que Maggie entrasse com cada lufada de ar gelado. Aquele comportamento era tão óbvio que não havia como o padre Francis ou Rory não perceberem, embora os dois nada tivessem dito.

Às segundas-feiras, o bar ficava fechado. Era o dia que Ryan reservava para fazer várias coisas e colocar em dia a papelada de trabalho, mas naquela segunda, em particular, não conseguia se concentrar. Por fim, desgostoso, desistiu por volta das quatro horas e saiu para fazer uma caminhada e clarear a mente. Talvez aquilo lhe afastasse da mente as imagens de Maggie.

Em vez disso, quando abriu a porta, se deparou com ela. Ryan ficou parado, encarando-a como um adolescente sem jeito.

- Maggie, o que está fazendo aqui?
- Engolindo em seco, ela deu um passo atrás.
- Vim tomar uma xícara de café. Estou congelando.

— O bar está fechado hoje, mas terei prazer em lhe preparar uma — disse Ryan, afastando-se para o lado e lhe dando passagem.

— Fechado? — perguntou ela, confusa.

Ryan sorriu.

— Sim, fechado para clientes — explicou ele, paciente, apontando para uma placa de madeira entalhada, localizada ao lado da porta, avisando que o bar fechava às segundas-feiras.

— Oh — disse Maggie, com o rosto em chamas. — Nunca reparei naquele aviso. Acho que presumi que abria o bar todos os dias, mas claro que necessita de uma folga. Voltarei outro dia. — Ela girou para partir.

— Maggie?

— Sim?

— Achei que você estivesse congelando.

Maggie empinou o queixo para encará-lo.

— Não é nada. Liguei o aquecedor do carro.

Ryan sabia que o sensato seria deixá-la partir. Certamente não deveria convidá-la para entrar quando não havia ninguém por perto para servir de para-choque ou nenhum cliente necessitando de sua atenção. Ainda assim, ele se viu dizendo:

— Também gostaria de tomar um café. Estava saindo para fazer uma caminhada e limpar as teias de aranha da mente, mas um café terá o mesmo efeito. — Não importava que houvesse bebido galões de café e que Maggie fosse o único pensamento a lhe assombrar o cérebro.

— Bem, se tem certeza... — respondeu ela, com um sorriso radiante.

Ryan não tinha certeza de nada quando ela o olhava daquele jeito.

— Entre — disse ele. — Antes que fique tão frio lá dentro quanto aqui fora.

Quando ela obedeceu, Ryan fechou a porta e a trancou. Em seguida, se encaminhou para trás do balcão. Pensou que aquilo lhe desse a ilusão da segurança e talvez o impedisse de tomá-la nos braços e beijá-la, até que aquele belo e delicado rosto ficasse corado por outra razão que não o frio cortante.

Quando terminou de passar o café, encheu duas xícaras, entregou uma para ela e tomou um gole da que estava em sua mão.

— Precisa ficar atrás do balcão? — perguntou ela. — Não pode se sentar aqui, comigo? Ou talvez pudéssemos nos sentar a uma das mesas?

— Estou bem aqui — respondeu Ryan. — É o meu lugar de costume.

— E definitivamente não pretendemos arrastá-lo de sua zona de conforto — disparou Maggie, com os olhos faiscando com indisfarçável divertimento. Ryan franziu a testa.

— Há razões para as pessoas optarem por zonas de conforto — afirmou ele. — Por que destruí-las?

— Isso se chama viver — respondeu Maggie, dando palmadas no banco de balcão ao seu lado. — Vamos, corra esse risco. Deixaremos a aconchegante mesa para outro dia.

Ryan suspirou e cedeu ao inevitável. Contornou o bar, mas quando se sentou deixou um banco entre os dois. Maggie suprimiu um sorriso.

— Oh, bem, isso é um progresso — provocou ela. — Não há necessidade de nos precipitarmos.

— Por que veio até aqui? Este não é o único lugar na cidade onde podia tomar um café.

— Mas é o único onde conheço o dono — respondeu Maggie. — A propósito, já que é o dono e este é seu dia de folga, o que está fazendo aqui?

— Colocando algumas coisas em dia — respondeu ele, evasivo.

— Não me parece algo muito divertido. Já ouviu falar em tirar uma folga de verdade?

— Para fazer o quê? — questionou Ryan, genuinamente confuso.

Maggie o encarou com evidente compaixão.

— O que quiser.

— Quero fazer todo o trabalho que não consigo quando o bar está cheio — retrucou Ryan, na defensiva. — Atualizar a papelada de trabalho, a contabilidade, verificar o estoque.

Maggie fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não tem nenhum hobby?

— Não.

— Algo que goste de fazer para relaxar? — insistiu ela.

Sexo sem compromisso o relaxava, mas Ryan duvidava muito que ela quisesse ouvir aquela resposta. E, naquele dia, sexo era a última coisa que

lhe passara na mente. Está bem, não era exatamente verdade, Ryan se corrigiu em silêncio. Fazer sexo com Maggie estivera bastante presente em seus pensamentos, porém concluíra que era uma péssima ideia.

Ainda assim, não conseguiu se conter em olhá-la de cima a baixo, de uma forma que a fez corar.

— Não estou me referindo a isso — disse ela, captando o que aquele olhar quisera dizer, sem demonstrar constrangimento.

— Que pena — provocou ele. — De fato acho que isso me relaxa bastante.

O olhar de Maggie se cravou no dele.

— Talvez em outra ocasião — retrucou, com a voz deliberadamente fraca e afetada.

Ryan se engasgou com o gole do café que acabara de engolir.

— O que disse? — Quando Maggie começou a responder, ele a interrompeu: — Esqueça. Não toquemos nesse assunto.

Dessa vez, foi Maggie a lhe dirigir um olhar perceptivo.

— Ah! E por que isso?

— O que quer de mim? — Ryan se viu incapaz de suprimir o tom impotente e desconcertado na voz.

A expressão de Maggie vacilou diante da pergunta direta.

— Honestamente? — Ryan assentiu com a cabeça. — Não estou bem certa — respondeu Maggie, como se achasse aquilo tão desconcertante quanto ele.

— Então está entrando em um jogo muito arriscado — preveniu Ryan.

— Eu sei — concordou ela, sustentando-lhe o olhar. — Mas não consigo me conter. Parece que sou atraída para cá o tempo todo. Há algo neste lugar, em você... — A voz de Maggie falhou e ela deu de ombros. — Não sei explicar.

Com os olhares cravados um no outro, ambos imergiram em silêncio. Por fim, Maggie suspirou e virou o rosto para o lado.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — disse ela por fim, sem encará-lo.

— Claro.

— O padre Francis me contou uma coisa. Disse que você não acredita no amor.

— O padre Francis tem uma língua grande, mas ele está certo. Não acredito — respondeu Ryan, com semblante sério.

— Por quê?

— Suponho que você acredite — disse ele, em vez de responder. — Por quê?

— Porque o vejo todos os dias. Vejo-o entre meus pais, entre meus irmãos e as esposas, entre Colleen e o marido. Não há nada que não fariam um pelo outro ou pela família.

Ryan escutou, tentando colocar o ceticismo de lado. Tentou imaginar-se rodeado de tais exemplos. Não conseguiu. Sua vida fora o contrário disso. Houvera um tempo em que acreditara no amor dos pais por ele e seus irmãos, mas depois eles sumiram sem deixar rastros. E Ryan se vira forçado a questionar se aquele amor fora real.

— Já vivenciou esse sentimento? — perguntou ele.

— Não, mas sei que existe porque posso senti-lo apenas ao entrar em um ambiente onde esteja minha família. Está estampado nas risadas, na forma como se olham, no modo como se tocam. Como ignorar algo que está na nossa frente?

— Não — disse ele, em tom de voz suave. — Está na *sua* frente. Eu nunca o vi. — Pelo fato de não querer entrar em uma extensa discussão sobre a existência do amor, Ryan optou por se levantar. — Acho melhor terminar minhas tarefas agora.

Maggie pareceu querer argumentar, mas em seguida pousou a xícara e pegou seu casaco.

— Obrigada pelo café.

— Sem problemas. — Ryan enfiou as mãos nos bolsos da calça, enquanto a seguia em direção à porta.

Maggie a abriu e, em seguida, hesitou. Dessa vez, encarou-o com um óbvio ar desafiador.

— Vou continuar vindo aqui. — Uma estranha sensação de alívio o invadiu diante daquelas palavras, que eram um misto de aviso e promessa. — A não ser que diga para eu me afastar — desafiou ela, com olhar penetrante.

— Faça como quiser — murmurou Ryan, como se tal decisão não lhe importasse.

Os lábios de Maggie se curvaram em um sorriso.

— Vou interpretar isso como um convite. — Antes que Ryan lhe percebesse a intenção, ela se ergueu nas pontas dos pés e pressionou os lábios à lateral de seu rosto. — Vejo-o qualquer dia desses — disse ela com uma entonação alegre, desaparecendo pelo quarteirão antes que Ryan pudesse concatenar os pensamentos.

Observando as sombras do crepúsculo, ele esperou para ter um último vislumbre de Maggie, mas ela havia sumido de vista.

— Essa foi uma cena tocante — disse Rory, saindo das sombras.

— Agora precisa espionar para sentir alguma emoção? — perguntou Ryan, irritado.

— Claro que não. Vim aqui apenas para lhe perguntar se está disposto a um encontro às cegas esta noite. Minha acompanhante tem uma amiga. Eu a conheci. Ela não chega aos pés de sua Maggie, mas pensei que poderia lhe proporcionar uma muito necessária distração.

— Acho que não — respondeu Ryan. Duvidava se até mesmo Julia Roberts ou Catherine Zeta-Jones juntas seriam capazes de distraí-lo naquela noite.

Rory sorriu.

— O que diz tudo, se quer minha opinião.

— Não quero — disparou Ryan.

— Bem, mas a estou oferecendo de qualquer maneira. Uma mulher como Maggie só aparece uma vez na vida de um homem, se ele tiver sorte. Não seja idiota a ponto de deixá-la escapar.

— Nem ao menos a conheço — argumentou Ryan. — Tampouco você. Portanto, não exageremos.

— Está me dizendo que aquela mulher não o faz perder a cabeça?

Ryan franziu a testa diante da pergunta.

— O que ela faz ou deixa de fazer não é problema seu.

— Em outras palavras, quis dizer “sim” — interpretou o cozinheiro. — Então conheça-a melhor. Descubra se há algo além desses sentimentos. Que mal pode haver nisso?

Mal?, pensou Ryan. Poderia destruir o que restara de seu coração partido, aquele era o mal. As palavras de Maggie lhe vieram à mente.

Isso se chama viver.

Ryan tentou confrontar a promessa contida naquelas palavras com a realidade e a decepção que sofrera anos atrás, que o fizera jurar nunca mais arriscar. E a conclusão? Não havia nada de errado com a vida que levava. Era segura e confortável. Não havia baques significantes, nenhuma surpresa desagradável.

— Vejo-o amanhã — disse Ryan. — Tenho coisas a fazer.

A expressão do cozinheiro se iluminou.

— Vai atrás dela?

— Não.

— Por que não?

— Tenho coisa melhor a fazer.

— O que poderia ser melhor que passar uma noite com uma bela mulher?

— Algumas partidas de squash e uma cerveja gelada — retrucou Ryan.

Rory soltou uma risada.

— Isso se chama sublimação, meu amigo.

— Chame do que quiser. Essa é minha ideia de passar algumas horas divertidas.

— Isso porque não tem um verdadeiro encontro amoroso com uma mulher que possa ter algum significado para você desde que eu o conheço — argumentou Rory.

Ryan não poderia negar tal acusação.

— Meta-se com a sua vida e me deixe cuidar da minha.

— Esse é o problema, meu rapaz. O que está fazendo não é viver, não segundo a definição masculina.

Tampouco segundo a de Maggie, ele se forçou a admitir. No entanto, não se importava com a opinião de nenhum dos dois. A única que contava era a dele, e estava muito satisfeito com a vida que levava.

Ao menos estava até alguns dias atrás, quando Maggie O'Brien surgira no bar em uma rajada de vento e tomara para si a missão de destruir sua serenidade. E, pelo que podia ver, estava fazendo um excelente trabalho.

Capítulo CINCO

MAGGIE ESTAVA começando a odiar o silêncio provocador do telefone, na casa dos pais. Definitivamente, Ryan não entendera o recado.

Só faltara se atirar sobre ele e, ainda assim, ele permanecia reservado e indiferente. Se não fosse uma mulher segura de si, talvez estivesse se sentindo humilhada.

Se de fato achasse que Ryan não tinha nenhum interesse nela, teria aceitado e seguido em frente, mas não acreditava naquilo. Além de estar a par da impressão de Colleen sobre o interesse de Ryan, seus próprios instintos, durante a visita que fizera ao bar, lhe diziam que ele sentia a mesma atração. Percebera o brilho ardente aflorar instantaneamente naqueles olhos azuis quando Ryan se deparara com ela do lado de fora do bar. Conseguira captar a breve fagulha de desejo, antes de ele estampar uma expressão neutra no rosto.

Talvez, se ela não tivesse pedido demissão do emprego, se tivesse um milhão de coisas a fazer, fosse capaz de esquecer aquele assunto em vez de ficar obcecada por ele.

No entanto, a verdade era que se sentia entediada com tanto tempo livre, e Ryan era o elemento mais fascinante em sua vida no momento. As férias pelas quais tanto ansiara quando partira do Maine estavam se tornando entediantes. Não estava acostumada a ficar ociosa. E, embora, devesse estar planejando seu futuro profissional, tudo que conseguia fazer era pensar sobre Ryan Devaney. Talvez tivesse negligenciado a vida pessoal por muito tempo e necessitasse cuidar dela, antes de refletir sobre seu próximo trabalho.

— Por que essa testa franzida? — perguntou a mãe, enquanto se servia de uma xícara de café e se juntava a Maggie à mesa da cozinha. — Ou será que eu deveria perguntar: é por causa de Ryan?

— Sei que é ridículo — disse Maggie. — Mal conheço aquele homem, mas não consigo parar de pensar nele. Ryan parece tão perdido e sozinho.

A mãe sorriu.

— Ah, sim, dois traços que certamente fascinam as mulheres. E então, quando fará algo sobre isso?

— Tal como?

— Convide Ryan para vir jantar aqui.

— Aqui? — perguntou Maggie, incapaz de esconder o desânimo diante da ideia de expor um já esquentado Ryan a uma verdadeira inquisição por parte dos pais.

A mãe soltou uma risada abafada ao ver a reação Maggie.

— Eu e seu pai somos capazes de ser educados e civilizados quando necessário — provocou. — Não disse que Ryan teve um passado familiar traumático? Talvez a convivência com uma família normal seja benéfica para ele.

— Acha que somos normais? — indagou Maggie, com óbvio ceticismo.

— Claro que sim. Um pouco barulhentos às vezes, mas perfeitamente normais. Não consigo ver nenhuma anormalidade em nossa família — acrescentou, em tom brusco.

— Acho que tem razão, mas tenho quase certeza de que Ryan não aceitaria o convite. Sinceramente, acho que o “normal” o incomoda. Além disso, me parece óbvio que ele é mais feliz em seu próprio *habitat*.

— Quer dizer, no bar — arriscou a mãe. — Então nós vamos até ele. Gostaria de rever esse seu jovem. Que tal esta noite? Seu pai deve chegar cedo em casa e, como é sexta-feira, nenhum de nós trabalha amanhã. Faz séculos que não aproveitamos uma noite em Boston.

A perspectiva de chegar ao Ryan's Place com os pais a tiracolo a deixava bastante insegura, mas a família representava uma grande parte de sua vida. Era melhor descobrir agora se Ryan conseguiria lidar com isso.

— Tem certeza? — perguntou à mãe.

— Claro que tenho. É uma excelente desculpa para passar uma noite agradável ao lado do meu marido. E não disse que uma banda irlandesa se apresenta no bar de Ryan nos finais de semana? Será muito divertido — disse Nell, acrescentando em seguida: — Desde que consigamos manter seu pai longe do microfone.

Maggie sorriu. O entusiasmo do pai por cantar era lendário na história da família. Garrett O'Brien não conseguia emitir uma nota afinada, mas aquilo não o desestimulava.

— Manter papai longe do palco será tarefa sua — disse ela à mãe. — Não posso correr o risco de Ryan nos expulsar do recinto.

A mãe soltou uma risada baixa.

— Sim, isso arruinaria todo seu grande plano, certo?

RYAN FORA atraído até o abrigo de pessoas carentes por um nervoso telefonema do padre Francis. Quando chegou, encontrou o religioso tentando consolar uma corpulenta afrodescendente que apertava contra o colo um choroso menino de 10 anos. Quando se aproximou, Ryan percebeu que a criança tinha algum tipo de doença que o deixava pálido e com os olhos apáticos.

Ao avistar Ryan, o padre Francis deu uma palmada leve na mão da mulher e seguiu ao encontro dele.

— Qual é o problema? — perguntou Ryan.

— Aquela pobre mulher está transtornada, e quem pode culpá-la? — disse o padre. — Algumas semanas atrás, os médicos lhe disseram que o filho tem um problema cardíaco congênito que requer cirurgia. Também mencionou que provavelmente é algo que ele herdou do pai. Ao que parece, a notícia foi tão impactante para o pai que o fez largar o emprego e sumir, deixandoos desamparados e sem seguro-saúde.

O peito de Ryan se contraiu com a raiva que sentiu de um homem capaz de fazer isso com a própria família. Mas se apressou em colocar a sensação de lado para lidar com a crise imediata.

— Suponho que queira dinheiro para realizar a cirurgia — disse ele. — Providenciarei tudo amanhã. Poderia me contar isso hoje à noite, no bar. Por que me fez vir até aqui?

— Porque aquele menino precisa do pai — respondeu o padre. — Não pode entrar em uma cirurgia de alto risco acreditando que o pai não se importa com ele. Embora não tenha sido acometido por nenhuma doença grave, tenho certeza de que sabe como ele está se sentindo.

Infelizmente, Ryan sabia muito bem.

— Não está esperando que eu encontre o pai dele, certo?

— Sim, estou. — O padre Francis olhou fixamente para ele. — Acho que sua experiência o motivará a ajudar. E, se não conseguir encontrá-lo dentro de alguns dias, quero que interceda e fique amigo do menino.

Ryan não tinha dificuldades em oferecer ajuda financeira, até mesmo em contratar um detetive particular para conduzir a busca, mas envolver-se emocionalmente na situação daquela criança estava fora de questão.

— Por que *o senhor* não se torna amigo dele? — retrucou Ryan.

— Sou um padre, não um pai. Não seria a mesma coisa — insistiu o religioso. — Venha conhecer o menino e a mãe. Precisaremos conversar com eles para obter as informações necessárias à busca.

— Está presumindo que concordarei com isso? — resmungou Ryan.

— Ora, claro que concordará — retrucou o padre, sem nenhum traço de dúvida. — Você é esse tipo de homem. Capaz de colocar de lado os próprios sentimentos para fazer o que é preciso pelos outros.

Ryan estava se cansando de viver de acordo com tão elevadas expectativas, mas ainda assim seguiu o padre. A mulher os observou se aproximar com expressão cautelosa.

— Letitia Monroe, esse é Ryan Devaney. Ele está aqui para ajudá-la. — O padre Francis deu palmadinhas leves na mão do menino. — E este é Lamar.

Ryan cumprimentou a mãe com um aceno de cabeça e apertou a mão gelada da criança.

— Prazer em conhecê-lo, Lamar. E a senhora, também — disse ele à mãe do menino.

— Pode nos ajudar a encontrar meu marido? — perguntou ela, com as bochechas do rosto ainda úmidas pelas lágrimas.

— Verei o que posso fazer — prometeu Ryan. — Tenho alguns amigos que são muitos bons em encontrar pessoas perdidas.

A mulher pareceu alarmada com aquelas palavras.

— Não é a polícia — apressou-se em dizer.

— Não. Não estou me referindo à polícia — Ryan a tranquilizou. Em seguida, se agachou para que seus olhos ficassem no mesmo nível dos de Lamar. — É fã dos Celtics?

Os olhos do menino se iluminaram.

— Eles são os melhores — disse Lamar, com a voz fraca.

Ryan teve de se controlar para reprimir emoções como compaixão ou raiva.

— Bem, depois que fizer a cirurgia, vamos ver se providenciamos ingresso para você assistir ao jogo. Gostaria de ir?

— Verdade? — sussurrou Lamar.

— Isso é uma promessa. Agora, deixe-me conversar com sua mãe por um instante. O padre Francis lhe fará companhia. Mas não jogue damas com ele — preveniu Ryan, confidenciando em seguida: — O padre trapaceia.

— Que coisa feia de se dizer sobre um religioso — defendeu-se o padre Francis, com um brilho maroto no olhar.

Ryan passou alguns minutos conversando com a sra. Monroe a fim de reunir informações suficientes para passar ao detetive particular que costumava frequentar o bar todas as noites, antes de ir para casa.

— Acha mesmo que pode encontrá-lo? — perguntou a sra. Monroe. — Para Lamar, ter o pai ao seu lado antes da cirurgia seria maravilhoso.

— E para você também, imagino — retrucou Ryan.

— Eu? — A mulher resfolegou. — Não me importo de nunca mais pousar o olhar naquele covarde outra vez. Que tipo de homem abandona a própria família diante do primeiro problema?

Ryan também não podia imaginar nenhuma explicação para tal atitude, mas tentou.

— O padre Francis disse que a condição de Lamar pode ser hereditária. Talvez seu marido esteja simplesmente se sentindo culpado.

A mulher pareceu surpresa ao ouvir a sugestão.

— Acha que é esse o motivo?

— Não conheço seu marido, a senhora sim. Mas, se fosse eu, estaria lutando com emoções conflitantes em um momento como este. Talvez devesse esperar e conversar com ele, antes de desistir.

A mulher concordou com um gesto lento de cabeça.

— Pensarei no que disse. E lhe sou grata pelo que puder fazer.

— Vamos torcer para que eu volte com alguma notícia dentro de um ou dois dias. Enquanto isso, tome as providências para a cirurgia de Lamar. Não terá nenhum problema com os custos do hospital.

— Mas eles disseram...

Ryan a encarou.

— Acredite em mim. Não haverá problema algum.

Um sorriso aliviado se estampou no rosto da mulher.

— Sr. Devaney, não sei como lhe agradecer.

— Não é necessário — retrucou Ryan, relanceando um olhar ao menino que dava risadinhas baixas, enquanto o padre Francis lhe dizia alguma coisa.

— Vamos apenas nos concentrar em fazer Lamar se recuperar o mais rápido possível. Estou ansioso para levá-lo ao jogo de basquete.

Antes que se desse conta, Ryan se viu envolvido em um abraço apertado.

— O senhor estará em minhas orações noturnas para o resto da minha vida — disse a mãe do menino.

— Eu poderia retornar o favor, mas acho que terá mais sorte se deixar essa incumbência para o padre Francis — disse Ryan, irônico. — Tenho de voltar ao trabalho agora, mas mantereí contato. Pode ter certeza.

Ryan se esgueirou para fora do abrigo, antes que o padre Francis pudesse tocaíá-lo para mais uma missão misericordiosa. Do lado de fora, estremeceu, embora aquela reação tivesse muito mais a ver com os apuros em que se encontrava a família Monroe do que com o frio.

Ainda pensava naquelas pessoas quando entrou no bar e se encaminhou ao balcão, onde Maureen o substituíra durante sua ausência.

— Tudo bem? — perguntou ela, observando-o com olhar preocupado.

— Ficaré — respondeu Ryan, com inflexível determinação. — Jack Reilly apareceu aqui esta noite?

— Ainda não o vi — respondeu ela. — Mas *há* um rosto familiar naquela mesa próxima ao palco.

— É? — disse ele, confuso com o misterioso brilho de divertimento nos olhos de Maureen. Porém, bastou relancear um olhar à mesa indicada para entender. Maggie se encontrava sentada com os pais. Cada um com um

prato especial de peixe e batatas chips e uma caneca de cerveja. Ryan dirigiu o olhar a Maureen.

— Pode me dar cobertura por alguns minutos?

— Claro — respondeu ela de imediato.

Ryan cruzou o salão, cumprimentando vários clientes regulares pelo caminho e parou ao lado de Maggie.

— Boa noite. Bem-vindos ao Ryan's Place — disse ele, dirigindo o olhar primeiro a Nell O'Brien e, em seguida, ao marido. Por último, cumprimentou Maggie com um gesto de cabeça.

— Ryan, amei seu bar — disse Nell, com entusiasmo. — Lembra-me de um lugar em Dublin, que eu e Garrett visitamos por ocasião de nossa lua de mel.

— The Swan — lembrou Garrett, se dirigindo à esposa com expressão afetuosa. — Creio que podemos creditar à noite que passamos lá o nascimento do nosso primogênito.

Nell corou.

— Garrett O'Brien, que coisa mais inadequada de se dizer diante de um estranho.

— Ryan não é um estranho. É um amigo de nossa Maggie. Certo, minha menina?

Maggie sorriu para o pai.

— Talvez ele prefira não ouvir os detalhes íntimos da concepção de John.

Ryan soltou uma risada abafada.

— Na verdade, estou fascinado — disse ele, apenas para manter o rubor no rosto de Maggie. — E quanto à concepção dela? Também há uma história por trás?

Maggie dirigiu um olhar de advertência ao pai.

— Se contar, nunca o perdoarei.

— Agora estou intrigado — disse Ryan, sentando-se na cadeira ao lado de Maggie. No espaço exíguo, a coxa roçou a dela, fazendo-lhe o sangue ferver. — Vamos, sr. O'Brien, conte-me.

Garrett O'Brien abriu a boca, mas em seguida grunhiu quando o que parecia ser o pé de Maggie fez contato com sua canela.

— Desculpe, rapaz. Fui persuadido a ficar calado. Mesmo em uma sociedade liberal como a de hoje, há coisas que devem ser mantidas em segredo.

Ryan girou na direção de Maggie.

— Acho que terei de importuná-la até que me conte — disse ele. — Porém, no momento, é melhor eu voltar para trás do balcão, antes que Maureen se rebele. — E antes que cedesse à ânsia de passar a noite toda tão próximo a Maggie a ponto de poder sentir seu hálito no rosto quando ela falava.

— Se conseguir algum tempo livre, venha se sentar conosco outra vez — convidou Nell.

— Farei isso — prometeu Ryan, dirigindo um último e demorado olhar a Maggie antes de cruzar o bar, tentando bloquear a presença daquela mulher de seu pensamento.

Ryan não conseguiu manter a promessa. Em vez disso, aquela se tornou uma noite longa e complicada. Às sextas-feiras, o bar sempre ficava lotado por causa da popularidade da banda, mas aquela se revelou ainda mais trabalhosa.

O fato de seu novo garçom ainda estar se esforçando para se acostumar com os pedidos incomuns não ajudou em nada, mas Ryan tinha de dar a Juan o crédito por tentar. Porém, aquilo significava que Maureen estava sobrecarregada, e Ryan passava o tempo tentando apaziguar os ânimos e ficar atento à chegada de Jack Reilly, para lhe pedir ajuda na busca ao pai de Lamar.

De repente, Maggie se materializou ao seu lado.

— Parece estar precisando de ajuda atrás do balcão — disse ela, enquanto vestia um avental.

Ryan parou de encher uma caneca de cerveja para lhe dirigir o olhar.

— O que está fazendo?

— Colocando mãos à obra — respondeu ela, afastando-se para o lado e sorrindo para um cliente que acabara de entrar.

Antes que Ryan pudesse pestanejar, ela havia anotado o pedido e colocado uma caneca de cerveja na frente do homem. Em seguida, se dirigiu a ele, com um sorriso de satisfação estampado no rosto.

— Alguma objeção?

Ryan se viu dividido entre o desconforto e o pragmatismo. O último venceu.

— Nenhuma — disse ele. — Preciso mesmo de ajuda. — Naquele momento, ele avistou os pais de Maggie se encaminhando à porta de saída. Os dois acenavam enquanto se retiravam. Com o olhar estreitado, Ryan se voltou na direção de Maggie. — Não é a sua carona que está acabando de sair daqui?

— Não se eu tiver sorte — retrucou ela, sorrindo, antes de desaparecer para anotar outro pedido.

— O que quis dizer com isso? — perguntou Ryan, quando ela reapareceu.

— Acho que ficará me devendo — explicou Maggie. — Uma carona para casa não é um preço alto para uma garçonete voluntária, certo?

Ryan fez um movimento negativo com a cabeça, percebendo que acabara de cair em uma armadilha.

— Acho que não, mas terei de pedir a Rory que a leve.

O sorriso estampado no rosto de Maggie vacilou diante da sugestão, o que o fez rir mesmo contra a vontade.

— Não era o que tinha em mente, certo?

Maggie lhe sustentou o olhar.

— Definitivamente, não.

— Então suponho que terei de ser eu a levá-la, mesmo que apenas para ver onde esse seu plano vai dar.

— Não ficará desapontado — prometeu Maggie.

As palavras foram ditas com um olhar que fez a temperatura de Ryan subir a uma escala estratosférica. E abalou as estruturas de Ryan, que passara a vida inteira usando mecanismos de defesa.

MAGGIE CONCLUIU que ficaria em dívida com a mãe por um longo tempo por ela ter tido a ideia de deixá-la ali para ajudar no bar. Nell sobrepujou todas as objeções de Garrett ao lhe dizer que aquilo lhes renderia várias horas a sós em casa. Ao ouvir aquilo, o pai se mostrou ansioso por partir. Após anos com a companhia constante dos seis filhos, Garrett aprendera a agarrar qualquer chance de privacidade com a esposa.

Permanecer ali sem ser convidada fora uma atitude arriscada. Ryan poderia muito bem ter providenciado alguém para levá-la para casa, como ameaçara fazer. O fato de ele ter voltado atrás e decidido levá-la era, com certeza, um bom sinal.

Infelizmente, Maggie não estava convencida de que conseguiriam sair daquele lugar.

Passava da meia-noite e o último cliente saíra há vinte minutos, mas Ryan ainda estava contabilizando os recibos. Demorando demais, se Maggie não estava enganada. Ela se encontrava sentada a uma das mesas, esfregando os pés doloridos. Fazia muito tempo que não passava tantas horas trabalhando como garçõete e atendente de bar. Havia esquecido o quanto aquela atividade era exaustiva.

Porém, por mais estranho que pudesse parecer, sentia-se exultante. Conseguira a quantia de cinquenta dólares em gorjetas e aquele era o único pagamento que pretendia ganhar por seus esforços. Mais importante fora o prazer que lhe proporcionara conversar com os clientes. Sentira falta daquele tipo de interação com as pessoas no seu último emprego. Ser contadora sênior de uma empresa talvez tivesse lhe dado mais prestígio do que servir mesas em um bar, mas não fora nem de longe tão divertido.

Ao percorrer o salão com o olhar, descobriu que Ryan havia desaparecido pela porta do escritório. Talvez pudesse apressá-lo, se fosse até lá e se mostrasse muito cansada. E isso não seria muito difícil, a julgar pela forma como se sentia.

Gemendo, ela se ergueu sem colocar os sapatos e caminhou com os pés calçados apenas com as meias finas, carregando os calçados, o casaco e a bolsa consigo. Encontrou Ryan sentado atrás da mesa anotando números em um livro-razão.

— Vou levar você daqui a pouco — disse ele, sem erguer o olhar. — Gosto de anotar esses números à noite, para não acumular trabalho e amanhã estar pronto para começar de novo.

— Mantém seus registros em um livro-razão? — perguntou ela, observando o pesado livro com olhar surpreso. Em seguida, olhou ao redor do escritório e não encontrou nenhum vestígio de um computador.

— Claro.

— Por que não informatizou seu sistema? Isso lhe pouparia tempo e teria tudo ao seu alcance na hora de calcular o imposto de renda.

— Isto funciona — disse ele, afastando tal ideia.

— Mas...

Ryan ergueu a cabeça, com um sorriso estampado nos lábios.

— Costuma vender computadores em seu tempo livre?

— Não, mas esse é o tipo de assunto do qual entendo. Poderia montar um sistema para você em pouco tempo. Percebi esta noite que, se você reorganizasse o estoque de bebidas, seria mais fácil identificar qual delas está acabando.

— Não preciso de um sistema. Já tenho um — explicou ele, paciente.

— Desatualizado, mas suponho que seja de se esperar — retrucou Maggie.

Ryan franziu a testa.

— O que quer dizer?

— Você está empacado em seus princípios em todos os aspectos de sua vida.

Por um minuto, Maggie pensou que ele fosse se ofender, mas em seguida Ryan sorriu.

— Deve lhe parecer assim, sendo você o tipo de mulher moderna.

— É assim — insistiu ela, ignorando a provocação. — Mas não vou pressioná-lo para que mude esta noite. Estou muito exausta para desperdiçar minha energia. — Maggie lhe retribuiu o sorriso. — Mas, como dizem, amanhã será outro dia.

— Não mudarei a forma como trabalho aqui — afirmou Ryan, enfático.

— Veremos — retrucou ela, em tom de voz jovial.

— Maggie!

— Não se preocupe com isso — tranquilizou ela. — Vou apenas me sentar ali, silenciosa como um rato, enquanto conclui seu trabalho. Nem perceberá que estou aqui.

— Duvido — murmurou ele entre dentes.

Maggie se acomodou em uma poltrona em um dos cantos do escritório e enfiou os pés sob o corpo. Dois minutos depois, se encontrava profundamente adormecida.

RYAN VERIFICOU os números uma última vez e deixou escapar um suspiro de satisfação. A regularidade dos números o agradava. Não havia nada de confuso ou questionável sobre os totais escritos no papel em branco e preto. As emoções, no entanto, eram bem diferentes.

E por falar em emoções, o que faria com Maggie?

Ergueu o olhar e a encontrou imersa em um sono profundo na poltrona. Em algum momento durante aquela noite, Maggie prendera o cabelo em uma espécie de rabo de cavalo, mas algumas mechas escapavam para lhe roçar as bochechas. O suéter verde-escuro estava retorcido e expunha alguns tentadores centímetros de pele cor de creme. Sentiu o coração acelerar diante de tal visão. Se ao menos tivesse o direito de escorregar um dedo por aquela faixa de pele delicada, de enfiar a mão sob o suéter e lhe tocar os seios fartos... Sentiu a garganta secar com tal pensamento.

Ryan engoliu em seco. Tinha de tirá-la dali e levá-la em segurança para casa, antes que fizesse algo estúpido e agisse baseado em um daqueles seus impulsos que se tornavam cada vez mais frequentes.

Cruzou o escritório e se agachou ao lado da poltrona. Apesar de suas boas intenções, não conseguiu resistir a esticar a mão e lhe afastar uma mecha de cabelo do rosto, detendo-se para sentir o calor da pele sedosa sob seu toque.

— Maggie? — sussurrou ele, com a voz de repente rouca. — Está na hora de acordar. — Murmurando algo, ela se remexeu, mas não abriu os olhos. Ryan suprimiu um gemido enquanto imagens de Maggie se remexendo daquele jeito em sua cama lhe preenchiam a mente. A visão de lençóis amarfanhados revelando aquelas pernas longas e desnudas o tentava. — Maggie — repetiu, em tom de voz mais urgente. — Está na hora de ir para a casa.

Ryan dissera aquela última frase para lembrar a si mesmo que “casa” era o lugar a que ela pertencia... A casa em que ela morava, não a dele.

Mais uma vez ela gemeu e se remexeu. Em seguida, com um suspiro, abriu os olhos e um sorriso lhe curvou os lábios.

— Olá — disse ela, com a voz suave.

— Ei, sua dorminhoca.

— Acho que cáí no sono. Que horas são?

— Passa de uma hora da manhã. Tenho de levá-la para casa.

O olhar de Maggie não vacilou.

— Eu poderia ficar aqui. E poupá-lo de uma viagem.

Ryan se ergueu e se afastou com tanta rapidez que quase tropeçou nos próprios pés.

— Não é uma boa ideia.

Maggie parecia estar se divertindo com aquela reação.

— Certamente tem um sofá onde eu possa dormir — retrucou ela, com expressão inocente. — A propósito, onde você mora?

— No andar de cima.

— Bem, é muito mais prático que perfazer todo o percurso até minha casa.

— Talvez, mas algo me diz que não quero me atracar com seu pai e irmãos que, provavelmente, consideram a ideia de você passar a noite aqui um pouco prematura.

Maggie sorriu.

— Prematura, mas não fora de questão?

— Maggie. — O nome foi dito com um misto de protesto e súplica.

— Quero apenas que as coisas fiquem muito claras entre nós — comentou ela.

— E eu terei um grande prazer em lhe dizer quando conseguir entendê-las — retrucou Ryan.

— Pensa que é o único a ter direito a uma opinião sobre isso — protestou ela, em tom de voz suave. — Está enganado, Devaney. Faço parte dessa equação.

— Não disse que sua vida está um pouco confusa no momento? — perguntou Ryan. — Não preciso piorar isso me intrometendo nela.

Maggie se ergueu da poltrona com um movimento gracioso e cruzou o escritório até que pudesse esticar a mão e lhe tocar o rosto.

Ryan sentiu aquele toque lhe percorrer o corpo até os pés.

— E se eu quiser me intrometer na sua? — perguntou ela.

— Por que iria querer isso? Não sou um homem de fácil convívio. Não permito que as pessoas se aproximem demais. Gosto da minha privacidade e de meu *status quo*.

Maggie soltou uma risada.

— Se está dizendo isso para me assustar, não surtiu efeito. Apenas tornou o jogo mais interessante.

— É isso que significa para você? Um jogo? Porque, se for isso, talvez tenhamos algo sobre o que conversar, afinal. Mas se quiser mais que isso...

— Ryan lhe sustentou o olhar. — Sou o homem errado.

Os olhos verdes não vacilaram.

— Acho que o tempo nos dirá se isso é verdade, certo?

Maggie se ergueu nas pontas dos pés e roçou os lábios nos dele. Um contato rápido, quente e suave que pedia mais. Muito mais.

Antes que Ryan pudesse se conter, puxou-a para outro beijo. Dessa vez, profundo e urgente. Estava apenas vagamente ciente da textura acetinada da boca colada à dele, do leve sabor de café e da fragrância agradável do perfume que ela usava.

O que de fato lhe prendia a atenção era o impacto fisiológico daquele beijo em seu corpo, o fluxo apressado do sangue nas veias e as chamadas que o consumiam, fazendo-o desejar mais... necessitar mais. O corpo macio e maleável se moldava ao dele, tão grudado como uma segunda pele, tão tentador e perigoso como nenhuma outra coisa que ele conhecia.

Ryan estava a ponto de puxá-la pela escada. Não para o sofá, mas para a sua cama, quando recuperou o bom senso.

Com a respiração ofegante, se afastou e passou uma das mãos trêmulas pelo cabelo.

— Sinto muito — disse ele.

— Eu, não — retrucou Maggie, soando mais triunfante do que abalada.

— Esperei a minha vida toda por um beijo como esse.

Alarmes dispararam na mente de Ryan.

— Foi apenas um beijo — afirmou ele, parecendo incomodado.

— É como dizer que a Guerra Revolucionária foi apenas uma discussão durante o chá.

A despeito de toda a resistência de Ryan, a analogia o divertiu.

— De fato houve a Festa do Chá de Boston — lembrou ele.

— Apenas a ponta do iceberg — contrapôs Maggie. — Mas tudo bem se foi apenas um beijo comum para você. Talvez então não se importe em

repeti-lo.

Ryan lhe percebeu o tom de provocação na voz dela e decidiu ignorar o desafio.

— Não esta noite. Pegue seu casaco e vamos embora daqui.

— Covarde — murmurou ela, enquanto passava por Ryan.

— Completamente — retrucou ele, sem reservas. Qualquer coisa além disso o faria tomar o tipo de decisão que fazia um homem viver para se arrepender.

Capítulo III

ERAM QUASE três da madrugada, quando Maggie se esgueirou para dentro de casa em silêncio. Porém, mal cruzou a soleira da porta da cozinha, a luz foi acesa e quase a matou de susto.

— Um pouco atrasada, não acha? — perguntou Katie, parecendo muito satisfeita por ter lhe dado um grande susto.

— O que está fazendo acordada? — perguntou Maggie, irritada. — Pensando melhor, o que está fazendo *aqui*? Pensei que voltaria para a sua casa.

— Já que minha irmã mais velha está visitando os pais, pensei em passar um pouco de tempo com eles também — disse Katie. — Imagine minha surpresa quando cheguei e não encontrei ninguém em casa. Esperei horas até que papai e mamãe chegassem.

Maggie pensou na satisfação dos pais diante da perspectiva de ficarem sozinhos em casa.

— Tenho certeza de que ficaram extasiados em encontrá-la aqui — retrucou Maggie, em tom de voz seco.

Katie franziu a testa.

— Na verdade, pareceram um pouco espantados. Por que seria?

Maggie exibiu um sorriso.

— Pense um pouco, está bem? — Relanceou o olhar à caneca de chocolate quente que a irmã estava tomando. — Tem mais um pouco disso?

— Há pacotes dele no armário. Eu o preparei no micro-ondas. — E, quando Maggie deu de ombros, Katie acrescentou: — Coloque alguns marshmallows por cima e não será capaz de sentir a diferença. — Ela se

ergueu. — Farei um para você. Sente-se e coloque os pés para cima. Parece exausta. O que fez esta noite?

— Nossos pais não lhe contaram?

— Fizeram alguns comentários sucintos sobre você estar na companhia de Ryan.

— Isso mesmo. Na verdade, eu o ajudei no bar.

Katie estacou no ato de colocar a caneca com o chocolate no micro-ondas e a encarou.

— Pensei que havia jurado que nunca mais serviria mesas, depois que trabalhou no Cape, naquele verão, durante a faculdade.

— Isso é diferente.

Katie sorriu.

— Porque Ryan estava lá — arriscou ela. — Ah, as coisas que fazemos por amor!

— Não estou apaixonada por ele — protestou Maggie. Estava fascinada, curiosa, atraída... mas amor? De jeito algum. Podia acreditar em tal sentimento, mas antes de experimentá-lo queria colocar os outros aspectos de sua vida em ordem.

— A meio caminho disso?

— Nem mesmo a meio caminho — insistiu Maggie, embora a lembrança do beijo de derreter os ossos que trocara com Ryan lhe fizesse o corpo arder em chamas outra vez. — Ele é um homem atraente, além de decente e complicado. Quero conhecê-lo melhor.

— No sentido carnal, imagino — disse Katie, maliciosa.

— Katie O'Brien, não devia falar essas coisas — protestou Maggie, indignada.

— Bem, se não quiser, é maluca. — Katie lhe entregou a caneca de chocolate derretido no leite com marshmallows por cima.

— Deixemos o assunto Ryan Devaney de lado por ora — Maggie disse. — E quanto a você? Com toda aquela agitação aqui em casa, quase não tivemos chance de conversar no feriado do Dia de Ação de Graças. Algum homem em sua vida?

— Nem sinal de um no horizonte — respondeu Katie. — O que faz o papai muito feliz.

— Mas gosta do seu trabalho, certo? Está feliz lecionando?

Katie sorriu.

— Amo aquelas crianças, apesar de nosso pai pensar que ser professora de jardim de infância seja quase como ser babá. Elas são tão ávidas por aprendizagem nessa idade! E a escola é pequena, portanto posso de fato conhecer bem cada criança e descobrir a melhor maneira de compreendê-las.

— De todos os irmãos, você é a mais parecida com mamãe. Tem uma paciência ilimitada e o dom de tornar o aprendizado divertido.

— Obrigada — agradeceu a irmã, claramente lisonjeada com o elogio. — Mas será um caminho muito fácil para acabar em uma armadilha. Com um piscar de olhos, estarei com 40 anos, solteira e tentando entender o que aconteceu. Não ajuda nada o fato de que a maior parte das pessoas que conheço hoje são professoras e mães.

— Oh, por favor. — Maggie resfolegou. — Acho que é muito cedo para se preocupar com isso.

Katie a encarou com uma expressão perceptiva.

— Não foi isso que a trouxe de volta para casa? Não acordou um belo dia e percebeu que estava insatisfeita com sua vida?

Maggie pensou sobre o assunto.

— De certa forma, sim. Não estava conhecendo pessoas interessantes e o trabalho era enfadonho. Não estava colocando em prática metade do conhecimento que adquiri em meu MBA. Precisava de novos desafios.

— Como eu disse, estava insatisfeita. Tem alguma ideia do que fará agora? Voltará para o Maine?

— Estou mantendo a casa por enquanto, mas não sei. Será difícil encontrar o tipo do trabalho que realmente almejo.

— Que é...?

— Algo em que eu possa utilizar de maneira mais eficaz minha formação e minhas habilidades pessoais.

— Como, por exemplo, administrar um bar? — perguntou Katie, em tom malicioso.

Maggie soltou uma risada, pensando na tentativa que fizera há pouco de convencer Ryan a atualizar seus métodos contábeis ou mesmo reorganizar o

estoque do bar.

— Se me decidir por isso, acho que terei de encontrar outro bar que não o de Ryan — respondeu, irônica. — Ele hesita diante da simples perspectiva de fazer a mais insignificante mudança.

Katie também riu.

— Isso quer dizer que tentou? O que fez? Começou a bagunçar com os procedimentos contábeis do homem?

— Apenas recomendei que ele considerasse informatizar a contabilidade do bar.

— E ele a mandou cuidar de sua vida?

— Mais ou menos.

— Então, claro, da próxima vez que for até lá, levará consigo alguns exemplos de planilhas e mostrará a ele como seria simples — adivinhou Katie.

Maggie levou a sugestão dada em tom de brincadeira a sério.

— Na verdade, não é má ideia.

— Oh, Mags! — falou Katie, fazendo um movimento negativo com a cabeça. — Dizer a um homem que ele está fazendo algo completamente errado não é a melhor forma de lhe conquistar o coração. Claro, talvez prefira arranjar um emprego a conquistar o coração de Ryan.

— E por que essas duas opções têm de ser conflitantes?

— Por que Ryan é homem — respondeu Katie, com ar sábio.

Maggie deixou escapar um suspiro.

— Sim, definitivamente.

A irmã lhe dirigiu um olhar especulativo.

— Você o beijou? — E, diante do rubor de Maggie, insistiu: — Você o beijou, certo? Foi bom?

— Oh, sim — murmurou Maggie. — Melhor que bom.

— Então esqueça o sistema financeiro desse homem. Concentre-se no que é mais importante.

— E o que seria?

— Se você não sabe... — respondeu Katie, com uma expressão compassiva. — Então nada do que eu disser a ajudará. — Ela se ergueu e

depositou um beijo rápido no rosto de Maggie. — Vou me deitar. Você não vem?

Maggie negou com a cabeça.

— Ainda não.

A preocupação vincou a testa de Katie.

— Mags, não analise essa situação ao extremo.

— Mais um conselho de uma mulher que não vê nenhum sinal de um homem no horizonte?

— Sim — respondeu Katie, com expressão séria. — Aceite um conselho da mulher que analisou tanto o grande amor de sua vida que acabou o perdendo. — Dizendo isso, disparou pela porta, antes que uma boquiaberta Maggie pudesse fazer qualquer comentário. Aquela era a primeira vez que Maggie tinha a notícia de que a irmã caçula perdera o homem de seus sonhos. Alguém na família saberia? Até onde sabia, todos pensavam que Katie estava feliz com a vida que levava, longe de pensar em se casar, como o pai desejava. Ao que parecia, estavam todos enganados. Nenhum deles nem ao menos suspeitava de que ela tivesse encontrado seu príncipe encantado, quanto mais que o tivesse perdido.

Somando a preocupação com a inesperada revelação de Katie aos seus já embaralhados pensamentos sobre o beijo de Ryan, ela concluiu que aquela seria uma noite longa.

COMO JACK Reilly não aparecera no bar na noite de sexta-feira, Ryan decidiu que a primeira coisa que faria na manhã de sábado seria procurá-lo. Na verdade se sentia aliviado por ter algo a fazer que pudesse ajudá-lo a afastar Maggie da mente, pelo menos por algumas horas. Duvidava que existisse algo capaz de bani-la permanentemente de seus pensamentos. Não depois daquele beijo que trocaram.

Ryan encontrou o detetive particular em uma quadra de basquete, alguns quarteirões adiante, jogando com um grupo de crianças da vizinhança. Quando avistou Ryan, Jack passou a bola para um dos meninos e se dirigiu a ele.

— Graças a Deus que você chegou. Essas crianças estão me exaurindo — disse o detetive, inclinando o corpo para a frente enquanto tomava fôlego. —

Nem sei desde quando fiquei tão fora de forma.

— Desde que decidiu passar as noites sentado em um banco de bar? — perguntou Ryan.

— Não acho que algumas cervejas tenham influência nisso. Provavelmente são os cigarros. — Jack pegou uma toalha dobrada sobre um banco e enxugou o rosto. — O que o traz aqui? Está à minha procura?

Ryan assentiu.

— Preciso de seu conhecimento profissional. — E então explicou todo o caso de Letitia Monroe e o filho. — Acha que consegue encontrar o pai?

— Se ele estiver usando cartões de crédito ou se arranhou um emprego novo, é provável que possa localizá-lo até o fim do dia — respondeu Jack, erguendo a mão quando Ryan começou a dizer algo. — Mas, se alguém deseja mesmo permanecer escondido, não há muito que se possa fazer para descobrir seu paradeiro.

— Duvido que o homem tenha planos de se esconder por muito tempo — disse Ryan. — Acho que foi uma decisão impulsiva. Provavelmente se assustou com toda a situação e fugiu. Mais cedo ou mais tarde, terá de trabalhar para ganhar algum dinheiro. Era uma família sem posses. Agora a sra. Monroe e a criança estão no abrigo St. Mary.

Um dos meninos que fizera uma parada para tomar água ouviu a conversa dos dois.

— Estão se referindo ao pai de Lamar?

Ryan assentiu.

— Você o conhece?

— Sim. Ele costumava trabalhar com o meu pai, até pedir demissão e desaparecer.

— Seu pai mencionou alguma coisa sobre o possível paradeiro dele? — perguntou Jack.

O menino lhe dirigiu um olhar cauteloso.

— Ele não está metido em nenhuma confusão, certo?

— Não do tipo que está pensando — Ryan o tranquilizou.

— Então talvez seja melhor vocês procurarem pelas docas. Às vezes ele trabalha lá. Meu pai disse que foi isso que ele lhe contou. Disse que o velho Monroe precisava apenas de algum tempo para pensar.

Jack bateu com a palma da mão contra a do menino, em um cumprimento esportivo.

— Obrigado, Rick. Fico lhe devendo essa.

— Isso significa que me dará outra aula naquele computador maneiro que você tem? — perguntou o garoto, esperançoso.

— Vá até a minha casa às cinco horas. Podemos passar mais ou menos uma hora no computador — prometeu Jack.

Um sorriso radiante se estampou no rosto do menino.

— Está bem!

Jack fez um movimento negativo com a cabeça, observando o menino desajeitado que, quase tropeçando nos próprios pés, voltava à quadra de basquete.

— Jamais conheci um menino tão ávido por aprender. Encontro-o na soleira da minha porta uma meia dúzia de vezes por semana, esperando que eu tenha tempo para lhe dar lições de informática. Ele aprende tão rápido que descobre coisas que nunca pensei em procurar. Muito em breve, será *ele* a me dar as lições.

— Acha que há consistência na sugestão do menino de procurar o pai de Lamar nas docas?

— Não há como saber até que eu vá lá. E farei isso agora. Depois passarei no bar e o porei a par do que descobri. Quando será a cirurgia do menino?

— Ainda não está marcada, mas imagino que seja na próxima semana ou na outra. É um procedimento de risco. O menino precisa saber que o pai estará ao seu lado.

— Então encontrarei uma forma de fazer isso acontecer — disse Jack, confiante.

— Precisa de um adiantamento? — perguntou Ryan.

— De forma alguma. Esta é por minha conta. Certifique-se apenas de ter uma cerveja gelada esperando por mim quando eu passar lá mais tarde.

— Obrigado.

— Ora, não há de quê. Não posso permitir que a vizinhança do bairro pense que você é o único bom samaritano da área. Preciso da minha cota daquelas lindas mulheres pelas quais vive cercado. Não me importaria de ficar com as que Rory rejeita.

Ryan soltou uma risada.

— Escolha qualquer mulher no bar e o apresentarei a ela.

— Vi uma ruiva lá na véspera do Dia de Ação de Graças... — começou o detetive.

Ryan enrijeceu.

— Exceto essa — acrescentou.

O olhar de Jack se estreitou.

— O que tem de errado com aquela? É casada?

— Não.

— Noiva?

— Não.

Um sorriso se estampou no rosto de Jack.

— Sua?

Ryan hesitou e, em seguida, deixou escapar um suspiro.

— Poderia ser. — Quer ele quisesse isso ou não.

MAGGIE ENTROU no bar pouco depois das três horas, carregando um laptop, uma impressora portátil e uma resma de papel.

Rory saiu da cozinha, observou-a entrar e se apressou em ajudá-la a carregar tudo aquilo.

— Está tentando ganhar uma hérnia? — perguntou ele. — O que significa tudo isto?

— Quero provar algo para Ryan. Ele está por aí?

— Ele foi até o abrigo, mas voltará logo. — O cozinheiro parou no meio do bar. — Onde quer que eu coloque isso?

— No escritório dele — respondeu ela, sem titubear.

Rory fez um movimento negativo com a cabeça.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Por que não?

— Ninguém entra no escritório de Ryan sem ser convidado.

— E por que isso?

— Porque é assim que ele quer. — Rory se limitou a justificar. — E, como algo me diz que ele não ficará muito feliz ao ver toda essa parafernália

tecnológica, talvez seja melhor não começar da maneira errada, entrando lá quando ele não está presente.

Maggie refletiu sobre o conselho.

— Talvez tenha razão. Coloque isso nos fundos do bar. Deve haver uma tomada por perto.

Mais uma vez, Rory negou com a cabeça.

— Se eu fosse você, escolheria um lugar bem escuro.

Maggie soltou uma risada.

— O salão do bar servirá.

Rory deu de ombros.

— Como quiser. Espero que não se incomode de eu voltar para a cozinha. Quero estar longe da linha de tiro, quando ele voltar. Quer que lhe traga um drinque ou algo parecido, antes de eu ir lá para dentro?

— Não, obrigada. Além disso, trabalhei neste bar ontem à noite. Se eu tiver sede, posso me servir de alguma coisa.

Uma expressão de aprovação se estampou no rosto redondo do cozinheiro.

— Tomando conta das coisas por aqui, certo? É isso aí. O pobre Ryan deve estar entrando em parafuso.

Maggie sorriu.

— Sinceramente, espero que sim.

— Bem, vou deixá-la com sua tarefa, então. Se precisar de algum conselho de um homem que o conhece bem, é só me procurar. Há muito pouco que eu não saiba sobre Ryan Devaney. E algo me diz que, se uma mulher conseguir lhe conquistar o coração, ele será o melhor marido do mundo. O truque está em conseguir conquistá-lo. Não fará isso do dia para a noite.

— Eu me lembrarei disso — respondeu Maggie, achando interessante que a opinião de Rory fosse tão parecida com a do padre Francis.

Enquanto esperava a chegada de Ryan, ela ligou o computador e a impressora. Em seguida, abriu seu programa financeiro empresarial.

Começou fazendo um inventário por categorias que podia imaginar para um bar. Satisfeita por ter conseguido se lembrar da maioria delas, ergueu o olhar para se deparar com a expressão fechada de Ryan.

— O que significa isso? — questionou ele, como se Maggie tivesse trazido objetos perigosos para seu bar.

— Uma demonstração grátis — disse ela, em tom alegre. — Venha ver.

— Não tenho tempo. Tenho um negócio a gerir. E já estou bastante atrasado para abri-lo.

— O que estou sugerindo facilitaria seu trabalho — argumentou Maggie.

— Isso é capaz de servir drinques?

Linhas profundas vincaram a testa de Maggie diante da pergunta sarcástica.

— Não, mas...

— Então não estou interessado — retrucou ele, sem rodeios. Em seguida, esticou a mão para pegar um avental, amarrou-o em torno da cintura e desapareceu pelos fundos do bar, deixando-a sozinha.

— Não se importe com Ryan — aconselhou o padre Francis, surgindo do nada e se sentando em um banco ao lado dela. — Ele acabará aceitando. Após uma infância cheia de surpresas, Ryan trabalha duro para manter as coisas constantes e habituais, agora que cresceu. Demora algum tempo até que ele se afeiçoe às pessoas que entram em sua vida e mais ainda para aceitar novas ideias.

— E eu estou transpondo os limites da zona de conforto onde ele se encontra — concluiu Maggie, pensativa, considerando a reação dele à nova perspectiva que estava lhe apresentando. — Talvez seja melhor recuar.

— Ora, por que deveria fazer isso? — perguntou o padre Francis. — São as mudanças que nos mantêm vivos. E a vida de Ryan é praticamente isenta delas.

— Se é tão fã de mudanças, por que não a convida para se intrometer nos seus assuntos da igreja? — perguntou Ryan em tom ácido, enquanto colocava uma xícara de café irlandês na frente do padre. — Imagino que tenha um sistema de informática ultrapassado, necessitando de revisão.

— Talvez o faça — retrucou o padre prontamente. — Na verdade, verei se temos verba para isso. Estaria interessada, Maggie?

Entretanto, ela estava mais interessada no fato de a expressão de Ryan ter se tornado ainda mais sombria quando o padre aceitou o desafio.

— Ficaria muito feliz em conhecer seu sistema e dar algumas sugestões — respondeu ela. — A consultoria é por conta da casa. Depois disso, veremos se há alguma coisa em que eu possa ser útil e discutiremos.

— Isso não é perfeito? — disparou Ryan, afastando-se para a extremidade do bar, onde atirou algumas canecas na pia com tanta força que era surpreendente não as ter quebrado.

Maggie suspirou.

— É melhor eu conversar com ele. Devo-lhe um pedido de desculpas por pressioná-lo tanto.

— Não, criança — retrucou o padre. — Ryan é quem precisa se desculpar. Dê-lhe um minuto e ele mudará de opinião em seu próprio tempo. Ryan sabe que está sendo insensato e costuma ter hombridade suficiente para admitir isso.

Maggie se recostou para trás, mas a espera parecia interminável.

Por fim, Ryan se aproximou dos dois com uma expressão de remorso estampada no belo rosto.

— Está bem. Eu estava errado. — Ele franziu a testa ao dirigir o olhar ao padre. — Mas o senhor estava me exasperando deliberadamente e sabe disso.

— Sei? — retrucou o padre Francis, com expressão inocente.

— Claro que sim. O senhor tem prazer em fazer isso, o que me faz imaginar por que eu o aturo. — Ryan se voltou na direção de Maggie. — Quanto a você, sinto muito. Sei que está tentando me ajudar. Mas eu não preciso desse tipo de ajuda. Administro este bar há bastante tempo. Sei como fazê-lo. Pode não ser o modo mais eficiente, mas para mim está bom.

— E não acredita que haja uma forma melhor? — desafiou ela.

Ryan sorriu.

— Pode haver, mas estou satisfeito com as coisas do jeito que estão. Quando estiver insatisfeito, eu lhe direi.

Maggie sabia reconhecer uma parede de tijolos quando colidia com uma.

— Estarei esperando notícias suas.

— No que concerne a esse aspecto, a espera pode ser demorada — preveniu ele.

— Tenho tempo — afirmou Maggie.

— E por que está tão ociosa? Não deveria estar começando a procurar outro emprego?

— Ainda não. Reservei as próximas semanas para pensar e decidir o que quero fazer. Tenho um MBA e não quero desperdiçá-lo.

Ryan franziu a testa.

— Então não meta na cabeça que este é o lugar onde poderá colocá-lo em prática. Você é qualificada demais.

— Está bem, está bem, entendi. Desistirei — disse ela, murmurando em seguida. — Por enquanto.

A expressão de Ryan se fechou.

— Ouvi isso.

Maggie lhe dirigiu um sorriso radiante.

— Apenas um aviso honesto — retrucou ela em tom animado, enquanto se erguia do banco.

— Está indo embora?

Maggie sorriu diante do leve desapontamento na voz de Ryan.

— Não tem tanta sorte assim. Na verdade, vou buscar um avental. Caso não tenha percebido, este bar está lotado. Maureen e Juan estão assoberbados de novo.

Ryan fez um movimento negativo com a cabeça.

— Muitas pessoas acham que férias devem ser aproveitadas em uma praia do Caribe nesta época do ano, e não servindo mesas em um bar.

— Não sou uma delas — retrucou Maggie, pegando um bloco de pedidos e se dirigindo a uma mesa com casais do outro lado do salão.

— Deus a abençoe — disse Maureen, quando ela passou. — Não sei de onde veio tanta gente esta noite, mas parece que estão todos cansados, irritados e famintos.

— Mais um dia de compras de Natal — sugeriu Maggie. — E isso só piora quando chega o desespero de não ter comprado tudo.

— Ora, essa é uma perspectiva animadora — comentou Maureen, erguendo o olhar para o céu. — Que os santos nos protejam dos mais desesperados.

Maggie anotou os pedidos dos três casais e mais um pedido para a banda, que acabara de se posicionar no palco. Ela o entregou com uma gorjeta para

o solista e levou os pedidos de jantar para Rory.

O cozinheiro exibiu um sorriso largo quando a viu.

— Vejo que ainda está inteira. Diga-me, conseguiu convencer Ryan a seguir sua linha de raciocínio?

— De jeito algum. A mente daquele homem é igual a uma pedra.

— Sim, tem razão. Estou esperando para colocar opções novas no cardápio, mas todas as minhas súplicas foram em vão — disse o cozinheiro, parecendo resignado.

— Por falar em experiências com o cardápio, onde está Rosita e sua receita de enchiladas? — perguntou Maggie.

— Eu a mandei para casa — respondeu Rory.

Maggie o encarou, indignada.

— Simples assim? Ela precisa do emprego.

Rory franziu a testa.

— Eu disse algo sobre demiti-la? Os tornozelos de Rosita estavam inchados. E não diga isso a Ryan. Não há necessidade de ela ser descontada no pagamento. Como você mesma disse, Rosita precisa de cada centavo para quando tiver o bebê.

Aliviada, Maggie sorriu para o cozinheiro.

— Ora, acho que as informações que tive sobre seu temperamento foram um pouco exageradas. Você é um doce.

— Só em relação às futuras mães, portanto nem pense em testar minha paciência — disse ele. — Exijo que os garçons e garçonetes estejam aqui para levar minhas refeições às mesas enquanto estão quentes. As de Maureen estão prontas. Pode levá-las.

— Sim, senhor — retrucou Maggie, enchendo uma bandeja com os pratos fumegantes e se dirigindo à porta.

Durante o restante da noite, houve pouco tempo para jogar conversa fora com alguém. Enquanto se movia de uma mesa para outra, Maggie sentia o olhar firme de Ryan a segui-la. Pouco antes da meia-noite, ele a puxou pelo braço e a levou para um banco nos fundos do bar.

— Sente-se. Maureen e Juan podem assumir tudo daqui para a frente. Comeu alguma coisa durante a noite? — perguntou ele.

— Não tive tempo — respondeu Maggie, suspirando enquanto retirava os sapatos.

Ryan emitiu um som desgostoso e se encaminhou à cozinha. Pouco depois, retornou com um grande sanduíche de queijo e presunto, além de uma tigela da encorpada sopa de batata de Rory.

— Não posso comer a esta hora — protestou ela.

— Pode e comerá — retrucou Ryan. — Não me responsabilizarei por mandá-la para casa faminta. Não me arriscarei a enfrentar a fúria de Nell e Garrett.

Maggie lhe sorriu.

— Sou uma mulher adulta e responsável por meus próprios atos.

— Eles sabem disso? Não são eles que se consomem de preocupação caso você se atrase alguns minutos? Não me disse isso, naquela primeira noite, quando entrou pela porta do meu bar?

— Ao menos prestou atenção em alguma coisa que lhe disse — retrucou ela.

— Prestei atenção em cada palavra que disse — afirmou Ryan. — Apenas selecione o que ignorar. — Ele gesticulou na direção do sanduíche intocado. — Depois que comer isso, eu a levarei para casa.

— Estou de carro.

— Então eu a seguirei até sua casa. Está muito tarde para você dirigir pelas ruas de Boston, sozinha. E, sim, sei que é uma mulher adulta, mas não é tola. Aceitará minha oferta e ficará agradecida por ela. Do contrário, serei eu a ficar preocupado durante toda a noite.

Maggie o encarou.

— É mesmo? Ficaria preocupado se eu fosse para casa dirigindo, sozinha?

Ryan deixou escapar um profundo suspiro.

— Sim, é mesmo.

Satisfeita, Maggie concedeu.

— Então pode me seguir até em casa, se concordar em entrar para tomar um café. Fechado? — perguntou ela, estendendo a mão.

Ryan a olhou nos olhos, a relutância estampada no belo rosto. Por fim, ele aceitou a mão estendida.

— Fechado.

Uma simples e tola concessão, mas Maggie sentiu como se os dois tivessem dado um passo gigantesco adiante. Agora, tudo que lhe restava era esperar para ver quantos passos para trás se seguiriam.

Capítulo SEI

O NERVOSISMO se apossou de Ryan quando ele se aproximou da residência dos O'Brien. Esperava encontrar a maior parte das luzes apagadas e a família recolhida, mas em vez disso, parecia estar acontecendo uma festa lá dentro.

Foi isso que ele disse quando se juntou a Maggie no caminho que levava à garagem.

— Eu não deveria aparecer de surpresa — disse Ryan. — Ao que parece, seus pais estão recebendo alguém.

— Bobagem — retrucou ela, entrelaçando o braço ao dele. — Acho que alguma parte da família apareceu de repente e resolveram jogar cartas ou algo parecido. Você será bem-vindo. Além disso, temos um acordo. Não pode voltar atrás agora.

Fora um acordo tolo. Ryan soubera disso no instante em que o fizera. Nunca deveria ter concordado em entrar naquela casa, onde havia tanto afeto. Aquilo o fazia ansiar por coisas que nunca tivera.

Ryan temia a perspectiva de entrar e de se ver envolvido no tipo de brincadeira provocadora que testemunhara quando a família de Maggie fora ajudar no abrigo do padre Francis. Aquele tipo de situação sempre o deixava desconfortável. Sempre acabava se sentindo mais solitário e intruso do que nunca.

Ryan suspirou e baixou o olhar para se deparar com o olhar compassivo de Maggie.

— Não terá problema algum — assegurou ela.

— Ficarei apenas pelo tempo de tomar uma xícara de café. Só isso — decidiu Ryan.

— Esse era o acordo — concordou ela, liderando o caminho em direção à porta da cozinha.

Dentro da casa, para surpresa de Ryan, dado ao adiantado da hora, encontraram uma balbúrdia. Seis pessoas estavam sentadas em torno da mesa da cozinha, cada um com uma pilha de fichas de pôquer à sua frente, fazendo um barulho equivalente a vinte pessoas.

— Você trapaceou — Katie acusou o pai, mal relanceando um olhar a Maggie e Ryan, que haviam acabado de entrar.

— Claro que sim — concordou um dos irmãos de Maggie.

Garrett O'Brien se ergueu, praticamente estremecendo de indignação.

— Que triste o dia em que meus próprios filhos me acusam de trapacear!

— Oh, sente-se — ordenou Nell. — Você trapaceou mesmo. Eu fui testemunha.

Garrett, perdendo parte da bravata, girou para Ryan, à procura de apoio.

— Pode imaginar a própria esposa de um homem dizendo uma coisa dessas?

Ryan sorriu, sentindo o nervosismo se dissipar. Podia imaginar Nell O'Brien falando o que quisesse para quem quisesse e esperando ser levada a sério.

— Bem, imagino que ela seja uma mulher que fala o que pensa — respondeu cauteloso, não sabendo exatamente como receberiam sua opinião.

— E sempre com sinceridade — acrescentou Katie. — Puxe uma cadeira, Ryan. Esses caras estão quase indo à bancarrota. Precisamos de alguém com os bolsos cheios de dinheiro para entrar no jogo.

Ryan sentiu o olhar de Maggie fixo nele.

— Está disposto? — perguntou ela. — Pode ficar um pouco mais?

Ryan ficou dividido entre a relutância e a perspectiva de jogar algumas boas rodadas de pôquer.

— Posso ficar.

— Tragam as cadeiras da sala de jantar, então — disse Garrett. — Vamos abrir a roda para lhes dar espaço. Maggie, traga uma cerveja para o rapaz.

— Prefiro um café — respondeu Ryan. — Tenho que dirigir de volta a Boston.

— Bobagem — discordou Nell. — Não quando há um quarto de hóspedes perfeito e vago esta noite.

— Conversaremos sobre isso quando chegar a hora — respondeu Ryan, recusando-se a se comprometer a ficar debaixo daquele teto com a tentadora Maggie dormindo ao fim do corredor.

Maggie colocou uma xícara de café na frente dele e, em seguida, ocupou a cadeira ao lado e se inclinou para perto para sussurrar:

— Este é o último ato de gentileza que pode esperar de mim. No que diz respeito ao pôquer, jogarei duro.

— Ouça o que ela diz — interveio Matt. — Nossa Maggie gostava de ficar acordada até tarde, jogando com os parceiros do papai, desde criança. Nosso pai permitia porque Maggie dividia seus ganhos com ele.

Ryan soltou uma risada, vendo Maggie com respeito renovado.

— Bem, teremos de esperar para ver se perdeu a prática, certo?

— Acredite, há coisas que uma mulher nunca esquece — retrucou ela, distribuindo as cartas com rapidez e eficiência profissionais.

Ryan provocou uma carranca em Maggie e vaías da família quando ganhou a primeira rodada. Quando foi sua vez de distribuir as cartas, fez uma demonstração elaborada e permitiu que Maggie cortasse o baralho.

— Para dar sorte — declarou ele.

— Obrigada — agradeceu Maggie, embora houvesse uma certa aspereza no tom educado que utilizou.

— Creio que não entendeu — disse ele, enquanto distribuía as cartas. — Era à minha sorte que estava me referindo.

— Oh, Deus, ele é um presunçoso — comentou Garrett, em tom de brincadeira.

— Com razão, eu diria — acrescentou Katie, quando baixou as cartas na mesa.

Nell, John e Matt a sucederam, seguidos pela esposa de John. Garret acrescentou as cartas à pilha com um xingamento abafado.

Ryan olhou Maggie nos olhos.

— Parece que é entre mim e você.

— Cubro sua aposta e acrescento um dólar — retrucou ela, sustentando-lhe o olhar.

— Uh-oh. Nossa Maggie está com aquele brilho do olhar — disse Matt.
— Tome cuidado, Ryan.

Mas ele estava plenamente ciente dos perigos que o cercavam toda vez que se encontrava próximo de Maggie. Aquele jogo de cartas era apenas a ponta do iceberg.

— Cubro sua aposta — retrucou ele, observando-a com olhar esperançoso.

— Tem certeza de que deseja fazer isso? — perguntou Maggie. — Ainda está em tempo de retroceder.

Ryan assentiu.

— Minha aposta está na mesa.

— Está bem, então. — Maggie baixou as cartas. — Três valetes.

— Muito bom — elogiou Ryan.

Maggie sorriu e esticou a mão para o dinheiro empilhado na mesa.

— Foi o que achei.

Ryan pousou a mão sobre a dela.

— Mas não bom o suficiente — disse ele, descendo uma trinca de reis sobre a mesa.

Maggie franziu a testa, enquanto ele recolhia o dinheiro.

Inclinando-se para perto, ele lhe sussurrou ao ouvido:

— Não faça beicinho. Avisei que a sorte estaria do meu lado.

Matt se encolheu na cadeira.

— Oh, meu irmão. Agora você ultrapassou os limites. Venceu e ainda tripudiou. Agora ela virá à procura de sangue.

Maggie exibiu um sorriso sereno.

— Podem contar com isso.

Ryan pensou que eles estivessem brincando, mas, para sua surpresa, Maggie venceu as próximas quatro rodadas. Ele lhe dirigiu um olhar divertido.

— Está se sentindo melhor agora?

— Muito melhor — disse Maggie, com um brilho satisfeito no olhar.

— Por que tenho a impressão de que esse jogo se tornou pessoal? — perguntou Katie. — Acho que vou dormir enquanto ainda tenho dois centavos no bolso.

— E eu tenho de chegar em casa antes que minha esposa me proíba de entrar — acrescentou Matt.

John trocou um olhar com a esposa.

— Acho que terminamos por aqui, também.

Dentro de dez minutos, só ficaram Ryan e Maggie na cozinha.

No silêncio que se seguiu, ele a encarou.

— Isso foi divertido.

Maggie pareceu surpresa.

— Apesar de ter perdido?

— Só porque perdi para você. Leva o jogo muito a sério. Porém, da próxima vez, saberei o que esperar de você. Não terá tanta sorte.

— O que quer dizer com isso?

— Que, quando está blefando, fica com um tique nervoso no canto do olho. Aqui — respondeu ele, tocando o ponto com um dos dedos. — E este canto de sua boca se ergue em um sorriso, que tenta suprimir. — Ryan lhe traçou o contorno do lábio inferior com o dedo para enfatizar o que dizia.

Maggie engoliu em seco.

— O que está fazendo?

— Apenas lhe explicando como você se entrega. É surpreendente que os outros não tenham notado. Mas, também, duvido que qualquer um deles esteja tão fascinado com seu rosto quanto eu.

A pulsação na base do pescoço delicado disparou.

— Ryan... — A voz de Maggie morreu.

Inclinando-se para a frente, ele lhe cobriu os lábios com os dele. Desejara fazer aquilo desde o início do jogo. Na verdade, estivera tão obcecado com a ideia que perdera a concentração na terceira rodada. Aquela fora a razão pela qual Maggie ganhara tantas vezes seguidas. A mente de Ryan estava longe das cartas.

— Você tem um sabor delicioso — sussurrou ele, contra os lábios macios. — E a fragrância das flores.

— Rosas — explicou ela, soando ofegante. — É meu perfume favorito.

Abalado com as emoções que o invadiam, ele se inclinou para trás, inspirou com dificuldade e passou uma das mãos pelo cabelo.

— Tenho de sair daqui.

— Mamãe o convidou para ficar.

— Não o faria, se soubesse o que está passando pela minha cabeça — retrucou ele.

Os olhos verdes de Maggie faiscaram de curiosidade.

— O que exatamente está passando por sua cabeça?

— Você — respondeu Ryan, optando pela franqueza. Talvez aquilo a assustasse e a fizesse agir com mais cautela em relação a ele. — Despi-la para poder tocá-la. Fazer amor com você pelo resto da noite.

— Oh, Deus! — sussurrou ela.

Ryan se levantou.

— E é por isso que tenho de sair daqui.

— Não. Fique — suplicou ela.

— Essa não é uma boa ideia — respondeu Ryan, esticando a mão para o casaco. Em seguida se inclinou e a beijou uma última vez. — Boa noite, Maggie.

— Boa noite — retrucou ela, com óbvia relutância, antes de se erguer e acompanhá-lo até a porta. — Poderia me telefonar, assim que chegar em casa?

— E acordar a casa toda? Acho que não.

— Ficarei preocupada se não ligar.

Ryan parou e a encarou. Ela parecia tão sincera.

— Não pode estar falando sério — disse ele, lutando com a estranha sensação que aquelas palavras provocavam.

— Ora, claro que ficarei preocupada. Está tarde. Quem sabe o que pode acontecer em uma estrada a essa hora? Deixarei o telefone ao lado da minha cama. Atenderei no primeiro toque. Não incomodará ninguém.

Aquela era a primeira vez em décadas que alguém expressava alguma preocupação sobre seu paradeiro ou segurança. Ryan esperava se rebelar contra aquilo, mas, em vez disso, o pedido de Maggie o aqueceu por dentro.

— Está bem, então eu ligarei — concordou por fim.

Maggie esticou a mão e lhe tocou o rosto.

— Não está acostumado a ter alguém que se preocupe com você, certo?

— Isso mesmo.

— Bem, isso vai mudar. Sou uma O'Brien, e nós nos preocupamos com tudo — disse ela, em tom leve.

— Então isso não é nada pessoal? — perguntou ele, escondendo o desapontamento.

— Oh, no seu caso, é bastante pessoal. Apenas não quero que se assuste com isso.

— Não estou assustado.

— Claro que está — provocou ela. — Mas não tem importância. Eu entendo. Em breve se acostumará comigo e com os outros.

Em breve? Ryan refletia sobre isso, no trajeto de volta a Boston. Será que um dia se acostumaria a ter alguém que se importasse com o que acontecia com ele? Ou teria seu passado destruído qualquer chance de isso acontecer?

— QUEM TELEFONOU altas horas da madrugada? Ou seria pela manhã? — perguntou Katie, sonolenta, quando a família se sentou em torno da mesa do café da manhã, antes da missa.

— Aposto em Ryan — arriscou Nell. Dirigindo o olhar a Maggie: — Estou certa?

— Pedi a ele que telefonasse quando chegasse em casa em segurança — explicou ela.

— Não conseguiu persuadi-lo a ficar? — questionou a mãe.

— Ele achou que não seria uma boa ideia — respondeu Maggie.

— Provavelmente por temer que o surpreendêssemos entrando, sorrateiro, no quarto de Maggie — acrescentou Katie.

— Mary Kathryn O'Brien, controle sua língua — repreendeu o pai. — Não gosto de ouvir esse tipo de conversa da minha própria filha.

Mas Katie se recusou a ser intimidada.

— Só porque morre de medo que isso pudesse acontecer e manchar para sempre a imagem de meninas que tem de nós, mulheres adultas.

— Isso é verdade — concordou Garrett facilmente. — E o que há de errado em um homem pensar que suas filhas se comportam como anjos, ao menos até o dia de dizerem seus votos no altar?

— Nada — Nell apaziguou a situação. — Desde que ele esteja preparado para admitir que está errado. Agora vamos encerrar este assunto para não

iniciar uma discussão, antes de assistirmos à missa. Maggie, virá conosco esta manhã?

— Estava pensando em assistir à missa na igreja St. Mary — admitiu ela.

— Acha que encontrará Ryan lá? — perguntou a mãe.

— Sempre há esperança — respondeu Maggie, em tom de voz suave.

— Bem, se o encontrar, traga-o com você para o nosso jantar de domingo.

— É preciso ser um homem corajoso para encarar esse bando dois dias seguidos. Duvido que terei alguma sorte em convencê-lo, mas tentarei se o vir.

Infelizmente, Maggie não teve a chance de fazê-lo. Não havia nenhum sinal de Ryan na igreja. Porém, quando ela encontrou o padre Francis por acaso depois da missa, ele se mostrou satisfeito em lhe informar que poderia encontrar Ryan no abrigo St. Mary.

— Ele gosta de passar um tempo com as crianças na manhã de domingo. Acho que o encontrará na companhia de Lamar Monroe hoje.

— Lamar? Ele nunca mencionou esse nome para mim — disse Maggie.

— É um garoto cuja atuação atraiu o interesse de Ryan. Ele fará uma cirurgia no fim desta semana.

— Entendo — respondeu Maggie, percebendo que havia mais naquela história do que o padre estava revelando. Porém, se quisesse saber do que se tratava, teria de arrancar de Ryan.

Maggie o encontrou, como o padre previra, sentado na beirada de um beliche, com um garoto ao seu lado, cujo olhar fascinado se encontrava fixado no livro que Ryan segurava. Maggie permaneceu escondida, observando os dois, enquanto ele lia uma história para o menino em uma voz tão animada que fazia a criança rir.

— Ele é maravilhoso para o meu filho — disse uma mulher em voz baixa, juntando-se a Maggie. — Sou Letitia Monroe.

— Maggie O'Brien.

— É amiga de Ryan?

Maggie imaginou se poderia se apropriar daquele rótulo. Perguntou-se se alguns beijos os tornaram amigos, quando havia tanta coisa que desconhecia em Ryan.

— Espero poder ser — disse ela, por fim.

Letitia Monroe sorriu.

— Então é isso? Está difícil conquistar esse homem?

— Eu diria impossível — retrucou Maggie, veemente.

— Sabe o que dizem sobre as coisas que valem a pena? — a sra. Monroe lembrou. — E vale a pena esperar por aquele.

— Tem razão.

Observando Ryan conseguir arrancar mais uma risada do menino obviamente doente, Maggie percebeu, com repentina clareza, que estava disposta a esperar o tempo que fosse preciso.

E então Ryan ergueu o olhar e a avistou.

— Olá, Maggie — disse ele, girando e dizendo algo em tom baixo que fez Lamar sorrir.

Ryan tocou o lugar vago ao seu lado.

— Venha se juntar a nós. Preciso terminar de ler esta história. Não posso deixar Lamar em suspense.

— Talvez ela possa fazer o papel da garota — sugeriu o menino. — Você fica estranho fazendo isso.

— Ora! — protestou Ryan. — Isso é maneira de tratar um homem que se está se humilhando para fazê-lo rir? — perguntou, em tom de brincadeira.

Maggie se sentou e esticou a mão para o livro.

— Permita-me — disse ela, com uma piscadela para Lamar. Concluiu a leitura das últimas páginas e suspirou ao ler: “Fim”.

— Você é muito boa nisso — elogiou Lamar, com um brilho de aprovação no olhar.

— Melhor que eu? — questionou Ryan.

Maggie revirou os olhos diante da pergunta, fazendo Lamar soltar uma risadinha.

— Diga que ele é melhor ou Ryan ficará resmungando o dia todo — ela aconselhou o menino.

— Sr. Devaney, o senhor é o melhor — obedeceu Lamar. — Mais uma vez, obrigado.

— Não há de quê, garoto. Virei visitá-lo antes que vá para o hospital, está bem?

— Está bem. — O sorriso do menino secou e ele dirigiu um olhar temeroso a Ryan. — Acha que conseguirá encontrar meu pai antes disso?

— Estou me esforçando — assegurou Ryan. — Farei tudo que estiver ao meu alcance para que ele esteja aqui, com você e sua mãe, antes da cirurgia.

— Obrigado. Mas não tem importância se não encontrá-lo. Não estou com muito medo. Eu e minha mãe ficaremos bem, desde que tenhamos um ao outro.

Maggie teve de morder o lábio inferior para não chorar diante da óbvia tentativa do garoto de parecer corajoso.

— Sei disso — respondeu Ryan. — Mas farei tudo que puder, assim mesmo. — Ele dirigiu o olhar a Maggie. — Está pronta?

— Claro. — Em um impulso, ela se inclinou e beijou o menino. — Cuide-se.

— Vou me cuidar. Volte quando puder, está bem? Gostaria de ouvir você lendo outra história. Nem sempre minha mãe tem tempo, e prefiro escutar do que ler.

— Eu virei, prometo.

Quando saíram do abrigo, Maggie deixou escapar um profundo suspiro.

— Qual é o risco da cirurgia de Lamar?

— É uma cirurgia cardíaca, portanto sempre há algum risco — respondeu Ryan, com expressão séria. — Mas terá uma grande chance de correr tudo bem, se ele entrar no centro cirúrgico se sentindo otimista.

— E por isso está tentando localizar o pai dele — arriscou ela.

Ryan confirmou gesticulando a cabeça.

— Ele fugiu quando foi informado da cirurgia. Como pediu demissão do emprego, isso os fez perder o seguro-saúde e a renda. Por isso, os dois acabaram indo para o abrigo.

— O padre Francis costuma lhe pedir ajuda para resolver casos como esse, certo?

— Ele sabe que farei o que puder.

— Isso compensa o que lhe aconteceu? — perguntou ela.

Ryan franziu a testa diante da pergunta.

— O que está querendo perguntar de fato?

— Percebi que está ansioso em ajudar Lamar a encontrar o pai. Alguma vez procurou pelo seu?

Maggie podia ver a tensão contrair as belas feições e enrijecer a mandíbula da Ryan.

— E por que diabos desejaria fazer isso? — questionou ele, irritado.

— Pela mesma razão que está tentando encontrar o pai de Lamar. Porque seu pai despedaçou seu coração quando o abandonou.

Ryan deu de ombros, em uma tentativa clara de se recusar a admitir o óbvio.

— Superei isso.

— Tem certeza?

— *Sim* — respondeu Ryan, enfático, as linhas que lhe vincavam a testa se aprofundando. — E não gosto de conversar sobre esta fase da minha vida. Nunca.

— Talvez devesse.

— E talvez devesse se meter com a sua própria vida!

Ryan a deixou parada no meio da calçada observando-o se afastar, perplexa diante da explosão de raiva.

— Ora, diabos! — resmungou ela, limpando as lágrimas que lhe rolavam pelo rosto.

Ainda se encontrava parada no mesmo lugar, em dúvida se devia segui-lo, quando Ryan reapareceu na esquina.

Maggie o observou inspirar profundamente, aprumar os ombros e caminhar em sua direção.

— Desculpe — disse ele. — Não deveria ter sido tão grosseiro.

— Não — concordou ela. — Não deveria, embora eu entenda por que o fez.

— Minha família é um assunto doloroso.

— Percebi.

— Então não toque mais neste assunto, está bem?

Maggie o encarou com olhar penetrante e negou com a cabeça.

— Não posso lhe prometer isso. Não quando é tão óbvio que o que aconteceu com eles moldou toda a sua vida.

Ryan lhe sustentou o olhar com evidente exasperação.

— Droga! O que quer de mim? Invadiu minha vida e age como se, de repente, eu fosse uma missão sua.

— Talvez seja exatamente isso — rebateu ela. — Deve haver alguma razão para explicar o fato de eu continuar procurando um homem tão mal-humorado e irritadiço como você.

Os lábios de Ryan se curvaram de leve.

— Sente atração por homens mal-humorados e irritadiços?

— Acho que sim — admitiu ela, com expressão deliberadamente resignada.

Os lábios sensuais se curvaram em um sorriso largo.

— Sorte minha.

Maggie retribuiu o sorriso.

— Tente se lembrar disso.

— Oh, imagino que me dará muitos motivos para questionar isso.

— É a minha missão, lembra-se? — retrucou ela, anuindo.

— Maggie...

Tocando-lhe o lábio com um dedo, ela o silenciou.

— Apenas aceite isso. Estou aqui para ficar.

— Mas por quê? — perguntou Ryan, claramente intrigado.

— Por causa daquele jeito mal-humorado e irritadiço — lembrou ela. — Sou ávida por desafios. — Envolvendo o pescoço largo com uma das mãos, baixou-lhe a cabeça para facilitar o acesso aos lábios de Ryan. — Mas não há nada de mal que, além disso, você saiba beijar muito bem. — Maggie piscou. — Tenho de ir para casa. Por falar nisso, mamãe o convidou para o jantar de domingo. Ela insiste.

— Hoje não posso.

— Tem coisa melhor a fazer? — perguntou Maggie, nem um pouco surpresa com a recusa, mas determinada a não pressioná-lo dessa vez.

— Não. Coisas mais seguras a fazer — retrucou ele.

Maggie soltou uma risada.

— Vejo-o outro dia, então.

Quando ela estava quase alcançando o próprio carro, bastante satisfeita consigo mesma, apesar de Ryan não ter aceitado o convite para jantar, ele a chamou.

— Ei, Maggie! — No mesmo instante, ela girou com expressão questionadora. — Dirija com cuidado.

— Sempre dirijo com cuidado.

— E me telefone quando chegar em casa, está bem?

Ora, ora, ora, o homem estava aprendendo, pensou ela.

— Está bem — prometeu.

Maggie percebeu que ele ainda estava parado na calçada, observando o carro se afastar, quando virou a esquina e o perdeu de vista. Ryan parecia tão só que ela quase deu a volta no quarteirão e exigiu que fosse para casa com ela. Poderia tê-lo persuadido, se tivesse se esforçado.

— Um passo de cada vez — murmurou para si mesma. No momento, eram passos trôpegos de um bebê, dois para a frente, meia dúzia para trás. Mas, depois daquela manhã, tinha a sensação da iminência de um salto gigantesco à frente.

Capítulo 0110

NOS DIAS que se seguiram, Maggie se policiou para não pressioná-lo muito. Não queria arriscar o progresso que fizera até então.

Mas tal decisão não a afastou do Ryan's Place. Apareceu no bar quase todas as noites, sempre encontrando um jeito de se fazer útil. Qualquer dia desses, Ryan descobriria que não conseguiria mais viver sem ela.

Ao mesmo tempo, evitou qualquer outra menção ao sistema contábil do bar. Não havia sentido em antagonizá-lo quando estavam fazendo um belo progresso em outras áreas. Cedo ou tarde, Ryan confiaria nela o suficiente para dar ouvidos aos seus conselhos financeiros. Maggie não parou para se questionar por que estava tão determinada a se fazer indispensável em um pequeno negócio, quando deveria procurar uma posição em uma grande corporação, onde pudesse pôr em prática os conhecimentos adquiridos no MBA.

Enquanto isso, organizava os livros contábeis da igreja St. Mary. O padre Francis não possuía um vestígio da relutância de Ryan no que dizia respeito aos conhecimentos de Maggie. Na verdade, parecia extasiado em ter alguém que tomasse conta da tarefa de lidar com o caótico sistema de informática que a igreja utilizava há décadas.

Quanto ao abrigo, não havia sistema algum lá. Quando surgia uma necessidade, recorria-se às doações. O dinheiro entrava e saía de maneira tão aleatória que faria um fiscal do imposto de renda ranger os dentes. Maggie não duvidava nem por um segundo que o dinheiro fosse gasto em qualquer outra coisa que não as despesas legítimas, mas não havia registros para provar.

Observou, impotente, a pilha de recibos desorganizada que estivera atochada em uma gaveta.

— O que você estava pensando? — perguntou Maggie ao padre Francis.
— Tem alguma ideia do caminho perigoso que vem seguindo? Se houvesse uma auditoria... — Maggie estremeceu só de pensar.

— Está um pouco bagunçado, certo? — admitiu o padre Francis, não parecendo nem um pouco envergonhado. — Mas não vejo a necessidade de tanta preocupação. Temos coisas mais importantes a fazer. Se há dinheiro, nós o gastamos com os que precisam de nossa assistência. Se não há, vamos à luta e conseguimos o que precisamos. Por que complicar as coisas?

Maggie gemeu diante daquela lógica.

— Já entrou com o pedido para o abrigo ser reconhecido como entidade sem fins lucrativos?

— É uma extensão da igreja — respondeu ele, como se aquilo resolvesse a questão.

— Mas nenhum dos fundos ou atividades estão registrados nos livros contábeis da igreja.

O padre se recusava a entender o âmago da questão, acreditando piamente que a missão e a boa intenção do abrigo o isentariam de qualquer fiscalização.

Maggie tentou outra vez.

— Poderia aumentar o número de doações se as pessoas pudessem deduzi-las no imposto de renda. Em vez disso, está dependendo de arrecadações extras na igreja. Por que não alcançar toda a comunidade? Por que não abrir uma sólida conta corrente com fundos disponíveis para uma emergência? Se possuísse esses fundos, não teria sido necessário recorrer a Ryan para ajudar na cirurgia de Lamar. E ele poderia deduzir tal doação no imposto de renda.

— Ryan não ajuda para ser recompensado — insistiu o padre, com expressão obstinada.

— Sei disso — retrucou Maggie, claramente exasperada. Mas essa poderia ser uma ação na qual os dois lados sairiam ganhando.

— Poderia chamar isso de aperfeiçoamento de um ato altruísta de bondade? — perguntou o padre, sensato.

Maggie suspirou. Como poderia argumentar com uma lógica daquelas?

— Não vai nem ao menos considerar me permitir montar um sistema? Está se saindo tão cabeça-dura quanto Ryan.

Ao que parecia, aquela era uma acusação que o padre não conseguia ignorar. O suspiro que ele deixou escapar foi tão profundo quanto o de Maggie.

— Acha mesmo que isso é importante?

— Sim.

— E quem vai cuidar da manutenção dos registros que isso requer?

— Eu.

Pela primeira vez desde que haviam começado toda aquela discussão, o padre sorriu.

— Bem, então... Se está prometendo se encarregar disso, vá em frente. O abrigo está sempre precisando de voluntários. — O padre Francis lhe dirigiu um daqueles olhares sagazes que Maggie passara a considerar suspeitos.

— Talvez se interesse por ajudar as crianças que estejam com dificuldades em matemática, enquanto está aqui. O instrutor dessa disciplina se mudou recentemente.

— Não me ofereci... — começou ela, mas o padre lhe interrompeu o protesto.

— Sei que não se ofereceu — concedeu ele. — Estou lhe pedindo. Sua ajuda seria uma bênção para essas crianças.

Maggie fez um gesto negativo com a cabeça, diante da sagaz manipulação do padre.

— Não é de se admirar que este abrigo não necessite de um levantamento de fundos formal. Aposto que o senhor é capaz de, sozinho, arrancar dinheiro até do mais sovina dos homens.

— Na verdade, o Senhor é quem o dá — retrucou ele, com devotada inocência. — Apenas dou um empurrãozinho aqui e ali para apontar o caminho. Ajudará as crianças?

— Quando? — perguntou Maggie, resignada.

— Acho que às terças-feiras, após o período da escola, é um bom dia para as aulas particulares. Costumam ter testes nos finais de semana. E ainda não estão cansados de estudar, como nas quintas e sextas-feiras.

— Está bem. Virei às terças-feiras. Chegarei mais cedo e trabalharei na contabilidade.

O padre fingiu uma expressão preocupada.

— Isso não irá atrapalhar seu trabalho, certo? Não gostaria de interferir em sua necessidade de ganhar dinheiro.

— No momento, não estou trabalhando, como sabe muito bem. Quando encontrar um emprego, teremos de fazer os ajustes necessários.

— É uma boa menina, Maggie O'Brien.

— Ou uma idiota — murmurou ela.

O padre sorriu.

— De forma alguma. Teve o bom senso de se apaixonar por Ryan Devaney, não é mesmo?

Maggie o encarou com expressão desanimada.

— Eu nunca disse que estava apaixonada por ele.

— Não é necessário. Basta ver o brilho em seus olhos quando estão perto um do outro.

— Então deve ser por isso que ele entra em pânico quando eu me aproximo — retrucou ela, desistindo de qualquer tentativa de negar o óbvio. Resistira a rotular seus sentimentos, mais pelo bem de Ryan do que dela. Talvez estivesse na hora de admitir que aquela fascinação inicial se transformara em algo mais profundo.

O padre lhe deu uma palmada leve na mão.

— O pânico desaparecerá com o tempo. Ryan também não é tolo. Um dia enxergará o que está à frente dele.

— Que Deus o ouça — retrucou Maggie, fervorosa.

O padre Francis a observou com ar sereno.

— Sim, criança, é assim que tem de ser.

RYAN ESTAVA começando a se acostumar à presença de Maggie no bar todas as noites, antes da hora do jantar. Algumas vezes, ela se sentava ao balcão, flertando descaradamente com ele. Em outras, se acomodava a uma das mesas com o padre Francis, repreendendo-o sobre o método contábil da igreja e lhe relanceando olhares sub-reptícios. E, com frequência cada vez maior, sempre que o bar estava muito cheio ela retirava um avental do

cabide na cozinha e servia as mesas, recusando-se a aceitar qualquer pagamento, além das gorjetas deixadas pelos clientes. Rory e Maureen passaram a considerá-la parte do quadro de funcionários. Juan e Rosita a viam como um anjo.

Quanto a ele, ainda estava lutando com a indecisão do que fazer com ela.

— É independente financeiramente? — questionou Ryan uma noite, faltando uma semana para o Natal, quando mais uma vez Maggie recusou sua oferta de dinheiro.

— Longe disso, mas tenho algumas economias. Além disso, não considero isto aqui um emprego — insistiu Maggie mais uma vez. — No momento, disponho de tempo. Gosto de estar aqui. Seus clientes são as pessoas mais simpáticas que já conheci. Enquanto eu estiver aqui, posso muito bem ajudar. É óbvio que está precisando.

— Isso eu não posso negar — disse ele.

Maggie o encarou com um olhar esperançoso que lhe fez enfraquecer os joelhos e enrijecer outras partes do corpo.

— E, se pretende me roubar um beijo de vez em quando, será um grande incentivo para valer a pena minha permanência aqui — provocou ela.

Aquela mulher seria capaz de fazer um santo cair em tentação, pensou ele, enquanto Maggie o encarava. Incapaz de resistir, Ryan lhe envolveu a cintura com um dos braços.

— Ora, isso é algo que posso fazer — disse, antes de se apossar dos lábios sedosos até que ambos experimentassem um arrepio de prazer.

No entanto, aquele era um jogo arriscado. Ryan desejava muito mais que um beijo. A atração que sentia por Maggie vinha aumentando a cada dia, até que ele se descobriu lutando a cada minuto para não a arrastar para seu apartamento.

Jurara não permitir que ela o tentasse a cometer um erro do qual, mais tarde, os dois se arrependeriam. Não importava o quanto Maggie estivesse impregnada em seu organismo, agiria com sensatez e manteria as mãos longe dela. Ainda assim, não conseguia deixar de imaginar como seria livrá-la daqueles suéteres grossos e macios que ela estava usando, retirar-lhe o jeans justo, a calcinha de renda sobre a qual fantasiava e se enterrar dentro dela. Há muito não desejava tanto experimentar aquele tipo de proximidade

com uma mulher, a intimidade verdadeira que ia além do sexo. Em vez disso, se decidiu por beijos ocasionais, mantendo-os deliberadamente breves para lhe permitir preservar a sanidade.

Pela primeira vez em sua vida estava tentando agir da maneira correta. Não que Maggie fizesse qualquer coisa para ajudá-lo naquele sentido. Não demonstrava nenhum acanhamento em usar as próprias mãos para atormentá-lo. Estava sempre lhe acariciando as juntas dos dedos, tocando-lhe o rosto. Em uma ocasião especial e memorável, havia entrelaçado os dedos aos dele e pressionado um beijo nas mãos unidas em um gesto impulsivo, enquanto o olhava fundo nos olhos, de uma forma que quase o fizera perder a cabeça e esquecer o próprio nome. Oh, sim, a srta. Maggie tinha mania de tocá-lo, e aquilo o estava levando à loucura.

O padre Francis deixava claro que achava toda aquela situação extremamente divertida. Sempre que julgava que Ryan não estava atormentado o suficiente, arranjava um jeito de lhe atrair a atenção de volta a Maggie, fazendo algum comentário a respeito dela, apenas para lembrá-lo o quanto ela era desejável. O padre se tornara um alcoviteiro obstinado, que não tinha nenhum pudor dos métodos que empregava. Rory agia da mesma maneira. Até mesmo a família de Maggie parecia ter aprovado o casal, aparecendo (sozinhos ou em grupos) para se sentar no bar ou ocupar uma mesa no Ryan's Place.

Pareciam ter adotado Ryan como mais um membro da família, sem nem ao menos esperar que sua relação com Maggie se formalizasse.

Com tantas pessoas abençoando aquela união, Ryan talvez estivesse se sentindo tentado a se envolver em uma relação com Maggie-das-mãos-persistentes... se ela fosse outro tipo de mulher. Mas Maggie era adepta do "felizes para sempre". Um vislumbre da família O'Brien era evidência suficiente.

Infelizmente, Ryan sabia melhor que ninguém que aquele tipo de coisa não existia. Algum dia, um homem a decepcionaria e ela tomaria conhecimento da realidade, mas não seria ele.

Além disso, não conseguia descartar a ideia de que Maggie o adotara como o faria com qualquer gato abandonado de quem tivesse piedade. Um dia ela se cansaria dele e procuraria um homem cujo coração não fosse de

pedra. Como o abandono fora um trauma para ele durante todos aqueles anos, não pretendia se arriscar a passar pela mesma experiência uma segunda vez.

Mas nada daquilo lhe dissipava o desejo por Maggie. Naquele exato momento, ela cruzava o salão, conversando com um cliente. O cabelo ruivo cascadeava sobre os ombros em ondas brilhantes e o rosto estava lindo, apesar de desprovido de qualquer maquiagem, com exceção de um batom claro.

Ryan a observou e quase não conseguiu conter um suspiro.

— Não se sentiria tão frustrado, rapaz, se tomasse uma iniciativa em relação à dama — comentou Rory.

— Acertou em cheio — retrucou ele, sem desviar o olhar de Maggie. — Ela é uma dama.

— Mas acho que iria descobri-la mais do que interessada.

Ryan não duvidava disso. Na verdade, havia tantos sinais e apelos tácitos eletrizando a atmosfera entre eles que era surpreendente que alguns clientes do bar ainda não tivessem tomado um choque.

— Não é essa a questão — disse Ryan, irritado.

— Não haverá nenhuma recompensa pela santidade nesse caso — afirmou Rory.

— Não estou procurando nenhuma recompensa. Estou tentando agir com sensatez. Não tenho nada a oferecer a uma mulher como Maggie.

— Ela parece pensar o contrário.

— Porque ela não me conhece bem — argumentou Ryan. Maggie não sabia que ele não possuía um coração e que não lhe restara amor para dar. Ainda assim, mesmo com o que sabia, Maggie descartara a possibilidade de que ele nunca se permitiria se apaixonar, casar ou se arriscar a desapontar uma família, como seus pais fizeram. Ela estava se iludindo, porque queria acreditar no melhor dele.

— Mais uma vez, repito que ela pensa exatamente o contrário — argumentou o cozinheiro. — Maggie parece saber tudo de que precisa.

— Então cabe a mim protegê-la de si mesma.

— Ela não lhe agradecerá. As mulheres não costumam gostar que os homens pensem por elas.

Ryan lhe dirigiu um olhar pesaroso.

— Não estou esperando agradecimentos da parte dela. Um homem protege a mulher de quem gosta porque é a coisa certa a fazer.

— Está de volta à maldita tentativa de agir como um santo — repreendeu Rory. — É um mero mortal. Por que não agir como tal?

— É isso que você faz? É por isso que qualquer mulher que cruze a soleira da porta deste bar entra em sua mira?

— O que quer que aconteça entre mim e qualquer mulher faz parte de uma decisão mútua — contrapôs Rory. — É por isso que penso nelas como seres iguais a mim e as respeito por terem suas próprias opiniões. Talvez devesse dar a Maggie algum crédito por ter a dela.

Havia sentido no que Rory estava dizendo. Ryan era capaz de admitir aquilo, mas não podia se ater a tal pensamento. Se o fizesse, o jogo estaria perdido.

Maggie e ele teriam um prazer momentâneo, mas logo o arrependimento bateria à porta dos dois.

Não, era melhor fazer as coisas a seu modo... Embora estivesse pensando para se lembrar por quê.

* * *

A CIRURGIA de Lamar estava marcada para a manhã de sexta-feira. Como, à meia-noite de quinta-feira, Jack Reilly não possuía nenhuma pista do paradeiro do pai do menino, Ryan decidiu que teria de assumir o comando da situação. Se houvesse a mais ínfima chance de o sr. Monroe estar em algum lugar no porto de Boston, iria encontrá-lo, antes que o menino entrasse no centro cirúrgico na manhã seguinte.

— Não pode estar falando sério — disse Jack, quando Ryan lhe pediu para relatar todos os lugares em que havia procurado. — Se não o encontrei é porque ele não está lá.

— Recuso-me a aceitar isso — retrucou Ryan, ciente de que Maggie se aproximara e escutava a conversa. — Vai me dizer o que quero e poupar

meu tempo ou terei de passar a noite toda procurando por todos os lugares onde já estive?

Jack deixou escapar um suspiro.

— Esqueça. Vou com você. Talvez tenhamos sorte.

— Também vou — anunciou Maggie, correndo para pegar o casaco e a bolsa.

Mas Ryan a impediu, franzindo a testa ao encará-la.

— Está tarde. Não tem nada de perambular por lá a uma hora dessas.

— Você vai, certo? — Maggie lhe sustentou o olhar com a mesma expressão contrariada. — E se alegar que pode ir porque é homem, serei obrigada a derramar uma caneca de cerveja na sua cabeça. — Ela esticou a mão e pegou uma delas, para enfatizar o que dizia.

— Maggie — protestou ele, suspirando em seguida, diante do semblante determinado e a forma como ela segurava a caneca de cerveja com força. — Está bem. Então vamos. Não temos tempo a perder discutindo.

— Que capitulação graciosa — disse ela, enquanto pousava a caneca de cerveja no balcão e passava por ele.

Jack dirigiu um olhar compassivo a Ryan.

— É uma mulher de personalidade, certo?

— Nem me diga! — retrucou Ryan, em tom de voz irritado.

Juntos, os três passaram um pente fino nos bares ao longo da zona portuária.

Conversaram com pescadores e com os trabalhadores das docas que começavam a chegar para o turno da madrugada. Quando eles se mostravam relutantes em dizer alguma coisa, Maggie interferia e os estimulava a falar com seu charme. Mas apesar de todo o esforço, ninguém se lembrava de um homem que se encaixasse na descrição de Jamal Monroe.

— Droga! Aquele garoto não pode entrar para a cirurgia pensando que o pai não gosta dele o suficiente para estar lá — disse Ryan, quando estavam se encaminhando a uma pequena cafeteria, lotada com um grupo barulhento de homens rudes, que passavam suas vidas na água. Ryan fechou as mãos em torno da caneca de café encorpado, agradecido pelo calor depois de passar horas exposto ao ar frio e úmido.

— Vamos nos certificar de que isso não aconteça — declarou Maggie, exibindo uma confiança inabalável.

De repente, uma sombra se projetou sobre a mesa em que os três estavam. Ryan ergueu o olhar para se deparar com um par de olhos cor de chocolate que faiscavam com raiva e suspeita.

O homem parecia aquecido, com roupas gastas, porém limpas. Era muito magro e o rosto moreno deixava claras a exaustão e a tensão.

— Ouvi dizer que estiveram fazendo um monte de perguntas sobre Jamal Monroe — disse ele. — Por quê?

Ryan suspeitou que aquele fosse o pai de Lamar, embora o homem não tivesse admitido aquilo. Ele gesticulou na direção de uma quarta cadeira à mesa.

— Junte-se a nós. Que tal uma caneca de café ou um desjejum?

O homem hesitou, mas a isca da bebida quente ou da comida pareceu fisgá-lo. Com um aceno respeitoso de cabeça para Maggie, o homem se sentou, mas não retirou o casaco, como se pretendesse estar pronto para sair correndo se fosse necessário.

Ryan não disse nada até que a garçonete trouxesse o café e o pedido do homem. Em seguida, ele o encarou.

— Estivemos empenhados em uma busca infrutífera durante horas. Acho que não tem ideia de como podemos encontrar Monroe, certo?

— É possível que sim — retrucou o homem, cauteloso. — Mas ainda não me disse por que está tão ansioso para encontrá-lo. São amigos dele?

— Não. Nem ao menos o conhecemos — admitiu Ryan, mantendo o olhar fixo no do homem. — É sobre o filho dele, Lamar.

Um brilho de reconhecimento se estampou nos olhos do homem, juntamente a algo mais. Medo, talvez.

— Conhece o filho dele? — perguntou o homem.

Ryan assentiu com a cabeça.

— E a esposa. Eles estão no abrigo de pessoas carentes da paróquia St. Mary.

Dessa vez não havia como confundir a reação do homem.

— Por que estão lá? — perguntou ele, com uma carga maior de emoção na voz. — Tinham um apartamento decente quando eu... — O homem

pareceu nervoso com o que deixou escapar e se apressou em corrigir. — Quando *ele* partiu.

Quando Ryan concordou com um gesto de cabeça, Maggie continuou em tom de voz gentil:

— Eles precisaram de ajuda. Sem o sr. Monroe em casa, não conseguiram sobreviver lá. E Lamar precisa ser submetido a uma cirurgia, mas, como o sr. Monroe se demitiu do emprego, o seguro-saúde foi cancelado.

Os ombros do homem se curvaram e os olhos cor de chocolate se encheram de lágrimas.

— Droga, não tinha intenção de fazer as coisas chegarem a esse ponto — disse ele, com a voz embargada. — Pensei em retornar a tempo de consertar tudo. Precisava apenas de algum tempo sozinho para pensar.

Ryan e Jack trocaram um olhar significativo.

— Então você é Jamal — disse Ryan, em tom de voz suave.

O homem assentiu.

— Embora seja um péssimo marido e pai, amo aqueles dois.

— Então por que os abandonou? — perguntou Ryan, mal conseguindo disfarçar o tom acusatório na voz.

— Se sabe sobre a cirurgia, então provavelmente tem conhecimento de que a condição de Lamar é hereditária. Ele herdou isso de mim — retrucou Jamal, com a voz cheia de culpa.

— Mas não é culpa sua — argumentou Maggie, enfática, pousando a mão sobre a do homem. — Não sabia que tinha esse problema, portanto como poderia prever que passaria isso ao seu filho? Ninguém está culpando você.

— *Eu* estou me culpando — respondeu Jamal, enérgico. — Porque a verdade é que eu sabia. No instante em que o médico começou a falar, lembrei-me dos problemas que tive quando criança.

— Você teve um problema cardíaco que necessitava de cirurgia? — perguntou Ryan, surpreso.

Jamal assentiu com a cabeça.

— Eu era mais novo do que Lamar e passei muito tempo no hospital. Meus pais nunca me explicaram muito bem do que se tratava e eu era muito pequeno para entender, mesmo que tivessem me explicado. Não estava em idade escolar ainda, portanto devia ter três anos, talvez quatro. Quando fui

operado, pude fazer tudo que queria e não demorou muito para que todo aquele sofrimento se apagasse da minha memória. Os anos se passaram e, por fim, era como se aquilo tivesse acontecido com outra pessoa. Nunca me ocorreu que pudesse passar esse problema a um filho.

— Isso é perfeitamente normal — Maggie o tranquilizou, lançando um olhar afetuoso a Ryan. — As pessoas nunca consideram as heranças genéticas antes de terem filhos. Apenas se apaixonam, casam e constroem uma família. A não ser que tenham lidado com um mal congênito durante toda a vida, essa é a última coisa que lhes passa pela cabeça. Letitia não o culpa pela doença de Lamar. E, certamente, seu filho também não. Se eles não o culpam, por que continua tomando para si essa responsabilidade? Está na hora de se perdoar também, por ter sido humano e fugido. A coisa mais importante agora é estar ao lado de Lamar.

Jamal negou com um gesto de cabeça.

— Letitia deve estar furiosa. Aquela mulher tem um temperamento explosivo quando está zangada e ela tem todo o direito de estar revoltada comigo. Provavelmente não permitirá que eu me aproxime do menino.

— Está enganado — afirmou Ryan. — A única coisa que ela tem em mente agora é fazer o que for melhor para Lamar. E ele precisa do pai ao seu lado, antes de entrar para a cirurgia.

Jamal pareceu surpreso.

— Pensei ter dito que ele não poderia ser operado, porque eles perderam o seguro-saúde.

Ryan evitou cuidadosamente o olhar de Maggie.

— O abrigo conseguiu ajudá-los — explicou. — A cirurgia será realizada esta manhã. Se estiver de acordo, podemos levá-lo ao encontro dele. Se eu fosse pai, não haveria outro lugar no mundo em que desejasse estar hoje.

Maggie apertou a mão de Jamal.

— Por favor. Lamar precisa de você. Está assustado. Sua presença o tranquilizará de que tudo sairá bem, principalmente se disser a ele que fez a mesma cirurgia no passado.

Jamal parecia lutar consigo mesmo, mas, por fim, assentiu e se ergueu da mesa.

— Levem-me até meu garoto.

Ryan pagou a conta e liderou o caminho até o carro. Ainda era muito cedo para ficarem presos no trânsito a caminho do hospital, onde a cirurgia de Lamar estava marcada para as oito da manhã. Ele estacionou em frente à entrada.

— Maggie, leve-o até o quarto de Lamar, enquanto eu estaciono o carro, está bem? Preciso apenas de alguns minutos.

Maggie o encarou com olhar penetrante.

— Mas você vai entrar, certo? Lamar vai querer vê-lo também.

— Estarei lá — retrucou ele, superando a relutância em dar a resposta que Maggie quase exigia.

— Cinco minutos, Devaney — sussurrou ela, ao ouvido de Ryan. — Se não chegar, venho buscá-lo.

Ryan não duvidava daquilo nem por um segundo.

— Dou-lhe minha palavra — disse ele.

— Será que promessas significam tanto para você quanto para mim? — perguntou Maggie.

Ryan cravou o olhar no dela.

— Não costumo fazê-las a não ser que pretenda cumpri-las. Se há alguém aqui que compreende a devastação que pode causar uma promessa não cumprida, esse alguém sou eu.

Maggie lhe tocou o rosto com uma das mãos.

— Vejo-o lá dentro então.

Ryan a observou se afastar com Jamal.

— É uma mulher espetacular, não acha? — comentou Jack.

— Sim, com toda certeza.

— Se eu fosse você, não a deixaria escapar.

Ryan franziu a testa.

— Você também? — protestou. — Deus! Se receber mais conselhos alcoviteiros de pessoas que frequentam meu bar, terei de transformá-lo em um ponto de encontro de corações solitários.

— Não é má ideia — concordou Jack. — E, se houver mais alguma como Maggie por lá, pode me apresentar. — O detetive esticou a mão para a maçaneta da porta. — Acho que pegarei um táxi e irei para casa.

— Não ficará vigiando para ver se eu entro? — questionou Ryan. — Talvez queira se encarregar de garantir que eu não decepcione Maggie.

— Se decepcioná-la, é um idiota — retrucou Jack, sucinto. — E, francamente, se for assim tão burro, não quero testemunhar isso. Neste momento, estou muito satisfeito com você por estar ajudando Lamar.

Ryan soltou uma risada.

— Vá. Eu lhe telefono quando ele sair da cirurgia.

Jack assentiu.

— Faça isso. — E, com um sorriso, acrescentou: — Ou deixe que Maggie o faça. Não me importaria de acordar ao som daquela voz em meus ouvidos.

— Vá para o inferno — disparou Ryan. Se Maggie teria de sussurrar no ouvido de algum homem, seria no dele. E cada vez mais lhe parecia inevitável que aquilo acontecesse.

Capítulo NOVE

MAGGIE SABIA exatamente por que Ryan lhe pedira para acompanhar o sr. Monroe ao quarto do filho. Ele não queria fazer parte de uma emocionante reunião familiar, mesmo que tivesse sido ele o responsável por aquele encontro. Porque não houvera encontro entre ele e os irmãos e a perspectiva de participar daquele o deixara incomodado.

Mas Ryan precisava estar lá. Tinha de colocar o desconforto de lado se quisesse testemunhar que finais felizes eram possíveis.

Quando Maggie e Jamal Monroe entraram no elevador, ela girou para encará-lo.

— Sei que não tenho o direito de perguntar isso, principalmente depois de ter insistido para que o senhor viesse até aqui, mas se importa de esperar mais alguns minutos para ver Lamar?

O homem lhe dirigiu um olhar surpreso.

— Pretende entrar e se certificar de que eles querem me ver?

— Não. Sei o quanto os dois ficarão felizes com a sua presença. Na verdade, essa é a questão.

O pai do menino a estudou com olhar perceptivo.

— Isso tem algo a ver com o sr. Devaney, certo? Parecia muito ansiosa para que ele não fosse embora. Ainda está preocupada com a possibilidade de ele não aparecer?

— Não. Tenho certeza de que logo Ryan chegará e acho que ele tem de fazer parte desse momento.

— Para que ele ganhe o crédito por ter me encontrado?

Maggie sorriu diante da reação cínica.

— Não. Para que ele veja por si mesmo a expressão no olhar de Lamar, quando o senhor entrar no quarto.

Diante da explicação, a suspeita natural do sr. Monroe se dissipou. Ele assentiu com a cabeça, parecendo entender.

— Suponho que mais alguns segundos não farão diferença — disse ele. — E estou em débito com aquele homem pelo trabalho que teve.

— Ele não quer seu agradecimento ou senso de obrigação — Maggie se apressou em esclarecer. — Seu único desejo é unir o senhor e o seu filho. Não posso lhe explicar por que esse encontro é importante para ele, mas é. Acredite em mim.

Ainda se encontravam parados, próximo ao elevador, quando Letitia Monroe saiu do quarto do filho e os avistou. Uma avalanche de emoções se estampou em seu rosto, desde raiva a amor e alívio. O marido deu alguns passos hesitantes na direção dela, mas, em seguida, parou e esperou. Ela atravessou o corredor correndo e se atirou nos braços dele. Os ombros tremiam com os soluços enquanto o sr. Monroe tentava, em vão, consolá-la.

— Jamal Monroe, devia lhe dar uma surra por toda a preocupação que nos provocou — disse Letitia por fim, fungando alto e secando os olhos com um lenço de papel que Maggie providenciou. — Mas estou me sentindo muito aliviada em vê-lo. O restante terá de esperar. — Ela olhou ao redor. — Onde está o sr. Devaney? Sei que ele está por trás de sua presença aqui.

As portas do elevador se abriram naquele momento e Ryan apareceu. Letitia o envolveu em um abraço tão forte que quase o ergueu do chão.

— Ficarei em débito com o senhor para o resto de minha vida — disse ela. — Obrigada por encontrar Jamal e trazê-lo aqui a tempo.

— A verdade é que ele nos encontrou — disse Ryan, modesto. — Tudo que fiz foi bisbilhotar por aí e fazer algumas perguntas.

— Mas não duvido nem por um segundo que foi essa bisbilhotice que fez meu marido sair da toca — retrucou Letitia, convicta, entrelaçando a mão à do sr. Monroe. — Vamos ver nosso menino. — O grupo se dirigiu na direção do quarto, mas Ryan se deteve. Maggie o encarou com olhar questionador, mas foi Letitia que girou e disse, impaciente: — Aprese-se. Lamar está esperando você. E acho que o padre Francis já ouviu todas as piadas sem graça que um ser humano poderia suportar por uma manhã.

— Não quero me intrometer — disse Ryan, olhando ao redor, ansioso por algum lugar para onde pudesse escapar.

— Não é um intruso. Agora é parte desta família para sempre — afirmou Letitia, enfática. — E não quero ouvir ninguém dizer o contrário, inclusive o senhor.

Maggie sorriu diante da determinação da mulher em dar ordens a Ryan. Talvez devesse fazer como ela. Ryan parecia um tanto chocado.

— Acho que ela acaba de lhe passar um sermão — provocou Maggie.

Ryan parecia um pouco desorientado por ter sido sumariamente incluído na família Monroe, mas deu a mão a Maggie e seguiu Letitia.

— Sabe de uma coisa? — começou Maggie, em tom de voz casual. — Há algo interessante sobre as famílias.

Ryan lhe dirigiu um olhar cauteloso.

— O quê?

— Algumas pessoas passam a vida toda cercadas por péssimos parentes com os quais não se relacionam bem. E, outras, têm famílias maravilhosas, como a minha. — Ela o encarou com olhar penetrante. — E alguns podem escolher as pessoas que consideram como familiares.

Ryan exibiu um sorriso oblíquo.

— Entendi.

— Espero que sim — retrucou ela, com voz suave. — De fato, espero. — Maggie sabia que o futuro dos dois dependia daquilo.

MAIS UMA vez, Ryan hesitou quando alcançaram a porta do quarto de Lamar.

Apesar da insistência de Letitia em afirmar que ele pertencia àquela família, sentia-se como um intruso no que deveria ser um momento íntimo. Mas, mesmo que quisesse recuar, havia Maggie, observando-o com aquela expressão suplicante e esperançosa. Não podia decepcioná-la. Além disso, não estava muito disposto a ser o alvo de um dos olhares desapontados do padre Francis. Isso sem mencionar ter de ouvir outro sermão de Letitia.

— Você entra primeiro — a sra. Monroe instruiu. — E diga ao meu menino que tem uma surpresa para ele.

— Eu? Não deveria ser a senhora a fazê-lo?

Letitia relanceou um olhar a Maggie, e em seguida voltou a encará-lo com olhar firme.

— Algo me diz que é importante que faça isso.

Reconhecendo que havia sido vencido, Ryan inspirou profundamente e entrou no quarto. O nervosismo abrandou quando viu o olhar iluminado de Lamar. O padre Francis sorriu para ele e se afastou para o lado para lhe dar lugar ao lado da cama do menino.

— Você veio! — exclamou Lamar. — Mamãe disse que viria, mas estava ficando tarde. Eles já me deram um calmante. Estou ficando com sono.

Ryan roçou as juntas dos dedos na cabeça do menino.

— Mas não durma agora. Tenho uma surpresa para você e desejará estar acordado para recebê-la.

Os olhos do menino se arregalaram.

— Uma surpresa? Para mim? O que é?

Ryan gesticulou na direção da porta.

— Olhe para lá.

No instante em que ele disse isso, Jamal adentrou o quarto.

— Papai — sussurrou Lamar, esticando a mão para pegar a de Ryan e o olhando com expressão agradecida. — Você encontrou meu pai. Sabia que encontraria.

Jamal alcançou a beirada da cama, com os olhos cheios de lágrimas.

— Olá, filho. Sinto muito por tê-lo preocupado, por ter permitido que você e sua mãe passassem por isto sozinhos.

— Tudo bem, pai. Sabia que o senhor voltaria. Tinha certeza.

Jamal se curvou e as lágrimas molharam o rosto do filho enquanto o abraçava.

— Eu amo você, menino. Nunca se esqueça disso. E, depois que fizer essa cirurgia e se recuperar, você e eu faremos todas as coisas sobre as quais conversamos. Isto é uma promessa.

Lamar virou o rosto na direção de Ryan, com os olhos brilhando.

— E meu pai nunca deixa de cumprir uma promessa. Nunca. — E, se dirigindo à mãe: — Não tô dizendo a verdade?

— Não *estou* dizendo a verdade — corrigiu Letitia. Sensata, não mencionou a promessa que lhe fizera Jamal em estar ao seu lado na saúde e

na doença, na alegria ou na tristeza. — Seu pai está aqui. E isso é o que importa.

Naquele instante, a enfermeira entrou no quarto com um maqueiro.

— Está na hora de ir, Lamar.

O menino segurou a mão do pai com força.

— Estará aqui depois da cirurgia, certo? Não vai sumir outra vez?

— Estarei ao seu lado quando acordar — assegurou Jamal.

As horas que se seguiram foram muito tumultuadas, passadas entre xícaras de café malfeito, comida sem sabor e caminhadas de um lado para o outro do quarto. Houvera uma dúzia de ocasiões em que Ryan quisera dar uma desculpa e escapar, mas bastava relancear o olhar a Maggie para permanecer onde estava. Desde o instante em que se conheceram, ela parecia esperar o melhor dele, assim como o padre Francis. Agora, havia duas pessoas em sua vida que esperava nunca decepcionar. Era surpreendente o fato de não se sentir mais pressionado por isso. A verdade era que se sentia bem em saber que havia pessoas contando com ele e que, até agora, nunca os havia decepcionado.

Do outro lado do quarto, Letitia e Jamal se encontravam sentados lado a lado, de mãos dadas, encontrando consolo um no outro, como deveriam ter feito durante todas aquelas semanas.

— Parece que Letitia já o perdoou — disse Ryan, incapaz de suprimir o tom de surpresa na voz.

— Os seres humanos cometem erros — retrucou Maggie, em voz baixa.

— E os seres humanos sensatos entendem e os perdoam.

— Como é possível perdoar alguém que o abandona quando você mais precisa? — perguntou Ryan, empinando o queixo.

Maggie o encarou com olhar penetrante.

— Está se referindo a Jamal ou aos seus pais?

Ryan trincou os dentes.

— A Jamal, claro — respondeu, com voz tensa.

— Ryan...

— Não — disse ele, erguendo-se e se afastando para não ouvir o sermão que parecia estar na ponta da língua de Maggie. Não queria ouvir, nem mesmo dela, que havia qualquer justificativa possível para o que os pais

havam feito com ele e com os irmãos. Certamente não aventaria a hipótese de perdoá-los por terem entregado os três meninos ao sistema de lares adotivos, antes de sumirem sabia Deus para onde.

Ryan se dirigiu à janela e olhou para fora, quase não percebendo que a neve caía, cobrindo o chão com um manto branco. O Natal estava se aproximando rapidamente e aquele era o segundo feriado que mais odiava, depois do Dia de Ação de Graças. Sempre passava aquele dia tentando imaginar onde estariam os irmãos e o que haviam passado. Se os feriados dos dois fossem iguais aos dele, deviam detestar aquela temporada.

— Creio que Maggie ousou mencionar seus pais — disse o padre Francis, parando ao lado dele.

— O que o faz pensar assim? — perguntou Ryan.

— Poucas coisas conseguem estampar uma cara tão feia em seu rosto — retrucou o religioso. — Além disso, é natural que você pense neles em um dia como este. Ver Lamar reunido ao pai deve fazê-lo pensar um pouco no seu.

— Não estou pensando nos meus pais — insistiu Ryan. — Ou ao menos não estava até vocês dois decidirem me importunar com esse assunto.

O padre Francis esperou até que Ryan lhe dirigisse o olhar.

— Permitirá que duas pessoas pelas quais alega não ter nenhum sentimento influenciem seu modo de vida para sempre?

— A que diabos está se referindo? Eles não influenciam nada — afirmou Ryan.

— Ah, não? Por acaso dedicou um só pensamento à possibilidade de um futuro com Maggie? — O padre ergueu uma das mãos, quando Ryan mostrou intenção de responder. — E não perca seu fôlego me dizendo que não se sente atraído por ela, porque qualquer um que enxergue pode ver que sim. Ainda assim, não toma nenhuma atitude, porque no fundo de seu coração sabe que isso os levaria a um lugar que não quer se permitir conhecer.

— Não deveria rezar por Lamar, em vez de me dar conselhos sobre minha vida amorosa? — perguntou ele, em tom de voz ácido.

— Sou um homem moderno. Aprendi a fazer várias coisas ao mesmo tempo — respondeu o padre.

Apesar da irritação, Ryan teve de suprimir uma risada.

— E quem o ensinou a fazer isso? Maggie, imagino.

— Aquela moça é uma inspiração, para dizer a verdade — retrucou o padre Francis, animado. — Mas até mesmo você já percebeu isso, certo?

Ryan deixou escapar um suspiro, enquanto o padre se retirava para se sentar ao lado de Letitia e Jamal, aparentemente satisfeito por tê-lo feito captar a mensagem.

Relanceando um olhar a Maggie, ele percebeu a preocupação estampada nos olhos verdes que observavam a porta e um resquício de mágoa quando ela o surpreendeu a encarando.

Resignado, Ryan voltou a se sentar ao lado dela.

— Desculpe por ter sido grosseiro há pouco — disse ele. E sinto muito por fazer coisas que justifiquem tantos pedidos de desculpas.

— Tudo bem — respondeu Maggie, em mais uma demonstração de que estava sempre pronta a perdoá-lo, não importava o quanto ele fosse insensato. — Estamos todos sob um grande estresse esta manhã.

— Isso não justifica o que fiz. — Ryan percebeu os círculos escuros em torno dos olhos verdes, e a tensão naqueles lábios macios. — Deve estar exausta. Por que não deixa que eu a leve para casa?

Maggie negou com um gesto de cabeça.

— Não até eu ter notícias de Lamar.

— Está bem, mas ao menos descanse um pouco. — Ele se sentou ao lado dela e deslizou um dos braços sobre os ombros delicados, apertando-a de leve. Após alguns instantes de resistência, Maggie pousou a cabeça no ombro largo. — Assim está melhor. Agora, feche os olhos. Prometo acordá-la quando o médico chegar.

Maggie não respondeu e, depois de alguns minutos, ele lhe percebeu a tensão dos ombros diminuir. Pouco depois, ouviu a respiração cadenciada pelo sono e algo dentro dele também relaxou. Ryan tinha apenas uma vaga lembrança de se sentir protetor em relação a alguém daquela forma. Talvez porque não quisesse se lembrar de que, quando os irmãos mais precisaram, não fora capaz de livrá-los do maior sofrimento que passaram.

MAGGIE NÃO conseguia se recordar uma vez em que se sentira tão segura. Em seu sonho, encontrava-se em uma casa açoitada por um forte vento noroeste, mas ela estava segura e aquecida, aconchegada nos braços de Ryan em frente a uma lareira. Tinha a sensação de que, enquanto estivesse envolta naquele abraço, nenhum mal poderia atingi-la.

Ela se remexeu, adormecida, se enroscando ainda mais para perto daquela fonte poderosa de calor e força, apenas para ouvir a voz ansiosa de Ryan em seus ouvidos.

— Vamos, acorde, querida. O médico está aqui.

Foi o termo carinhoso que Ryan utilizara que lhe penetrou o cérebro. Os olhos verdes se abriram para imediatamente avistar o cirurgião, ainda trajado com o uniforme do centro cirúrgico, parado ao lado de Letitia e Jamal. No instante seguinte, ela desviou o olhar para Ryan.

— Ouviu o que ele está dizendo? As notícias são boas?

— Não posso ouvir daqui.

— E quanto à expressão dele? — Ryan a encarou, confuso. — O médico está feliz? Triste? Como ele está? — insistiu ela. — Está acostumado a ler o semblante de seus clientes todos os dias no bar. Não consegue perceber o dele?

— Podemos descobrir tudo se formos até lá — sugeriu Ryan, com exagerada paciência.

— Não quero me intrometer.

— Veja a questão desta forma: se as notícias forem boas, eles ficarão felizes em compartilhá-las conosco — explicou ele. — Se forem ruins, necessitarão de nosso apoio.

Maggie pestanejou várias vezes, surpresa por um homem que professava não se envolver emocionalmente ser capaz de percepções tão sensíveis. Ryan devia se dar um pouco mais de crédito.

— Claro. Tem razão. — Maggie se ergueu, segurou-lhe a mão e o levou com ela.

Quando alcançaram o pequeno grupo, Letitia se dirigiu aos dois com os olhos cheios de lágrimas e Maggie sentiu o coração parar de bater.

— Oh, não — sussurrou, apertando a mão de Ryan.

— Não, não — disse Letitia, puxando-a para um abraço. — As notícias são boas. Ele ficará bem. Meu garoto ficará curado. — A mulher girou na direção de Ryan, abraçando-o também. — E devo tudo isso ao senhor. Não só porque pagou pela cirurgia, mas porque trouxe o pai dele de volta. Isso deu a Lamar a força de vontade para sobreviver. Sei que foi isso.

— O período de 24 a 48 horas após a cirurgia é crítico — preveniu o médico. — Mas tenho todas as razões para acreditar que Lamar sairá bem dessa.

— É um milagre, isso sim! — declarou Letitia, com as bochechas úmidas.

— Sim, tem razão — concordou Jamal, antes de se virar na direção de Ryan. — Obrigado.

— Fico feliz por ter podido ajudar — retrucou Ryan, evidentemente constrangido com tanta gratidão. — E, agora que sabemos que Lamar conseguiu sobreviver à cirurgia, vou levar Maggie para casa. Ela ficou acordada a noite toda comigo, tentando encontrá-lo, Jamal. Está exausta.

— Mais tarde passarei aqui — prometeu Maggie, muito cansada para gastar fôlego criando uma resistência inútil. — E se precisarem de alguma coisa, qualquer coisa, basta me telefonar — concluiu, passando um pedaço de papel para as mãos de Letitia.

— Deus a abençoe, moça. E o senhor também, sr. Devaney.

Quando saíram para o ar gelado, Maggie inspirou profundamente e se virou na direção de Ryan.

— Não tenho palavras para lhe dizer o quanto estou me sentindo aliviada. Você também deve estar. E, se estamos com essa sensação, imagine Letitia e Jamal.

— Eles amam o filho. Claro que estão se sentindo aliviados — afirmou Ryan.

Maggie o encarou com olhar intenso.

— Sabe de uma coisa, Ryan? Talvez seus pais tenham feito o que fizeram por amor a você e seus irmãos.

— Não diga absurdos.

— Como poderá saber se não tentar encontrá-los e fazê-los explicar?

— Por que diabos iria querer revê-los?

— Para que pudesse colocar o passado para trás.

— Se você soubesse de toda a história, jamais faria tal sugestão — retrucou Ryan, feroz.

— Então conte-me.

Ryan suspirou, parecendo perdido e solitário.

— Talvez algum dia desses eu lhe conte.

— E por que não agora? — pressionou ela.

— Porque estamos exaustos.

— Pague-me uma xícara de café forte e terei prazer em ouvir.

Ryan exibiu um sorriso fatigado diante da sugestão.

— Tentando me pegar quando estou com as defesas baixas?

— Sem dúvida — respondeu ela, sem hesitar.

Ryan inclinou a cabeça e se apossou dos lábios macios. O beijo foi doce e muito rápido.

— Ah, Maggie, o que farei com você?

— Está mesmo pedindo sugestões? — provocou ela.

Os olhos azuis capturaram os dela, a expressão brincalhona sendo substituída pelo desejo, antes de ceder à tristeza.

— Talvez qualquer dia desses.

Maggie suprimiu o desolamento.

— Vou lhe cobrar isso, Ryan Devaney.

— Não duvido disso nem por um segundo. Na verdade, tenho certeza absoluta de que possuí uma lista completa das promessas que devo cumprir.

— Nada que não consiga fazer — retrucou ela, confiante.

Capítulo 117

RYAN NÃO tinha a menor intenção de permitir que Maggie dirigisse todo o longo trajeto até em casa naquele estado de exaustão. Como ele não se encontrava em melhor estado, só havia uma solução: ela teria de ir para seu apartamento. Fazer-lhe tal proposta, deixando claro que se tratava de uma inocente sugestão, seria algo complicado.

Ele parou o carro em uma vaga de estacionamento a um quarteirão do bar e lhe relanceou o olhar. Maggie lutava para manter os olhos abertos. Ele saiu do carro e o contornou para abrir a porta do carona.

— Muito bem. Venha comigo — disse, em tom de voz firme.

— Meu carro está do outro lado da rua — retrucou Maggie, quando ele a guiou na direção do bar.

— E, se dirigir, mesmo que seja só até a esquina, será capaz de dormir e bater com o carro. Não quero isso pesando em minha consciência.

Maggie inclinou a cabeça para o lado e o observou, curiosa.

— Então o que está sugerindo?

— Que durma no meu apartamento — explicou ele, tentando soar e aparentar casual.

— Que intrigante! — Um sorriso curvou os lábios de Maggie. — Rejeitou esta ideia minutos atrás.

Ryan soltou uma risada diante da típica resposta estilo “dá-se a mão, quer o braço” de Maggie.

— Não. Não foi isso que rejeitei. Você dormirá em minha cama, e eu, no sofá.

Um brilho maroto iluminou os olhos verdes.

— Ora, qual é a graça disso, Ryan Devaney?

— Não me tente, Maggie O'Brien — retrucou ele, conseguindo estampar uma expressão severa no rosto. — O que seu digníssimo pai e zelosos irmãos pensariam disso?

— Eles não têm nada a ver com a minha vida pessoal — assegurou Maggie, presunçosa.

— Eles sabem disso? — perguntou ele, cético.

Maggie deixou escapar um profundo suspiro.

— Provavelmente, não.

— Então é melhor fazermos da minha maneira por enquanto — retrucou Ryan, enquanto a guiava pela escada ao apartamento sobre o bar.

Quando transpôs a porta, tentou ver o ambiente através dos olhos de Maggie. As janelas que davam para a frente permitiam a entrada de uma boa quantidade de luz e o assoalho tinha um brilho suave. Porém, além de um sofá, uma poltrona confortável e uma televisão, a qual ele quase nunca ligava, não havia nada que tornasse o apartamento atraente.

À esquerda, a cozinha era equipada com utensílios pouco utilizados, já que Ryan fazia a maior parte das refeições no restaurante. Até mesmo a cafeteira parecia nunca ter sido usada.

— Vejo que faz o estilo minimalista — observou Maggie, ainda parada à entrada. — Imagino que a maioria das pessoas pense ter uma ideia melhor de você pelo bar.

O comentário sensível o deixou em alerta.

— E você, não?

— Não. Acho que seu apartamento o reflete melhor. Nenhuma desordem ou objetos pessoais que deem qualquer indício de quem é você. Todos os seus segredos estão protegidos aqui. — Os olhos verdes encontraram os deles. — O quarto é diferente?

— Não, se seu objetivo for revelar qualquer segredo — retrucou ele, com um tom defensivo na voz.

Ryan liderou o caminho, mas ficou para trás enquanto ela observava a cama king-size com a colcha verde-escura, atirada a esmo sobre os lençóis de um tom mais suave de verde. A cômoda de carvalho ostentava apenas um punhado de moedas no topo, um relógio digital se encontrava sobre o criado-mudo e havia uma cadeira de balanço antiga em um dos cantos.

Maggie pestanejou várias vezes ao baixar o olhar à peça antiga. Quando o encarou, o rosto se iluminou pela curiosidade.

— Herança de família? — perguntou, cruzando o aposento e deslizando a mão sobre o carvalho lustroso.

— Claro que não.

— Então é fã de antiguidades?

— Não exatamente — respondeu ele. O tom defensivo estava de volta à voz. Parecia claro agora que nunca deveria tê-la levado ali. Maggie gostava de penetrar sob a superfície das coisas em busca da verdade oculta.

— Problemas de coluna? — insistiu ela, sem lhe dar trégua.

— Não. E o que tem a ver isso com o fato de eu ter uma cadeira de balanço no meu quarto?

— Dizem que o presidente Kennedy tinha uma cadeira de balanço por causa de problemas crônicos de coluna. Vi fotos da cadeira dele.

Ryan assentiu.

— Está bem. Acho que ouvi falar a respeito, mas o problema do presidente não tem nada a ver com isso. Vi essa cadeira em uma loja e gostei. Fim da história.

O olhar de Maggie se estreitou pela desconfiança.

— Sua mãe o ninava em uma cadeira de balanço quando era pequeno?

Ryan suprimiu um xingamento diante da assertiva acurada.

— Como diabos posso me lembrar de uma coisa dessas? — perguntou, irônico.

Mas o olhar de Maggie não vacilou.

— Ela o ninava na cadeira de balanço, certo? Foi por isso que comprou essa cadeira. Porque o faz lembrar daquela que sua família possuía.

A verdade era que Ryan suspeitara ser aquela a cadeira que pertencera à sua família. Houve uma ocasião em que Ryan se aventurara a retornar ao bairro onde passara a infância e encontrara aquela cadeira em uma loja não muito afastada de onde sua família morara. No mesmo instante, ele se vira atraído pela peça antiga. Apesar de afirmar que não queria nenhuma ligação com o passado, não havia esquecido aquela cadeira. Voltara à loja no dia seguinte e a comprara, mas só depois de perguntar ao dono da loja o que ele sabia sobre o antigo dono da cadeira. Infelizmente, o homem tinha

comprado a loja de outra pessoa e aquela peça de mobília estava incluída no estoque. Não sabia nada sobre a história da cadeira de balanço, nem mesmo o ano em que fora comprada.

— Esqueça isso, está bem? É apenas uma cadeira.

— E se alguém a quebrasse com um machado, não se importaria nem um pouco? — questionou ela, com expressão inocente.

Ryan enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu de ombros.

— Seria apenas um desperdício de uma bela peça manufaturada, nada mais — afirmou.

Maggie suspirou diante da resposta.

— Se insiste em dizer isso...

— Sim, insisto. — Ryan gesticulou em direção ao corredor. — O toalete fica ali. E as toalhas estão no armário. Se precisar de qualquer outra coisa, é só me dizer.

— Apenas um telefonema. Preciso ligar para casa e colocá-los a par do que está acontecendo.

Ryan se sentiu culpado por não ter feito tal sugestão de imediato.

— A julgar pela forma como se preocupam, devem estar em pânico.

Maggie negou com um gesto de cabeça.

— Duvido. Telefonei para eles ontem à noite e disse que estaria com você. — Ryan não poderia ter ficado mais perplexo se ela tivesse lhe desferido um soco no abdome. — Talvez não exatamente com essas palavras, mas a essência foi essa.

Não conseguindo conter a curiosidade, Ryan perguntou:

— E como eles reagiram?

— Mamãe disse que eu precisava levá-lo para jantar esta noite.

— Só isso?

— Oh, imagino que ela terá muito a dizer quando você chegar lá, mas ontem foi só o que minha mãe falou — retrucou ela, parecendo se divertir bastante.

— Então vamos adiar esse jantar por algum tempo. Talvez daqui a alguns anos.

Maggie soltou uma risada.

— Se acha que isso será suficiente, então não conhece minha mãe. Ela está contando com sua presença lá esta noite. Não aceitará desculpas.

— Terá de lhe transmitir minhas profundas desculpas — insistiu Ryan. Esta noite está fora de questão.

— Já tem compromisso?

— Não. Apenas um saudável desejo de continuar vivo.

— Acho que não chegará a tanto — argumentou Maggie, suavizando a voz. — Meus pais ainda não mataram nenhum genro em potencial. E, antes que entre em pânico, o que, diga-se de passagem, está fazendo agora, eles costumam ver todos os homens em idade apropriada como matéria-prima de um futuro casamento. Não que estejam encomendando os convites enquanto conversamos.

— Espero que não — respondeu ele, enfático.

Maggie franziu a testa.

— Sabe de uma coisa? Se eu fosse uma mulher menos confiante, talvez me sentisse ofendida.

— Sabe qual é minha opinião sobre isso. Sou avesso a compromissos. E ao amor.

— Você me disse isso.

Maggie não parecia particularmente desanimada. Ou não se importava ou não acreditava nele.

— Isso é algo que não deveria esquecer — disse ele, para deixar aquela questão bem clara.

— Como se você me deixasse esquecer. — Ela resfolegou.

Ryan ainda não estava totalmente convencido de que ela o estava levando a sério. No entanto, prolongar o assunto lhe parecia uma péssima ideia.

— Durma um pouco — resmungou, antes de sair do quarto e fechar a porta.

Aquela mulher era perigosa. Como se não bastasse ser capaz de tentá-lo apenas com um olhar, agora o tentava deliberadamente a cada oportunidade que tinha. Qualquer dia desses, sua força de vontade se dissiparia, o bom senso voaria pela janela e então nada o impediria de se juntar a ela naquela cama. Na verdade, até mesmo naquele momento, com a imagem de Maggie

enroscada sob suas cobertas firmemente plantada em seu cérebro, mal conseguia se controlar.

Apenas para se certificar de que não cederia ao desejo que lhe queimava as entranhas, saiu do apartamento e trancou a porta. Claro que, a não ser que atirasse a chave no rio, nada o impediria de destrancar a porta dali a uma hora e lutar para vencer a mesma ânsia de possuí-la. Para destruir qualquer chance de aquilo acontecer, desceu à procura de um café e da companhia de Rory.

O cozinheiro ergueu o olhar quando ele entrou.

— Pensei ter ouvido você subir para seu apartamento — disse Rory, gesticulando na direção da cafeteira. — O café está fresco e forte.

— Obrigado — agradeceu Ryan, servindo-se de uma xícara.

Rory lhe dirigiu um olhar malicioso.

— Claro que também pensei ouvir mais alguém subindo e uma adorável voz feminina. Por acaso não pertenceria à nossa Maggie, certo? Finalmente chegou a uma conclusão sensata no que se refere a ela?

— Nunca perdi o bom senso, motivo pelo qual me encontro aqui embaixo e ela, lá em cima — retrucou Ryan.

Rory o encarou com expressão desapontada.

— Está destruindo meu coração, rapaz. Você é a desgraça de toda a raça masculina irlandesa.

Ryan pensou no que Maggie estava lhe oferecendo, em tudo que ele lutava tanto para resistir. Comparou aquilo a uma vida inteira de nobre prudência que não lhe trouxera nada além de solidão e deixou escapar um profundo suspiro.

— É bem possível que esteja certo — concedeu Ryan.

— Então tome uma atitude em relação a isso.

A imagem de Maggie, nua, escorregando para baixo de seus lençóis lhe invadiu o cérebro como um tornado. Estava ficando cada vez mais difícil se lembrar por que precisava resistir.

— Qualquer dia desses, talvez — respondeu por fim, com uma nota de melancolia na voz.

— Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje — lembrou Rory.

Ryan fez um gesto negativo com a cabeça.

— Certas coisas não podem ser apressadas.

— Acha que Maggie interpretaria seu retorno ao apartamento como uma forma de apressá-la?

— Não — admitiu ele, tristonho. — Sou eu que estou colocando um freio nas coisas. Não posso cometer um erro.

— Que tipo de erro? — perguntou Rory, obviamente confuso.

Ryan não respondeu. Como poderia explicar aquilo a um homem que criara o hábito de amar e abandonar as mulheres? Como poderia fazê-lo entender que, no momento em que Maggie o tocasse, passaria a fazer parte de sua alma? E que, a partir daí, teria o poder de destruí-lo se um dia o deixasse?

MAGGIE SE sentiu aliviada ao ouvir a voz da secretária eletrônica quando telefonou para casa para informar à família o resultado da cirurgia de Lamar e lhes dizer que ainda se encontrava na cidade. Não estava preparada para explicar que Ryan continuava a se mostrar reticente em aceitar o convite para jantar. Conhecendo a mãe, suspeitava que Nell não iria receber a recusa com tranquilidade. No que concernia a tomar para si missões impossíveis, Nell O'Brien era ainda mais rápida em assumi-las do que a filha. Maggie tinha a impressão de que Ryan não conseguiria lidar com tanta pressão.

Lembrou-se da reação que ele tivera quando adivinhara que a cadeira de balanço o fazia se lembrar da mãe. Ryan não escondera a angústia por ela ter percebido a verdade. Era óbvio que não lhe agradava o fato de ela estar abrindo brechas na parede protetora com que se cercava e vendo o que se passava em seu coração. Maggie sabia que precisava ser cuidadosa, principalmente quando tinha vontade de pegar uma marreta e destruir o restante da parede que restava. Em vez de pressionar para arrancar informações sobre os Devaney, iria encher a cabeça de Ryan com histórias sobre os O'Brien até que ele se sentisse confortável em relação a sua família, mesmo que não conseguisse lidar com as lembranças da que o abandonara.

Deixando escapar um suspiro, Maggie enterrou a cabeça mais fundo no travesseiro que ainda guardava a fragrância suave e masculina de Ryan. Por ora, aquela era a única forma de ficar próxima a ele, mas um dia aquilo iria

mudar. Sabia ser paciente quando não tinha outra opção... Principalmente agora que sabia como quebrar aquela parede.

Maggie acordou à tarde. O sol incidia pela janela do quarto. Bocejando e se espreguiçando, apurou os ouvidos para algum som que indicasse o retorno de Ryan ao apartamento. Mas tudo que ouviu foram os sons da rua e um distante tinido de panelas e frigideiras sendo manipuladas, vindo, sem dúvida, da cozinha do bar no andar inferior.

Vestindo uma das camisas de Ryan que encontrou pendurada atrás da porta, caminhou pelo corredor até o banheiro, tomou um banho e se vestiu. Em seguida, fez o possível para domar as ondas de seu cabelo com um secador. Quando terminou, desceu e encontrou o bar vazio.

O som de vozes vindas da cozinha lhe atraiu a atenção. Enfiando a cabeça pela abertura da porta, olhou ao redor à procura de Ryan, mas não viu nenhum sinal dele. No entanto, Rory estava fatiando vegetais para um guisado irlandês, enquanto Rosita se encontrava sentada, próxima a ele com os pés para cima.

— Descansando um pouco? — perguntou Maggie, com um sorriso.

— O *señor* Rory não me deixa ajudá-lo — respondeu Rosita, soando totalmente desgostosa. — Posso fatiar, *sí*? Isso não é muito difícil.

— Precisa ficar sentada — contrapôs Rory.

Rosita revirou os olhos.

— Ele é pior que Juan.

— Ryan tem noção de que está lhe pagando para descansar? — questionou Maggie.

— Sou o chefe da cozinha — alegou Rory, na defensiva. — Não vejo necessidade de comunicar a Ryan como a estou gerindo ou quem está fazendo o quê. Desde que haja comida para os clientes, ele não tem motivo para reclamar.

Maggie soltou uma risada.

— Você é um anjo.

— É melhor guardar essa opinião para si. Tenho de manter minha fama de tirano.

— Não se preocupe. Não revelarei seu segredo. A propósito, onde está seu patrão?

— No bar.

— Não o vi.

— Procure em uma das mesas de canto. Ele estava dormindo, reclinado sobre a mesa, na última vez que o vi.

— Por que diabos ele estaria dormindo aqui embaixo quando há um excelente sofá lá em cima? — perguntou ela. — Sem mencionar a cama.

Os olhos de Rory brilharam de divertimento.

— Ora, essa é uma pergunta que deveria fazer a ele, mas acho que encontrará a resposta se colocar a mente para funcionar.

— É por que eu estava ocupando a outra metade da cama, certo? — perguntou ela, perplexa com o fato de sua presença assustá-lo a ponto de obrigá-lo a sair da própria casa.

— Nunca me ouviu dizer isso, está bem? — retrucou Rory, com um sorriso estampado no rosto.

— Ele não confia na reação dele a mim — concluiu ela, admirada. Maggie suspeitara daquilo, mas a confirmação foi como música para seus ouvidos.

— Essa também é a impressão que tenho — concordou Rory, estudando-a com olhar penetrante. — O que pretende fazer com esse poder que exerce sobre ele?

Em vez de responder, Maggie lhe sustentou o olhar.

— Alguma sugestão?

— Ora, se uma mulher me afetasse da mesma forma que o faz com nosso Ryan, não me importaria se ela me seduzisse — o cozinheiro irlandês sugeriu, deixando escapar um profundo suspiro em seguida. — Mas, infelizmente, Ryan é um homem melhor que eu. Acho que será necessário uma abordagem sutil.

— O que significa...?

— Persistência e paciência — recomendou ele. — O que quer que tenha feito para abalá-lo dessa forma, continue a fazê-lo e com ânimo redobrado.

— Um sorriso impenitente de repente se estampou no rosto de Rory. — Ah, aí está o homem em questão. E não parece nada descansado, após o cochilo.

— Vá para o inferno — resmungou Ryan, enquanto cruzava a cozinha para se servir de uma xícara de café. Só então relanceou o olhar a Maggie.

— Quer um pouco?

— Adoraria — respondeu ela, percebendo que Ryan desviara o olhar a Rosita enquanto servia o café. Ele hesitou e, em seguida, fez um movimento negativo com a cabeça, antes de entregar a xícara de café a Maggie.

— Muito bem — disse Rory. — Há muita gente na cozinha. Vocês dois, para fora. Farei uma omelete para vocês e levarei lá para o bar. Ou preferem um sanduíche, já que estamos no meio da tarde?

— Uma omelete parece ótimo — disse Maggie.

— Talvez Rosita possa fazê-la — sugeriu Ryan.

— Ela está no horário de descanso — retrucou Rory, enfático.

— Vamos — chamou Maggie, antes que Ryan pudesse discutir o assunto.

— Sabia que contratar essa mulher seria um erro no instante em que tomei conhecimento de que ela estava grávida — reclamou ele, enquanto os dois se encaminhavam a uma das mesas. — Rory é gentil. Sabia que ele nunca lhe permitiria fazer nada.

— Se isso lhe serve de consolo, acho que Rosita está tão frustrada quanto você.

— Na verdade, isso não ajuda em nada. Contratei-a porque Rory disse que precisava de ajuda.

— E agora está satisfeito. Talvez tudo de que necessitasse fosse companhia.

— Não posso pagar a alguém para ficar sentado, conversando com ele. Além disso, Rosita não sabe falar inglês o suficiente para manter uma conversa.

— Oh, acho que ela sabe o suficiente — contrapôs Maggie, encarando-o com olhar penetrante. — Então, Rory me contou que você dormiu aqui embaixo. Importa-se em dizer por quê?

— Sentei por um minuto e acabei cochilando — respondeu ele, em tom de voz defensivo.

— Acho que tem mais alguma razão por trás disso.

— Não há nenhuma outra razão.

— Para começar, por que estava aqui embaixo? Parecia tão exausto quanto eu. Pensei que iria direto para o sofá, para dormir.

Ryan deu de ombros.

— Mudei de ideia.

— Espero que eu não tenha tido nada a ver com isso.

Ryan não desviou o olhar, como ela previra. Em vez disso, reverteu o desafio.

— E por que teria algo a ver com isso? — perguntou.

— Oh, não sei — respondeu ela, dando de ombros displicentemente. — Talvez porque estava se sentindo tentado a escorregar para baixo das cobertas comigo.

— Claro que não — afirmou ele.

Maggie soltou uma risada diante da resposta apressada.

— Mentiroso. Mas deixarei passar desta vez.

— Que gentil de sua parte — retrucou Ryan, em tom de voz ácido. — Explicou para sua mãe que eu não poderei ir jantar hoje?

— Ela não estava em casa. Deixei uma mensagem, dizendo isso. Mas se prepare, porque ela é capaz de vir até aqui lhe pedir uma explicação.

Ryan franziu a testa.

— Ninguém da sua família consegue aceitar um “não” como resposta?

— Geralmente, não — respondeu Maggie, em tom de voz alegre. — É melhor se acostumar com isso.

— Por quê? Um dia voltará para o Maine e terminará por aí. Provavelmente nunca mais a verei ou a qualquer pessoa da sua família.

Maggie fez um movimento negativo com a cabeça ao perceber o tom de resignação na voz de Ryan.

— Não é assim que costumamos agir. Aceite isso, Devaney, chegamos para ficar.

— E quanto ao Maine? — perguntou ele, com uma nota de desespero na voz. Ao que parecia, Ryan estivera se agarrando à ideia de que ela partiria após a temporada de feriados, para se livrar de sua presença e não ter de lidar com os óbvios sentimentos que tinha por ela.

— Decidi que não voltarei para lá — anunciou Maggie, tomando a decisão naquele exato instante. Independentemente do que acontecesse entre ela e Ryan, queria permanecer em Boston. E, se conseguisse o que queria, trabalharia ali, ao lado dele. Algum dia, talvez, ele até mesmo lhe permitisse assumir o sistema contábil do bar, para que ela pudesse trazê-lo para o século XXI.

Ryan estreitou o olhar.

— Por que não?

— Não há nada interessante para mim no Maine — respondeu ela.

— E aqui?

— Isso ainda é uma incógnita.

A resposta de Ryan foi um profundo suspiro, mas Maggie estava quase certa de ter visto um lampejo de alívio naqueles olhos azuis. Não era muita coisa, mas se agarraria àquilo com todas as forças.

UMA SEMANA mais tarde, faltando poucos dias para o Natal, Ryan ainda amaldiçoava o fato de não ter feito tudo que podia para persuadir Maggie a voltar para o Maine. O único problema teria sido soar sincero. Parecia-lhe cada vez mais evidente que o lugar dela era ali, fazendo-o rir com as histórias que lhe contava sobre a família. E o fazendo ansiar por ter o mesmo.

Ainda assim, Ryan se continha para não permitir que ela lhe lançasse um feitiço impossível de ser quebrado. Embora os convites para jantar com os O'Brien se repetissem quase todos os dias, ele os recusava um a um. Tinha quase certeza de que finalmente conseguira passar a Maggie a mensagem de que o que os dois tinham agora seria o máximo a que ele se permitiria.

Claro que, justamente quando estava se sentindo confiante, ele ergueu o olhar e se deparou com a mãe de Maggie transpondo as portas do bar com um brilho determinado no olhar. Ela lhe dera certeza de que aquilo aconteceria, mas com o passar dos dias Ryan afastara da mente a possibilidade de um confronto com Nell O'Brien.

Agora, na véspera de Natal, a mãe de Maggie se encontrava parada exatamente diante dele, com as mãos nos quadris e uma expressão determinada estampada no rosto.

— Fingirei que não recusou grosseiramente cada convite que Maggie lhe fez — começou ela, com os olhos faiscando. — Mas não permitirei que se negue a passar o Natal conosco. O padre Francis também está convidado.

— O abrigo... — começou Ryan, apenas para ser interrompido.

— O almoço no abrigo é ao meio-dia. Eu me informei — retrucou ela. — Nós comeremos às cinco horas. Isso dará aos dois muito tempo para chegar

lá. — Nell inclinou a cabeça para o lado de uma maneira que o fez se lembrar de Maggie. — Alguma pergunta?

Ryan sabia reconhecer quando era vencido.

— Não, senhora.

— Então vejo-o amanhã?

— Sim, obrigado. Posso levar alguma coisa?

— Apenas o padre Francis e uma atitude agradável — respondeu Nell, antes de lhe depositar um beijo no rosto. — E uma pequena lembrança para Maggie, talvez. Sei que ela comprou uma coisinha para você.

Ryan suspirou. Havia encontrado o presente perfeito para Maggie, mas resolveu não comprá-lo. Dissera a si mesmo que qualquer coisa que lhe desse sugeriria uma conexão que ele estava tentando não encorajar. Deveria ter percebido que aquela fora outra decisão errada de sua parte, sabendo que Maggie não hesitaria em lhe comprar algo.

— Maureen, tome conta do bar — pediu ele à garçonete. — Tenho algo a fazer.

— Estamos transbordando de clientes e você tem algo a fazer? — perguntou Maureen, parecendo atônita.

— Uma compra de Natal de última hora.

Um sorriso se estampou no rosto da garçonete.

— E, se não me engano, aquela que acabou de sair era a mãe de Maggie O'Brien. Isso significa que vai comprar algo especial para Maggie?

— Tire a conclusão que quiser — retrucou ele. — Desde que eu possa sair daqui antes que as lojas fechem.

— Vá — encorajou Maureen. — Além disso, imagino que Maggie não demore a aparecer para ajudar. Devo lhe dizer que saiu à procura de um presente para ela?

Ryan exibiu uma carranca.

— Não fará nada disso ou seu bônus deste ano se transformará em cinzas.

Maureen soltou uma risada diante da inócua ameaça.

— Recebi meu bônus na semana passada.

Ryan suspirou.

— O do ano que vem, então.

Como se não bastasse os feriados serem estressantes o suficiente para ele, por que todas as mulheres que conhecia resolveram levá-lo à loucura?

Capítulo ONZE

— ESTÁ FAZENDO a coisa certa — afirmou o padre Francis, enquanto os dois se dirigiam à casa de Maggie na tarde de Natal, após uma agitada manhã no abrigo. Ryan havia tocado “Noite feliz” uma dúzia de vezes para as crianças. — Já está na hora de passar o feriado ao lado de uma família de verdade, em vez de se limitar à companhia das almas perdidas do abrigo ou dos desgarrados que frequentam o seu bar.

— Isso vindo de um homem que costuma viver na companhia dos desgarrados — retrucou Ryan.

— Só porque me preocupo com você — disse o padre. — E porque Rory é o único homem que conheço que sabe fazer um pudim de Natal decente.

— Então por que concordou tão prontamente em abrir mão dessa iguaria este ano? — questionou Ryan.

— Porque tivemos oferta melhor. Afinal, o pudim de Natal não é a parte mais importante do feriado.

— E, além disso, tenho certeza de que Rory concordou em guardar um pedaço para o senhor — adivinhou Ryan.

— Sim, ele prometeu — concordou o padre, sem nenhum pudor.

Minutos depois, Ryan encontrou uma vaga para estacionar o carro a meio quarteirão da residência dos O'Brien. A julgar pelo número de carros em frente à casa e enfileirados no caminho que levava à garagem, deviam estar recebendo uma multidão. Embora talvez conhecesse quase todos os convidados, Ryan experimentou um momento de pânico diante da perspectiva de encará-los. Porém, bastou um olhar ao padre Francis para desligar o motor e sair do carro.

À porta, Maggie os cumprimentou de maneira afetuosa, reservando um sorriso presunçoso para Ryan.

— Estavam apostando se você viria ou não — disse ela. — Creio que minha bolada exceda os vinte dólares. Mamãe ficará com a outra metade.

— Costumam apostar em tudo? — perguntou Ryan, enquanto o padre Francis soltava uma risada.

— Mais ou menos — respondeu ela, subindo nas pontas dos pés para capturar os lábios de Ryan com um beijo deliberadamente lento que lhe fez a cabeça rodar.

Antes que pudesse se recuperar, ele ouviu o padre resmungar:

— Já estava na hora. — Em seguida, o religioso desapareceu em uma óbvia tentativa de lhes proporcionar um pouco de privacidade.

Ryan sentiu os lábios de Maggie se curvarem em um sorriso lento contra os dele. Quando ele recuou, percebeu o divertimento bailando nos olhos cor do mar.

— O que foi? — perguntou, irritado.

— Nada — respondeu Maggie. — Você me ouviu dizer alguma coisa?

Ryan assentiu com a cabeça, satisfeito.

— Continue assim. Essa situação não é nada engraçada. Não consigo ficar distante de você, mas isso não significa que mudei de ideia. Não sou o homem certo para você.

Maggie o inspecionou tão detalhadamente que quase o fez se contorcer. Em seguida, negou com a cabeça.

— Não estou vendo isso.

— Vendo o quê?

— Você não ser o homem certo para mim. — Os olhos verdes se fixaram no pequeno pacote de presente que ele trazia nas mãos. — Isso é para mim?

Com um suspiro, Ryan lhe entregou o presente. Uma parte dele desejava que Maggie o abrisse naquele instante, mas a outra temia que ela o fizesse. Não tinha muita prática na escolha de presentes, mas aquele lhe parecera perfeito. Se ela o detestasse, iria se sentir como um idiota.

Maggie, porém, não mostrava tais hesitações. Desembrulhava o pacote com animação digna de uma criança. Os olhos brilharam quando viu a caixa

quadrada e pequena. Por um instante, se atrapalhou com a tampa e, impaciente, entregou-a de volta a Ryan.

— Sou desajeitada. Abra você.

— O presente é seu — protestou ele.

— Por favor.

Ryan pegou a caixa, rasgou a fita adesiva que a mantinha lacrada e ergueu a tampa apenas o suficiente para lhe facilitar a abertura total da caixa.

— Muito bem. É toda sua — disse ele, ansioso por se livrar daquilo. Ainda assim, se viu incapaz de desviar o olhar, enquanto esperava lhe ver a reação.

Maggie desembulhou o papel fino que cobria a caixa e suspirou.

— Oh, meu Deus! — sussurrou ela, com os olhos brilhando. — São lindas! — Removeu as presilhas vintage de cabelo de marcassita da caixa e as observou com expressão reverente. As presilhas tinham o formato de trevos e cada uma possuía um pequeno fragmento de esmeralda no centro que se assemelhava com perfeição à cor dos olhos de Maggie. — Tenho de colocá-las. — Ryan permaneceu imóvel, como se tivesse congelado, enquanto ela se encaminhava a um espelho no corredor de entrada. Quando as presilhas faiscantes lhe seguravam o cabelo, Maggie girou com um sorriso. — São perfeitas. O melhor presente que já ganhei. Obrigada.

Ryan não sabia como agir diante da gratidão que ela demonstrava ou do tão evidente amor que lhe fazia brilhar os olhos. Aquilo era demais para um homem que quase nunca fora o receptor de ambos os sentimentos, ao menos não de alguém realmente importante. Uma onda de pânico o invadiu. Não fazia cinco minutos que afirmara não ser o homem certo para ela e agora, ao que parecia, Maggie estava ainda mais convencida que eram perfeitos um para o outro. Nunca antes Ryan percebera que um presente pudesse dizer tanta coisa, ou mesmo contradizer palavras, não importava com que determinação fossem proferidas.

— Desculpe. Não posso fazer isso — disse ele, girando em direção à porta de saída. Porém, antes que pudesse escapar, Maggie se postou na frente dele.

— Fazer o quê? — perguntou ela.

Ryan gesticulou na direção do restante da casa, repleta de membros da família O'Brien.

— Essa coisa familiar. Não sou bom nisso.

Encarando-o com olhar inflexível, embora temperado de compreensão, ela disse:

— Se isso é verdade, o que não acredito, então está na hora de me dizer por quê. Contar a história toda e parar de deixá-la escapar a conta-gotas.

Ryan suspirou diante do pedido sensato.

— Sim, de fato lhe devo uma explicação, mas não hoje. Sua família está esperando por você.

— Estão esperando por *nós* — corrigiu ela. — Temos uma variedade enorme de antepastos e de gemada que meu pai fez. Eles não se importarão de esperar um pouco mais.

Portanto, pensou ele, não teria outra alternativa.

— Há algum lugar em que possamos conversar em particular?

— No meu quarto — retrucou Maggie, sem hesitar.

Ryan se opôs a tal ideia como se ela tivesse sugerido subirem para fazer amor.

— Não vou para o quarto com você na frente de toda sua família. Enlouqueceu? O que eles vão pensar?

— Que estamos procurando um pouco de privacidade — retrucou ela, sensata. — Se ainda não percebeu, há uma multidão na cozinha fazendo companhia à minha mãe, enquanto ela cozinha. Há outra multidão no escritório, assistindo ao futebol. As crianças estão na sala de recreação, lá embaixo. E há pelo menos uma dúzia de pessoas na sala de estar, escutando cada palavra do que estamos dizendo neste momento. Tem uma ideia melhor?

Ryan a segurou pela mão, retirou um sobretudo que estava pendurado em um gancho próximo à porta e a guiou na direção de seu carro. Quando se encontravam acomodados, ligou o aquecedor na potência máxima. Em seguida, girou para encará-la. Só então percebeu que havia pegado o sobretudo de alguém bem maior que Maggie. Ela parecia mais delicada do que nunca engolfada pela lã azul-escura. Os olhos enormes o observavam, cautelosos, como se ela não soubesse que tipo de tempestade iria invocar.

Antes que pudesse puxá-la contra o corpo e a beijar da forma como desejava desesperadamente, Ryan se forçou a inspirar fundo e lhe contar

sobre como os pais os abandonaram, o dia devastador em que fora separado dos irmãos, a montanha-russa em que se transformara sua vida quando fora entregue ao sistema de lares adotivos. Relatou também como o padre Francis o encontrara, quando ele estava prestes a arrombar uma loja de conveniência da vizinhança à procura de algo para comer em uma amarga véspera de Dia de Ação de Graças.

— Não era a primeira vez que eu arrombava uma loja e provavelmente não seria a última — disse ele, com olhar firme. — Eu era um ladrão.

— Era uma criança faminta — contrapôs Maggie, com os olhos banhados de lágrimas inspiradas pela compaixão.

— Não tente desculpar o que fiz porque se compadeceu com a história — retrucou Ryan em tom rude, detestando o fato de ela se mostrar tão ansiosa por negligenciar a verdade. — E não se atreva a sentir pena de mim. Não merecia isso naquela ocasião e certamente não mereço agora. Eu sabia o que era certo e errado.

— Você era um menino — insistiu Maggie, ainda o defendendo com ferocidade. — E obviamente desesperado.

— Tinha idade suficiente para saber que aquilo era errado — argumentou ele, com a mesma aspereza que Maggie utilizara. — Não passava de um moleque delinquente. É claro que meus pais sabiam disso. — Ele inspirou profundamente e, em seguida, deixou escapar a culpa secreta que guardara em seu coração durante tanto tempo. — Foi esse o motivo por que partiram e pelo qual não me adaptei em nenhum lar adotivo.

Maggie lhe dirigiu o olhar, parecendo chocada e incrédula.

— Não — disse ela, recusando-se terminantemente a aceitar aquela explicação. — Seja qual for a razão de seus pais para abandoná-los, com certeza não foi essa.

Ryan se surpreendeu com a intensidade da convicção naquelas palavras. Desejava ter metade daquela certeza de que não fora ele a causa da atitude extremada dos pais. O que mais poderia pensar? Ele era o filho mais velho. Se ao menos tivesse se mostrado mais responsável, se comportado melhor, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

— Perguntei-lhe isso antes, mas se recusou a me responder. Alguma vez tentou encontrar seus pais e irmãos? — questionou ela, com a voz de repente

suave. — Ryan negou com a cabeça. — Também já lhe fiz essa pergunta, mas farei outra vez. Por que não?

— Não lhe parece óbvio? Eles não queriam conviver comigo e com os meus irmãos. Por que deveria me rastejar atrás deles?

— No seu lugar, eu gostaria de saber o motivo que os levou a fazer isso — disse Maggie, fazendo aquilo soar óbvio. — Teria de saber.

— Algumas coisas dispensam explicação.

— E outras são menos doloridas quando se tem idade suficiente para compreender a verdade.

— Isso não passa de psicologia barata e você sabe disso — rebateu ele. — Não preciso ouvir esse tipo de coisa.

— Então, o que precisa de mim?

Ryan lhe dirigiu um olhar tristonho.

— Nada — insistiu, mentindo entre dentes. — Absolutamente nada.

Maggie não disse uma palavra, mas pareceu despedaçada. Antes que Ryan pudesse lhe perceber a intenção, ela estava fora do carro, correndo pela calçada. Ele ficou parado lá, com a porta do passageiro aberta, permitindo a entrada do ar congelante. E foi então que percebeu que nunca, nem mesmo no dia em que fora abandonado pelos pais, se sentira tão só.

AS BATIDAS à porta do apartamento seriam capazes de ressuscitar um morto. Ryan franziu a testa, mas não se levantou da cadeira. O copo com o drinque de que se servira quando retornara da casa de Maggie ainda estava cheio. Mesmo enquanto entornava o líquido no copo, soubera que a solução de seus problemas não estava no álcool. A não ser que bebesse toda a maldita garrafa, aquilo não lhe proporcionaria o esquecimento desejado.

— Droga! Sei que está aí — gritou Rory. — Abra a porta ou terei de colocá-la abaixo.

Ryan deixou escapar um suspiro. Sabia que o cozinheiro irlandês não só era capaz de cumprir a ameaça, a julgar pelo tom de sua voz, como, provavelmente, estivesse até mesmo ansioso por fazê-lo.

Portanto cruzou a sala com três passadas longas e escancarou a porta.

— Qual é o seu problema? — Ryan perguntou.

— Não sou eu quem está com um problema — retrucou Rory.

— Como?
— Maggie telefonou. Está preocupada com você.
— Não deveria estar — disse Ryan.
— Então telefone para ela e lhe diga isso.
— Acho que não é uma boa ideia. — Por mais medonha que fosse a dor em seu peito, sabia que atrair Maggie de volta à sua vida era um erro. Era melhor que tivessem colocado um fim naquilo de uma forma clara.

Rory notou o copo de uísque ao lado da cadeira.

— Pensei que não bebesse.
— Raramente o faço. É diferente — respondeu Ryan. — E, se bisbilhotar um pouco mais, também perceberá que nem toquei no copo.

Ryan assentiu com a cabeça.

— Tudo bem, então. Quer conversar sobre o que aconteceu?
— Não.
— Interessante. Maggie também não disse muita coisa.
— Que descrição da parte dela! — retrucou Ryan, sarcástico. — Uma mudança agradável.

Rory franziu a testa diante do comentário.

— Debochar de Maggie não resolverá o que o está perturbando.
— Acha que não sei disso?
— Conversar poderá ajudá-lo.
— Não estou disposto a discutir esse assunto, não com você ou com Maggie — afirmou Ryan, encarando o amigo diretamente nos olhos. — Fui claro?

— Como quiser — concordou Rory. — Suponho que devo telefonar para ela e lhe dizer que você ainda está vivo?

Ryan deu de ombros.

— Faça como quiser.
— Talvez eu devesse ir até lá para consolá-la — sugeriu Rory, malicioso.

Ryan sentiu um nó nas entranhas.

— Não espere que eu ofereça qualquer objeção.
— Está bem, então — declarou Rory, sentando-se no sofá. — Não sairei daqui enquanto não me disser o que aconteceu. O dia em que não se opõe a que eu faça uma visita a Maggie certamente é o do juízo final.

Apesar do péssimo humor em que se encontrava, Ryan sentiu os cantos dos lábios se curvarem.

— Não é nada tão terrível. Apenas está acabado — disse ele ao amigo, mantendo o tom de voz surpreendentemente tranquilo. — Não que tivéssemos começado algo, mas havia essa possibilidade.

— E foi você quem terminou, suponho.

Ryan pensou na cena do lado de fora da casa de Maggie. Fora ele a proferir as palavras que puseram um fim no que havia entre os dois, mas Maggie saíra correndo. Ambos haviam terminado, se quisesse ser sincero. Não, Ryan corrigiu a si mesmo, a culpa era toda dele.

Fizera o que era tão competente em fazer. Colocara-a para fora de sua vida e, dessa vez, com uma declaração que Maggie não podia ignorar.

— Sim, acho que fui eu quem terminou — admitiu.

— E por que diabos faria uma besteira dessas? — questionou Rory, obviamente perplexo. — E no dia de Natal. Você não tem coração?

Ryan sustentou o olhar irado do amigo.

— Não — respondeu, sem titubear. — E não é essa a questão?

— Claro. Mas, se é assim, então por que me parece que não é seu cérebro obstinado que o está fazendo sofrer esta noite? Eu diria que é seu coração que está partido — disse Rory, antes de se encaminhar à porta. — Pense nisso, está bem?

Quando a porta se fechou, Ryan fechou os olhos contra a onda gigantesca de angústia e arrependimento que o invadiu. Tentou mais uma vez dizer a si mesmo que fizera a coisa certa, mas estar com a razão não lhe servia de consolo.

O RESTANTE do feriado de Natal passou em uma névoa para Maggie. Apesar de manter um sorriso no rosto, não conseguiu enganar ninguém. Soube disso porque todos evitaram comentar sobre o desaparecimento de Ryan. Matt ofereceu ao padre Francis uma carona de volta à cidade e o religioso partiu, após apertar a mão de Maggie com a compaixão estampada no olhar. Era óbvio que nem mesmo ele pretendia explicar a abrupta partida de Ryan. Porém, Maggie já sabia a resposta. Ele partira porque não podia suportar

passar nem mais um minuto em sua companhia... e porque ela saía correndo diante da primeira dificuldade.

O fato de o telefonema que dera a Rory ter se revelado tão inútil quanto qualquer outra possibilidade de chegar a Ryan apenas lhe aumentava a tristeza. O cozinheiro do bar retornara a ligação para confirmar que Ryan chegara em casa, mas não acrescentara mais nada. Nem mesmo uma fagulha de esperança de que o humor macambúzio do patrão pudesse se dissipar na manhã seguinte.

Após várias noites agitadas e insones, na manhã da segunda-feira seguinte Maggie estava convencida que *ela* teria de procurar os Devaney, já que Ryan não parecia disposto a fazê-lo. Aquela era chave do problema.

No entanto, no térreo, à luz clara do dia, Maggie percebeu que não era tarefa sua encontrar a família de Ryan, não importava o quanto achasse aquilo importante para fazê-lo confrontar o passado. Apenas Ryan teria o direito de tomar tal decisão.

— Maggie? — chamou a mãe, estudando-a com ar preocupado. — O que a está perturbando? Não quero ser inconveniente, mas você e Ryan brigaram no dia de Natal? Foi por isso que ele partiu?

Houvera uma briga? Não exatamente. Ele simplesmente afirmara que não precisava e que nunca precisaria dela. E, ao ouvir aquilo, ela saía do carro sem dizer uma palavra.

— Não — respondeu Maggie, com voz cansada, enquanto acrescentava açúcar à xícara de chá que a mãe colocara diante dela.

— Então, o que houve?

— Não consigo falar sobre isso. Ainda não — disse ela.

— Vi as presilhas de cabelo que Ryan lhe deu. São lindas.

Maggie sorriu.

— São mesmo, certo? Ele não poderia ter escolhido presente mais perfeito.

— Deu-lhe o presente que comprou para ele?

Maggie fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não tive chance.

— Vai levá-lo até lá?

— Sinceramente, não sei.

— Porque não quer que seja você a dar o primeiro passo em direção a uma reconciliação? O orgulho é um companheiro solitário — lembrou a mãe. — Se estivesse em seu lugar, levaria o presente hoje e resolveria qualquer desentendimento que tenha havido, para começar o ano sem mágoas.

Maggie suspirou. Não era o orgulho que a fazia considerar permanecer afastada do bar. Era apenas uma forma de proteger seu coração partido.

Em seu íntimo, porém, sabia que seria impossível se manter longe.

As duas pessoas mais importantes na vida de Ryan lhe viraram as costas em um momento crítico. Não seria apenas mais alguém que o amara e o decepcionara.

E ela de fato o amava. Percebera aquilo há duas semanas. Também chegara à conclusão de que encontrara seu nicho no bar de Ryan. Gostava de trabalhar com ele. Amava fazer os fregueses se sentirem acolhidos, adorava o ambiente familiar daquele lugar e a cantoria improvisada que animava muitas noites. Quem imaginaria que o padre Francis tinha uma voz de anjo?

Não estava disposta a abrir mão de tudo aquilo sem lutar.

Erguendo-se, ela deu um beijo no rosto da mãe.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por me lembrar o que realmente importa — disse ela.

— Eu fiz isso? — perguntou a mãe, com expressão inocente.

Maggie sorriu.

— Você e papai fazem isso todos os dias, apenas sendo quem são.

Um sorriso sereno se estampou no rosto de Nell.

— Se conseguimos lhe passar a ideia do que um casamento pode ser em todo seu potencial, então lhe fizemos um grande bem. Agora corra. Acredito que, com um pouco de paciência e muito amor, possa ensinar a mesma lição a Ryan.

— Espero que sim — disse Maggie. — Porque eu o amo de verdade, mãe. Nell envolveu a filha em um abraço.

— Sei que o ama. Ryan pode não facilitar as coisas, mas, se quiser minha opinião, acho que ele sente a mesma coisa. Apenas não reconhece esse sentimento porque é uma experiência nova para ele.

Maggie pensou nas palavras da mãe durante o percurso até Boston, agarrando-se a elas, enquanto se preparava para o confronto. Estava com um sorriso jovial ao entrar no bar, como se nunca tivesse se afastado.

Pousou o presente de Ryan no balcão do bar com um gesto casual e, em seguida, pendurou o sobretudo. Antes de virar de costas, percebeu a surpresa estampada nos olhos de Ryan, além de algo mais. Talvez uma fagulha de alívio.

Determinada a agir como se nada tivesse acontecido, pegou um avental e se dirigiu imediatamente ao trabalho, agradecida pelo bar estar lotado. Dessa forma, poderia adiar a conversa com Ryan.

Quando Maureen a alcançou, disse:

— Graças a Deus que você voltou.

— Vejo que está assoberbada — observou Maggie.

— Não é com a multidão de clientes que estou incomodada, mas sim com Ryan. Ele tem se mostrado tão irritado quanto um urso, desde o Natal. É de se admirar que não tenha espantado todos os clientes, sem mencionar os funcionários. Até mesmo Rory o está evitando.

Aquela notícia contribuiu para aumentar a confiança de Maggie. Quando, por fim, passou pelo balcão do bar, Ryan lhe segurou a mão e a fez parar. Os olhos azuis lhe procuraram o rosto.

— Sinto muito pelo que aconteceu no Natal — disse ele. — Comportei-me como um idiota.

Maggie lhe estudou o rosto querido e familiar, percebendo o remorso genuíno, antes de esticar a mão e tocá-lo.

— Eu sei.

— Estou feliz que tenha voltado.

Maggie se permitiu um leve sorriso.

— Também sei disso.

Ryan inspirou profundamente, como se estivesse ganhando coragem, antes de declarar:

— Não fiz outra coisa nos últimos dias senão pensar e cheguei a uma conclusão: eu a quero, Maggie O'Brien, e, se disser que sabe disso também, serei obrigado a beijá-la na frente de todo mundo.

O sorriso no rosto de Maggie se alargou.

— Sei tudo sobre você, Ryan Devaney. É melhor se acostumar com isso.

Aquilo era o equivalente a um desafio e ambos sabiam disso. Os olhos azuis arderam em chamas antes de ele lhe capturar os lábios.

O beijo não era suave ou hesitante, mas sim algo ousado e exigente que fez o sangue de Maggie ferver. Aquela nova ânsia fez o beijo ainda mais perigoso que todos os outros que o precederam. A língua experiente lhe invadiu a boca e ela sentiu o mundo girar.

A única coisa capaz de impedir aquele beijo de durar por toda a eternidade foram os aplausos que irromperam de todos os cantos do bar. Ryan se afastou como se tivesse sido queimado.

— Desculpe — disse ele, com a voz rouca.

Maggie franziu a testa.

— Não ouse se desculpar.

Ryan sorriu diante da ferocidade da resposta.

— Terminaremos isto mais tarde — prometeu ele.

— O beijo ou a discussão?

— Provavelmente, ambos — admitiu Ryan, com um sorriso tristonho.

Aquela era toda a abertura de que Maggie necessitava.

— Esta poderia ser a noite adequada para fechar o bar mais cedo — sugeriu, piscando, com o olhar cravado no dele.

Ryan negou com um gesto de cabeça, de repente prático e racional, enquanto lustrava o balcão com um pano.

— Hoje é segunda-feira de futebol.

Maggie havia aprendido a não permitir que a racionalidade o dominasse. Aquilo o mantinha seguro, mas não cheio de vida, como um homem tinha de ser. Ryan precisava exercitar sua espontaneidade.

Maggie olhou ao redor para o mar de rostos familiares que frequentavam o bar.

— Será que essas pessoas não têm aparelhos de televisão em casa?

A pergunta foi premiada com uma risada uníssona e intensa movimentação. Em dez minutos, o lugar estava vazio. Até mesmo Maureen desapareceu, com a promessa de chegar mais cedo na manhã seguinte para contabilizar os recibos.

— Você pode dormir até mais tarde — disse a garçonete, com uma piscadela.

Depois que Maureen partiu, trancando a porta, Ryan olhou ao redor com expressão perplexa. Em seguida, encarou Maggie fingindo indignação.

— Está tentando arruinar meu estabelecimento?

— Não — retrucou ela, com um movimento negativo de cabeça. — Apenas tentando despi-lo.

Ryan engoliu em seco. Em seguida, apagou todas as luzes, com exceção do trevo neon na janela, pegou o presente que estava sobre o balcão e a segurou pela mão.

— Bem, já que parece que terei a noite de folga, vamos subir e ver o que podemos fazer sobre isso.

Maggie lhe dirigiu um olhar reflexivo.

— O que há de errado com o bar?

— Quer que eu me dispa no meio do meu estabelecimento?

— Gosto de correr riscos. E você?

— Os preservativos estão lá em cima.

Maggie hesitou e, em seguida, olhou ao redor do salão com olhar tristonho.

— Não vou a esse extremo para correr riscos. Vamos subir.

— Não fique triste — provocou Ryan. — Farei valer a pena.

Maggie sorriu.

— Estou contando com isso.

Capítulo 107E

RYAN CONTINUAVA esperando acordar de um sonho. Em vez disso, cada roçar da mão de Maggie em seu peito, cada beijo profundo e prazeroso, parecia real. O zunido provocado pelo sangue que lhe corria apressado nas veias, o calor gerado a cada carícia e o desejo exigente não poderiam ser sentidos em um simples sonho, não importava o quanto parecesse real.

Ele abriu os olhos para se deparar com Maggie em carne e osso diante dele. E então sentiu a maior satisfação que já vivenciara. Aquilo... *ela*... era real. Maggie estava em seus braços, assim como em seu coração.

Para melhor ou para pior.

No entanto, naquele instante, só conseguia pensar no lado positivo. No modo como as luzes emprestavam um suave dourado à pele pálida de Maggie. Na forma como os contornos do corpo macio se encaixavam aos dele. O jeito como ela reagia a cada toque, como arqueava as costas quando ele lhe acariciava os seios fartos.

Não havia nada de contido em Maggie. Ela era aberta, generosa e exigia tanto quanto dava.

Ryan ergueu a cabeça e olhou dentro daqueles olhos verdes como o mar.

— Você é uma revelação.

— Como assim? — Maggie lhe sustentou o olhar com sensualidade sonolenta. — O que estava esperando?

— Cautela. Reserva. Talvez até mesmo um pouco de timidez.

Maggie soltou uma risada.

— De mim? Há semanas que venho quase suplicando por isto. Não há muita cautela ou reserva nisso.

Ryan deu de ombros, tímido.

— Pensei, sinceramente, que fosse apenas bravata.

— Está desapontado por ver que não era? — perguntou ela, com um leve sinal de preocupação no olhar.

Ryan lhe pressionou um beijo na base do pescoço, sentindo o calor repentino da pele sedosa aflorar sob os lábios.

— Claro que não. Uma mulher fogosa é muito excitante, ainda mais quando é algo inesperado.

Maggie sorriu diante da resposta.

— Então não se importa se eu fizer isto — disse ela, esticando a mão na direção da braguilha da calça de Ryan. — Acho que esta conversa já se prolongou por muito tempo.

Os músculos do abdome definido se contraíram em contato com as juntas dos dedos delicados. Com o olhar cravado no dele, Maggie lhe desceu o zíper do jeans e escorregou a calça comprida pelas pernas musculosas. Ryan completou a tarefa chutando a peça para o lado.

— Mais alguma coisa que esteja ansiosa por me arrancar? — perguntou ele em tom de voz arrastado, curioso em saber o que Maggie faria a seguir.

— Essa cueca terá de ser descartada mais cedo ou mais tarde — retrucou ela, com um olhar reflexivo que lhe fez a temperatura subir a um patamar insuportável. Maggie ergueu o olhar com um meio-sorriso nos lábios. — Mas ainda não.

Ryan tinha dificuldade de respirar.

— Ahn?

— Não pense que não conheço a bela arte de criar expectativa, Ryan Devaney. Não esperei pacientemente por semanas, enquanto você se decidia? Isso quase não me levou à loucura?

— É mesmo? — perguntou Ryan, extasiado pelo fato de Maggie ter ficado tão ansiosa por aquele momento quanto ele. — Mas você se vingou. Esforçou-se ao máximo para me tentar a cada minuto.

— Ora, claro que sim — retrucou ela, presunçosa. — Esse não era o objetivo? De que outra forma poderia fazê-lo me desejar tão desesperadamente a ponto de esquecer toda a sua tola prudência?

A expressão de Ryan se fechou no mesmo instante, diante da pergunta provocativa.

— Não era tola. Ainda tenho alguma.

Maggie fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não esta noite. E este momento é o que importa. Uma noite. — Ela sorriu. — E depois, a possibilidade de outra.

Aquela era a atitude “dá-se a mão, quer o braço” com a qual Ryan havia se familiarizado e que o deixara cada vez mais cauteloso.

— Não posso lhe prometer um amanhã — disse ele, sentindo a necessidade de deixar aquela questão clara, mesmo que tivesse começando a sonhar com semanas e meses adiante.

— Estou lhe cobrando alguma promessa? — perguntou Maggie, em tom de voz leve.

— Não — admitiu ele. — Mas você merece todas as promessas de um amanhã que um homem seja capaz de fazer.

— Se tiver de ser, elas virão com o tempo — respondeu ela sem rodeios. — Por ora, acho melhor nos concentrarmos no momento.

Maggie retirou o suéter pela cabeça. Em seguida se livrou da calça jeans, revelando toda a ornada e delicada renda com a qual Ryan fantasiara. O guarda-roupa de Maggie podia favorecer a simplicidade do jeans e dos suéteres, mas, no que concernia à roupa íntima, ela deixava aflorar seu lado feminino.

O corpo de curvas suaves era perfeito, com quadris estreitos, pernas muito longas, seios fartos o suficiente para preencher e se projetar generosamente acima do bojo do sutiã.

Ryan seria capaz de admirá-la por toda a eternidade, mas ela estava agindo. Maggie se aproximou, envolvendo-lhe o pescoço com os braços, enroscando uma das pernas na dele, permitindo o contato daquela pele sedosa e quente contra a carne já em chamas de Ryan.

— Faça amor comigo — sussurrou ela, contra os lábios quentes. — Agora.

Ryan atirou pela janela os últimos resquícios de cautela, ergueu-a e a pousou sobre a cama. Em seguida, retirou a cueca e se juntou a ela, apressando-se em livrá-la das peças diminutas de renda. Por ora, contentava-se em explorar cada centímetro daquele corpo tentador, descobrindo-lhe os lugares secretos. Os olhos azuis se fixaram no rosto

expressivo de Maggie, que refletia a crescente excitação, enquanto seus movimentos se tornavam impacientes.

— Agora — suplicou Maggie, com as costas arqueadas e os quadris erguidos para encontrar o ritmo dos dedos longos que a penetravam. — Por favor. Preciso senti-lo dentro de mim.

— Tudo bem — respondeu ele, enquanto lhe sentia o corpo enrijecer. — Entregue-se, querida. Permita-se sentir.

— Mas... — O restante do protesto se perdeu em um clímax intenso.

Apenas quando o último espasmo de prazer se abrandou foi que Ryan lentamente a penetrou, enterrando-se fundo dentro dela e esperando que os músculos internos de Maggie se ajustassem a ele. Um calor acolhedor lhe envolveu a masculinidade. As últimas contrações dos espasmos de prazer que feneciam o deixavam ainda mais excitado.

Em seguida, olhando-a nos olhos, Ryan começou a se mover. O ritmo firme e pulsante, tão antigo quanto o próprio tempo, estava levando-o às alturas. A expressão maravilhada de Maggie teria sido suficiente, contudo, havia mais. Os doces gritos que lhe escapavam da garganta, o exigente erguer dos quadris para encontrar os dele, o brilho da pele coberta da camada de transpiração, enquanto ela lutava para alcançar o elusivo pináculo final de prazer. Os olhos verdes se fecharam, como que para aumentar a concentração naquela busca, mas Ryan não permitiu. Não quando estavam tão próximos do êxtase.

— Olhe para mim — ordenou ele. Precisava saber que Maggie estava com *ele* e com mais ninguém. Podia sentir o corpo sedoso começar a estremecer e o dele enrijecer em mais uma investida, antes de alcançar a prazerosa satisfação. — Olhe para mim!

Maggie abriu os olhos no instante em que o clímax impactante a arrastava em suas garras. Ela ergueu os quadris uma última vez e, em seguida, também capitulou à explosão de êxtase.

Os espasmos de prazer pareciam se perpetuar. Ryan rolou para se deitar de costas, levando-a com ele e a aconchegando ao peito, quando sentiu a respiração começar a se acalmar.

Maggie se encontrava entregue em seus braços, também lutando por ar. Por fim, ela ergueu a cabeça para lhe encontrar o olhar.

— Isso foi... maravilhoso.

Ryan sorriu diante da inflexão de surpresa na voz de Maggie.

— Eu lhe disse que faria valer a pena fazer amor aqui em cima.

Os lábios macios e intumescidos se curvaram em um sorriso e, em seguida, para total perplexidade de Ryan, ela começou a rir.

— O que foi? — perguntou ele, surpreso com aquela reação. Em sua opinião, não haviam feito nada na última hora que justificasse uma gargalhada.

— Subimos por causa dos preservativos — lembrou ela.

Uma sensação de desânimo o invadiu diante da implicação de tal atitude.

— Eu os esqueci — retrucou ele. — Oh, Deus! Desculpe. Não passou por minha mente.

— Nem pela minha — lembrou Maggie.

— Mas sou eu o responsável. — Ryan passou uma das mãos pelo cabelo. Em que estivera pensando? Claro, aquele era exatamente o problema. Ele não pensara. Ao menos não com o cérebro. E o restante de sua anatomia não merecia confiança. Que diabos faria se ela engravidasse?

Não podia... não iria abandoná-la. Mas que tipo de pai poderia ser? Que espécie de marido? Todas as perguntas com as quais passara toda a vida acreditando nunca ter de lidar lhe invadiram a mente, exigindo respostas.

Mesmo diante do pânico que aqueles questionamentos o faziam experimentar, uma ínfima partícula de Ryan se maravilhava diante da possibilidade de terem gerado um filho.

O temor em se comprometer com aquilo, com Maggie, não era mais tão terrível quanto alguns dias atrás.

Um dedo delicado lhe tocou a testa.

— Rugas de preocupação. Pare com isso. Não engravidarei.

— Não pode ter certeza. Mulheres ficam grávidas o tempo todo, mesmo quando o casal usa proteção.

— Bem, não será problema seu se eu ficar — insistiu ela, empinando o queixo em uma expressão obstinada.

Se a afirmação tinha por objetivo tranquilizá-lo, falhou miseravelmente. Em vez disso, o enfureceu.

— E de quem seria? Há alguém mais nesta cama de quem não tenho conhecimento?

— Quis apenas dizer...

— Sei o que quis dizer. Está tentando me deixar fora da jogada... mais uma vez — disse ele, quase gritando. — E vamos deixar isso muito claro. Se houver um bebê, sou eu o responsável. É problema *meu* e o enfrentaremos juntos. Entendeu?

— Não quero prendê-lo em um casamento que não deseja — retrucou Maggie, com voz fria. — Precisa entender isso. Qualquer bebê que geremos, não será um problema. Não para mim. Será uma bênção. — Ela o encarou com olhar suplicante. — Temos de discutir por isso agora?

— Não é melhor deixarmos as coisas claras agora, em vez de adiá-las para quando estivermos diante de uma crise? — questionou ele.

— Não — respondeu Maggie, enfática. — Porque acabei de ter a melhor noite da minha vida e você a está estragando com esta conversa desagradável. — Ela franziu a testa. — Agora serei eu a esclarecer uma coisa: não continuarei a falar sobre isso.

Ryan não conseguiu conter um sorriso, mesmo contra a vontade.

— Está bem. Basta de conversa desagradável. Estaria sendo impertinente se sugerisse outro beijo?

— Talvez. — Maggie adotou uma expressão pensativa. — Tente e veremos qual será minha reação.

— Prefiro não me arriscar, principalmente quando uma mulher está nesse perigoso estado de humor.

Maggie soltou uma risada e o humor perigoso se esvaiu por completo.

— Venha cá e me beije.

Com uma risada abafada, ele rolou na direção do criado-mudo.

— Se não se importa, acho que vou pegar os preservativos antes. Com você, um beijo sempre tende a levar a outro.

MAGGIE ESPERARA tanto por aquele momento que tinha a impressão de que seu coração fosse explodir para fora do peito de tanta alegria. Não permitiria que o acesso momentâneo de pânico que o dominara diante da possibilidade de terem gerado um bebê estragasse aquele momento. Para ser sincera, não

podia imaginar nada mais gratificante que ter um filho de Ryan, mas conseguia entender os medos que o assombravam. Para Maggie, aqueles medos eram apenas mais uma razão para ele agir e fazer o que fosse necessário para esquecer o passado. Contudo, não o estimularia mais. Até então, aquilo não a levava a lugar algum.

Maggie virou para o lado e o encarou, admirando o corpo longo, esbelto e os músculos bem definidos.

— Há algo aqui que a agradou? — questionou Ryan, com a voz permeada de divertimento.

— Estou pensando — respondeu ela.

— Muito engraçada.

Maggie lhe encontrou o olhar, com expressão séria.

— Já lhe disse que a noite passada foi a melhor de toda minha vida?

— Uma ou duas vezes — provocou ele.

— Bem, foi mesmo e não vejo por que negar isso.

Ryan sorriu.

— Eu seria a última pessoa a desejar que o fizesse. E então, srta. Maggie, que planos tem para este dia? O Ano-Novo está se aproximando rapidamente. Já pensou no que fará quando chegar janeiro?

— Está tentando se livrar de mim? — perguntou ela, se esforçando para injetar um tom leve na voz. Mas até mesmo os próprios ouvidos conseguiam identificar o traço de nervosismo com que soara.

— Nunca — respondeu Ryan, pela primeira vez deixando de lado a barreira defensiva. — Quero-a aqui. Mais do que deveria.

Só então Maggie relaxou, aliviada por ele ter pedido, mesmo que de uma forma incompleta.

— Então será onde estarei.

Ryan a estudou por instantes.

— Por quanto tempo?

— Ora, veja quem está pressionando por mais do que um dia de cada vez? — provocou Maggie. — Está sugerindo um compromisso, Ryan Devaney?

Antes de deixar escapar um suspiro, ele parecia lutar consigo mesmo.

— E se eu estivesse?

— Eu concordaria — retrucou ela, sem nenhuma hesitação.

Ryan pareceu ter sido pego de surpresa com a resposta.

— Simples assim?

— Simples assim. — Maggie o observou com olhar firme. — Mas ainda não está me pedindo isso, certo?

Ryan esticou a mão e lhe afastou uma mecha de cabelo do rosto.

— Ainda não — respondeu, com evidente tristeza. — Mas estou começando a acreditar que qualquer dia desses pedirei.

Maggie se ergueu em um dos cotovelos para beijá-lo.

— Então estarei esperando por esse dia. Enquanto isso, interferirei em seu trabalho no bar tanto quanto me permitir.

Ryan soltou uma risada baixa.

— O que não será muito — preveniu.

— Veremos.

— A contabilidade na igreja St. Mary não é suficiente para mantê-la ocupada?

— Nem de longe. Coloquei-a em ordem nas primeiras semanas. O mais trabalhoso foi convencer o padre Francis a seguir as regras quanto a guardar os recibos do que compra para o abrigo e registrar as doações para que seja emitido um recibo apropriado.

— Posso imaginar que desafio foi convencê-lo — concordou Ryan. — E como o padre Francis não é tolo, ocorreu-lhe que ele tem se mostrado resistente apenas para que você continue voltando?

Na verdade, aquilo nunca passara pela mente de Maggie.

— Acha mesmo?

— Se eu estivesse no lugar dele, faria isso.

Maggie sorriu.

— Em outras palavras, não permitirá que toque nos seus registros contábeis, porque os está reservando como um incentivo para me manter por perto?

— Isso você nunca saberá — respondeu ele.

— E se eu lhe promettesse continuar por perto de qualquer maneira? Permitiria que eu trabalhasse neles?

Ryan parecia considerar a questão, pensativo, antes de negar com a cabeça.

— Acho que não.

— Por que não?

Ryan deu ombros.

— Tenho muita experiência com promessas não cumpridas.

Maggie deixou escapar um suspiro. E lá estavam eles de volta à família de Ryan.

— Escute...

Mas ele ergueu uma das mãos.

— Não. Não toque nesse assunto. Pelo menos uma vez, esqueçamos minha família.

— Está bem — concordou Maggie, assentindo com a cabeça. — Posso fazer isso. — E, encarando-o com olhar penetrante: — Você pode?

A PERGUNTA desafiadora de Maggie permaneceu na mente de Ryan durante dias. Sabia que estava longe de resolver sua situação com Maggie, mesmo se considerasse ainda que por um segundo procurar os pais. E estava pensando sobre isso. Não por desejar encontrá-los, mas porque aquilo parecia significar muito para ela. Seria capaz de dar qualquer coisa que Maggie quisesse. Desde o instante em que fizera amor com ela, soubera que estava perdido.

Com seu coração aberto e generoso, Maggie oferecia tudo que lhe fora negado durante toda sua vida: amor, a sensação de pertencer a alguém, a felicidade.

E com Nell, Garrett O'Brien e os outros, também estava lhe ofertando uma chance de se ligar a uma família de verdade.

Aquilo devia ser mais que suficiente para um homem que tivera tão pouco no que concernia ao amor.

No entanto, por mais feliz que estivesse com o progresso daquele relacionamento, era forçado a admitir que ainda havia algo faltando em sua vida. Algo que Maggie nunca poderia substituir.

Talvez, se fosse corajoso o suficiente, poderiam se casar e ter filhos, mas não importava quantas pessoas ela trouxesse para sua vida, jamais

conseguiriam compensar aquelas que perdera.

Depois que Maggie lançara aquele desafio, não dissera mais nada sobre ele procurar a família, entretanto era óbvio que acreditava que eles eram o pedaço que faltava em seu coração. Se tinha alguma dúvida sobre aquilo, se dissipou quando finalmente abriu o presente que Maggie lhe dera de Natal. Um porta-retratos com uma foto dele e espaço para mais seis pessoas. No mesmo instante soube que aqueles espaços vazios deviam ser preenchidos com as fotos dos irmãos e dos pais.

Apesar disso tudo, Ryan não conseguia dar o primeiro passo para iniciar uma busca. Não tinha plena certeza do motivo de tanto receio em tentar. Temeria acabar se desapontando? Ou seria de outra rejeição que tinha medo?

Sempre que a mente se encontrava repleta de perguntas sem resposta, Ryan se dirigia ao abrigo. Lá, havia pessoas com problemas muito mais sérios que os dele, que sobreviviam a despeito das tragédias que se haviam abatido sobre elas.

Quando chegou ao abrigo no meio da manhã, surpreendeu-se em encontrar Letitia preparando o almoço das crianças, na cozinha. Estava fazendo sanduíches de geleia com pasta de amendoim com extrema rapidez, mas tinha a expressão do rosto desatenta.

— Tudo bem? — questionou Ryan, após observá-la por alguns minutos.

Letitia ergueu o olhar da tarefa e um sorriso largo se estampou em seu rosto.

— Sr. Devaney, o que está fazendo aqui?

— Vim passar algum tempo com as crianças. Geralmente precisam de uma distração durante a temporada de festas. Sem as aulas e com alguns pais à procura de emprego, não podem fazer muita bagunça. E você? O que está fazendo aqui? Pensei que estaria no hospital.

— Jamal está com Lamar. — Os olhos da mulher se iluminaram. — Sabia que ele terá alta do hospital no fim desta semana? Os médicos disseram que meu filho está fazendo um progresso fantástico. Ao que parece, Lamar tem um futuro brilhante à sua frente.

— Isso é maravilhoso. Voltará para cá?

Letitia negou com a cabeça, o sorriso se alargando ainda mais.

— Jamal procurou o antigo patrão e explicou o que aconteceu. Ele concordou em readmiti-lo no dia primeiro de janeiro. Deu-lhe até mesmo um adiantamento de salário, para que pudéssemos alugar um apartamento. Vamos nos mudar amanhã para que possamos arrumar tudo, antes de Lamar voltar para casa. — Letitia pousou o pote de geleia e cruzou a cozinha para abraçá-lo. — Tenho minha vida de volta, e tudo por causa do senhor.

Ryan estava começando a se acostumar com as demonstrações impulsivas de afeto, mas não com os elogios.

— Letitia... — começou ele.

Porém, a mulher o interrompeu.

— Não quero ouvir nada disso — repreendeu ela. — Fez uma boa ação. Agora, aceite meu agradecimento.

Ryan sorriu.

— Não foi nada.

Letitia o estudou com olhar penetrante.

— Há algo o perturbando? Está parecendo desnortado. Trata-se de Maggie?

— Maggie está bem — disse ele.

— O senhor a está tratando bem?

Ryan sorriu diante do tom protetor que Letitia utilizou.

— Tanto quanto sei tratar.

— E o que significa isso?

— É uma longa história. Não a incomodarei com isso.

Letitia franziu a testa.

— Deixe-me levar estes sanduíches para meus pequenos e então me contará essa história.

Por mais estranho que parecesse, Ryan não conseguiu recusar a oferta. Talvez precisasse de uma perspectiva inteiramente nova.

Durante muito tempo se recusara a aceitar os conselhos do padre Francis e, recentemente, os de Maggie, porque não queria lidar com o passado.

Letitia foi rápida na distribuição dos lanches para as crianças no refeitório. Quando retornou, serviu uma xícara de café para Ryan e outra para ela.

— Agora sente-se ali e me conte o que está se passando em sua cabeça — instruiu ela, com determinação na voz.

Ryan começou o relato com o dia em que os pais partiram e ele foi separado dos irmãos. Lágrimas encharcaram os olhos de Letitia enquanto ele falava, mas ela permaneceu calada. Limitou-se a ouvir até que Ryan lhe contasse tudo, inclusive a sugestão de Maggie para que ele procurasse a família se quisesse ter paz em sua vida.

— Estou começando a acreditar que ela está certa — admitiu Ryan. — Tenho vivido em uma espécie de limbo emocional por muito tempo.

— É o que me parece também — concordou Letitia. — E há mais uma coisa que não está considerando.

— E o que é?

— Pense um pouco no que aconteceu com Lamar porque não conhecíamos o histórico médico de Jamal e o que aquilo poderia significar para nosso filho. Não me disse se está pensando em se casar com Maggie, mas, se essa possibilidade lhe passou pela mente, precisa ter informações sobre sua herança genética.

Ryan refletiu sobre aquilo como se ela lhe tivesse apresentado uma tábua de salvação.

— Tem toda razão — disse ele a Letitia. Pela primeira vez, encontrara uma razão puramente prática para conduzir uma busca por sua família. Uma a que poderia se agarrar, sem arriscar o coração.

Letitia pareceu preocupada com a reação de Ryan.

— Essa não deveria ser a única razão para procurá-los — preveniu ela, como se conseguisse adivinhar o que lhe passava na mente.

— Eu sei — concordou ele, mas era uma forte razão. Uma boa e *segura* razão. Ryan se ergueu e se inclinou para depositar um beijo no rosto da mulher. — Obrigado.

— Não fiz nada — argumentou ela.

Ryan sorriu.

— Aceite meus agradecimentos de boa vontade. — Foi a vez dele de compreender.

Letitia soltou uma risada.

— É muito bom ver um homem que não é muito velho aprender uma coisa ou outra. Agora saia daqui e vá cuidar do que é importante. E lembre-se, quero um convite para o casamento.

Ryan hesitou diante do pedido.

— Não mencionei casamento.

— Esse dia chegará — afirmou ela, confiante. — A não ser que seja um tolo, e não vejo nada no senhor que justifique isso.

— Obrigado, acho eu. Tentarei visitar Lamar antes de ele ter alta, mas, se não conseguir, deixe-me um endereço para que eu possa encontrá-los.

— Pode ter certeza. Como lhe disse, o senhor faz parte de nossa família agora — disse ela, apertando-lhe a mão. — E nunca perco um familiar de vista. Ao menos não por muito tempo.

Ryan deixou o abrigo se sentindo abençoado. Há poucas semanas, sentia-se satisfeito com um punhado de amigos e toneladas de conhecidos. Agora, parecia estar colecionando famílias determinadas a acolhê-lo. Mesmo que a própria família o rejeitasse uma segunda vez, não seria mais tão doloroso.

AGORA QUE tomara a decisão de procurar a família biológica, Ryan se encontrava ansioso por começar. Não tinha nenhuma ideia de como conduzir uma busca por pessoas com as quais perdera contato há tantos anos. Contratar um detetive particular lhe parecia a melhor opção, mas a perspectiva de compartilhar sua história com um estranho era dolorosa. Mais uma vez seria mais fácil procurar Jack Reilly.

Para a surpresa de Ryan, contar toda a história para Jack pareceu muito menos penoso do que quando a dividira com Maggie ou até mesmo com Letitia. Jack era um profissional. Estava acostumado a ouvir, sem fazer comentários, histórias provavelmente muito mais sórdidas que a dele. Durante a conversa, o investigador se mostrou totalmente neutro, tomando notas e fazendo perguntas pertinentes sobre fatos e lugares. Nada que se relacionasse à questão afetiva.

Quando Jack conseguiu recolher todas as informações de que precisava, Ryan disse:

— Uma última coisa. Não conte nada disso a Maggie, está bem?

— Você é o meu cliente — Jack se apressou em esclarecer. — Qualquer coisa que me disser será estritamente confidencial.

Ryan se sentiu aliviado. Não queria que ela soubesse até que tivesse algo sólido para lhe contar. Além disso, ainda havia uma boa chance de, uma vez que encontrasse os pais ou os irmãos, não ter coragem de confrontá-los. Então, por que alimentar as esperanças de Maggie, apenas para recuar?

— Quanto tempo isso levará? — perguntou ele.

— É difícil dizer. As pistas são antigas. Como todos vocês eram muito pequenos quando foram encaminhados a lares adotivos temporários, é provável que o caçula tenha sido entregue à doação. Os nomes podem ter mudado. Se for esse o caso e os registros forem confidenciais, será necessário um milagre para encontrá-los.

— E quanto aos meus pais?

— Eu diria que isso será mais fácil, dependendo de para onde eles foram. Terei uma ideia melhor após fazer algumas investigações simples sobre relatórios de crédito e esse tipo de coisa. Tão logo saiba de algo, eu o informarei. — Jack o estudou com olhar curioso. — Passou-se muito tempo. Há alguma razão de estar com tanta pressa de repente?

— Não estou com pressa — retrucou Ryan. — Não muita.

Mas, até que encontrasse aquelas peças perdidas do passado, não poderia pensar em um futuro com Maggie, pelo qual passara a ansiar.

capítulo TREZE

ALGO ESTAVA acontecendo com Ryan. Ele se mostrava impaciente, distraído e passava muito tempo sentado à mesa com Jack Reilly. Sempre que Maggie se aproximava, os dois silenciavam, e aquilo a estava irritando.

Maggie se encontrava do lado de dentro do balcão, fazendo uma relação de estoque, algo que Ryan lhe permitira meio a contragosto, quando ele retornara de uma daquelas conversas secretas. Ao perceber a evidente frustração estampada nos olhos azuis, ela decidiu confrontá-lo.

— Muito bem, chega — disse Maggie, pousando o bloco e a caneta que estava utilizando para fazer anotações e franzindo a testa. — O que está acontecendo?

Ryan a encarou com olhar confuso. Ele representava muito bem. Não havia como negar aquilo. A julgar pela expressão que aquele belo rosto mostrava, parecia não ter ideia do que ela estava falando.

— Entre você e Jack — enfatizou Maggie, para deixar as coisas claras. — Qual é o motivo de todo esse cochicho?

— É sobre um caso em que ele está trabalhando.

— Por que ele pode falar com *você* sobre isso? — perguntou ela, não acreditando na resposta nem por um minuto. — E os dois se calam toda vez que me aproximo.

— Não é nada com que tenha de se preocupar — disse Ryan, evasivo, erguendo o bloco e verificando as anotações escritas.

— Como está nosso estoque de uísque irlandês?

As linhas que vincavam a testa de Maggie se tornaram ainda mais profundas diante do evidente subterfúgio.

— Temos uma caixa cheia, o que deveria saber, já que foi você quem fez o pedido anteontem.

Ryan exibiu um sorriso tímido.

— Sim, pedi. — Ele deu um passo na direção de Maggie. — Deve ser você, que tem um jeito de me fazer esquecer tudo, exceto meu nome. — Com um dedo Ryan lhe ergueu o queixo e lhe capturou os lábios em um beijo de tirar o fôlego. — Estava com vontade de fazer isto desde o instante em que transpôs aquela porta, esta noite.

O olhar de Maggie se estreitou diante do tom lisonjeiro na voz de Ryan.

— Está me escondendo alguma coisa, Ryan Devaney — acusou ela. — E me tratando com ares paternalistas. Para seu governo, saiba que não gosto disso.

— É mesmo? — perguntou Ryan, ainda não acreditando que ela falava sério. — Pensei que fosse fã de segredos.

— Sou fã de segredos *elucidados*. É diferente. Não gosto que escondam coisas de mim.

— Não é possível que algumas coisas não sejam da sua conta? — perguntou ele.

— Claro que é possível — concordou Maggie, impaciente. — Mas algo me diz que esse não é o caso.

Ryan se aproximou mais ainda.

— Se colocar essas dúvidas e perguntas de lado, eu poderia fechar o bar agora e nós subiríamos para o meu quarto.

— Não deveria usar o sexo como uma distração — repreendeu ela, embora seu humor estivesse mudando rapidamente. Talvez não tivesse respostas para todas aquelas perguntas que lhe queimavam a mente no momento. No dia seguinte, talvez conseguisse. — Mas, se estiver me prometendo uma sessão de sexo selvagem, poderia ser persuadida a concordar.

Ryan se inclinou para perto e lhe sussurrou ao ouvido. A voz rouca e a promessa de algo descaradamente pecaminoso lhe reduziu o último resquício de resistência a cinzas. Quando Ryan se mostrava perigosamente pecaminoso, se tornava irresistível.

— Tranque a porta — disse ela, ofegante.

A expressão de Ryan se tornou arrogante.

— Às vezes, você é surpreendentemente previsível, Maggie O'Brien.

— Isso não é um elogio — retrucou ela, com olhar faiscante.

Mas Ryan permaneceu imperturbável.

— No entanto, em outras ocasiões, e devo dizer que na maioria das vezes, se mostra tão imprevisível que é capaz de enlouquecer um homem.

Satisfeita com o elogio, Maggie o beijou.

— Assim está melhor. E qual sou esta noite?

Ryan a observou com olhar especulativo.

— Isso ainda terei de descobrir, certo?

Um calor intenso a invadiu diante do brilho curioso nos olhos azuis. Maggie se dirigiu à escada.

— Se ficar protelando para fechar o estabelecimento, terei de descer e fazer amor com você em pleno bar.

Ryan soltou uma risada.

— Está suplicando por isso desde a primeira noite em que fizemos amor. Uma dessas noites terei de satisfazer sua vontade, embora a cama me pareça uma escolha mais prática e confortável.

— Às vezes a emoção de aceitar um desafio supera qualquer desconforto envolvido — provocou Maggie. — Mas, por esta noite, a cama servirá.

Na verdade, qualquer lugar em que pudesse se sentir envolta no círculo seguro dos braços de Ryan e em que seu corpo estivesse unido ao dele seria mágico. E, a cada dia que se passava, ela se tornava mais e mais confiante de que Ryan sentia o mesmo.

Se ao menos não existisse aquela tênue nuvem ameaçando sua felicidade...

DOIS DIAS depois, Maggie ergueu o olhar de trás do balcão e se deparou com sua família inteira transpondo a porta do Ryan's Place. A mãe lhe lançou um olhar tristonho, enquanto se encaminhavam à maior mesa do salão. Maggie suspirou. Talvez não fosse capaz de convencê-los a sair dali, mas certamente podia evitá-los. Ao menos por enquanto. Ela se dirigiu a Maureen.

— Aquele grupo grande que acabou de entrar — disse ela, gesticulando com a cabeça na direção da própria família. — São meus parentes, mas acho

que lhe darei o prazer de atendê-los. Tenho a impressão de que estão aqui em uma missão.

— Que tipo de missão? — questionou Maureen, curiosa.

— Faz alguns dias que não volto para casa.

O olhar da garçonete se cravou em Ryan, que acabara de emergir da cozinha.

— Entendo. Que coisa boa!

— Imagino que isso dependa do ponto de vista — ponderou Maggie, observando a família com uma boa dose de cautela no olhar. — Vá e os mantenha distraídos, enquanto aviso a Ryan.

Maureen soltou uma risada.

— A julgar pelo pânico naqueles olhos azuis, acho que ele não precisa ser avisado — disse ela, mesmo enquanto pegava o bloco de pedidos e se encaminhava à mesa.

Ryan se juntou a Maggie atrás do balcão.

— Pode me dizer exatamente qual é a gravidade desta situação? — perguntou, sem desviar o olhar preocupado do grupo O'Brien.

— Acho que depende — retrucou ela. — Se souber lidar com algumas perguntas sobre suas intenções e presumindo que sejam suficientemente honradas, imagino que manterão as armas guardadas.

Ryan engoliu em seco.

— Bem, está aí um bom incentivo para correr até a igreja St. Mary e rezar. Onde está o padre Francis quando mais se precisa dele? Eles jamais atacariam com um padre ao meu lado.

— Não conte com isso — afirmou Maggie. — Há outra alternativa. Eu poderia ir até lá e declarar que não me sinto tão feliz assim em anos e lhes dizer que, se fizerem qualquer coisa para estragar isso, nunca os perdoarei.

Ryan assentiu com a cabeça.

— Gostei dessa alternativa.

— Claro que gostou — retrucou ela. — Isso o coloca fora de perigo.

— É verdade — admitiu Ryan. — Mas, antes de ir, importa-se de me dizer uma coisa? É verdade o que acabou de declarar?

— O quê?

— Que está feliz?

Maggie o encarou, parecendo chocada.

— Como pode duvidar disso?

Ryan deu de ombros.

— Acho que é um hábito. — E, evitando-lhe o olhar, acrescentou: — Sempre que algo está inacreditavelmente bom, penso que me será tirado.

O tom da voz de Ryan soava tão desolado e havia tanta tristeza por trás daquelas palavras que a fez tomar uma decisão.

— Você vem comigo — disse ela, segurando-lhe a mão com força e o puxando na direção da mesa dos O'Brien.

Quando se aproximou da família, fixou o olhar na mãe.

— Imagino que vieram aqui esta noite para escutar a banda — disse ela.

— É um grupo maravilhoso que acabou de chegar de Dublin.

— Queremos que a música se dane — disse John, dirigindo o olhar a Ryan com uma carranca fechada. — Estamos aqui porque você simplesmente desapareceu da casa dos nossos pais. Queríamos saber se estava bem.

— E por que não estaria? — perguntou Maggie. — Estou com Ryan, certo?

— E essa foi a nossa preocupação — interveio Matt. — Tem certeza do que está fazendo? Ele lhe fez alguma promessa?

O olhar do irmão estava cravado em Ryan, embora a pergunta fosse destinada a ela.

Maggie revirou os olhos diante do tom irritado e protetor na voz de Matt.

— Não pedi que me fizesse nenhuma promessa — respondeu. — E o que está acontecendo entre mim e Ryan é apenas de nossa conta. Ele me faz feliz. É só isso que precisam saber.

Ryan sustentou o olhar dos dois irmãos de Maggie.

— Posso entender a preocupação de vocês — concedeu ele. — Se eu tivesse uma irmã como Maggie, tentaria fazer tudo que estivesse em meu alcance para que ela não fosse magoada.

— E então? — pressionou John.

— Não vou magoá-la — respondeu Ryan. — Pelo menos não intencionalmente.

Quando percebeu que os irmãos estavam dispostos a saltar sobre aquela brecha que Ryan deixara, Nell intercedeu.

— Isso é o suficiente para mim — afirmou, em tom de voz alegre. — Podem se conter agora, John e Matt? — Era óbvio que não se tratava de um pedido, e sim de uma ordem.

— Não ouvi a palavra “casamento” ser mencionada — disse John, desafiando-a.

Ryan o olhou nos olhos.

— Mas não seria para você que eu faria o pedido.

Katie e Colleen sufocaram risadas diante do olhar indignado de John.

— Eu diria que agora ele o pegou — interferiu Matt, acalmando-se um pouco e voltando o olhar a Ryan. — Certifique-se apenas de estar atento para não magoá-la.

— É assim que deve ser — concordou Ryan, aceitando o aviso.

O pai de Maggie, que se manteve em silêncio durante toda a discussão, fez um gesto positivo com a cabeça.

— Então estamos acertados. Vou querer uma caneca da melhor cerveja que tiver. Quer nos acompanhar, rapaz?

— Minha presença é necessária atrás do balcão neste momento, mas voltarei — prometeu Ryan. — Maggie, por que não se junta à sua família durante o jantar? É por conta da casa.

— Não pode dar comida de graça para uma multidão dessas — retrucou ela, pensando na facada que aquilo daria na fêria da noite. — Que tipo de prática comercial é essa? Daqui a pouco, todos os seus clientes costumeiros estarão vindo aqui com suas famílias, em busca da mesma regalia que deu aos O'Brien.

Os irmãos vaiaram.

— Ora, esse não é o tipo de mulher que todo homem precisa? Que tenha tino para os negócios? — disse John.

— Mas, no momento, o negócio em questão é meu — reafirmou Ryan, sustentando o olhar de Maggie em um teste de medição de forças, com o qual ela estava se tornando muito familiarizada. — E estou disposto a pagar o jantar de sua família.

— Então ficaremos agradecidos por isso — disse a mãe, dirigindo um olhar significativo à filha. — Certo, minha filha?

Maggie deixou escapar um suspiro resignado e puxou uma cadeira para se sentar ao lado da mãe. Sabia melhor que a família o motivo daquela atitude de Ryan. Ele esperava amansar os lobos com uma refeição succulenta... e, no caso de não surtir efeito, os estava atirando sobre ela.

ESCONDER DE Maggie o verdadeiro motivo de suas reuniões com Jack Reilly estava se tornando cada vez mais difícil. Quando o detetive particular viera procurá-lo alguns dias atrás, com a notícia de que encontrara uma pista que podia levá-lo a seu irmão, Sean, Ryan se sentiu aliviado em muitos sentidos. Se não por mais nada, aquilo significava que finalmente tinha algo de concreto para partilhar com ela.

— O que descobriu? — perguntou ele a Jack, enquanto uma imagem do irmão de cabelo negro lhe vinha à mente. — Onde ele está? Meu irmão está bem?

— Está aqui mesmo em Boston, trabalhando como bombeiro — informou o detetive. — Consegui informações que me levaram ao último lar adotivo em que ele esteve, mas cortei um dobrado para conseguir arrancar qualquer coisa deles. Temiam que você só lhe suscitasse lembranças dolorosas. Por fim, eu os convenci a contatá-lo. Dei-lhes meu número de telefone e Sean me ligou hoje cedo.

— E?

— Seu irmão quer vê-lo. Aqui está o endereço e o telefone dele. O número não consta da lista telefônica, portanto não o perca.

— Contou-lhe alguma coisa sobre mim?

Jack negou com a cabeça.

— Não sabia se isso iria agradá-lo, portanto disse apenas que você está ansioso por encontrá-lo e que eu tinha certeza de que em breve se veriam.

Ryan deixou escapar um suspiro. Então, era isso?, pensou ele, observando o pedaço de papel com o endereço de Sean. Ficava apenas a alguns quilômetros dali. Era difícil de imaginar, mas poderia ter passado por aquela rua centenas de vezes e nem desconfiar.

— Vai telefonar para ele agora? — perguntou Jack.

Ryan negou com um gesto de cabeça.

— Primeiro, preciso contar isto a uma pessoa.

— Maggie?

— Sim.

— Bem, vou deixá-lo à vontade para fazer isso, então. Quer que eu continue procurando pelos outros?

Não importava qual fosse o desfecho daquela reunião, Ryan sabia que precisava encontrar o restante da família agora. Tinha de levar aquilo até o fim.

— Claro.

— Mantereí contato, então. — Jack relanceou o olhar à porta e sorriu. — E lá vem a Maggie. Eu diria que chegou no momento certo.

Com um aceno na direção dela, o detetive partiu. O olhar de Maggie o seguiu até que ele desaparecesse, antes de se aproximar de Ryan.

— Outra reunião ultrassecreta? Deve ser um caso e tanto o que Jack está investigando.

Ryan enfiou o pedaço de papel no bolso. Apesar do conselho de Jack, ainda não se sentia pronto para compartilhar a novidade. Antes, tinha de absorvê-la.

— Onde esteve? — perguntou, ignorando deliberadamente a pergunta que ela lhe fizera.

Maggie o encarou com expressão desapontada, mas deixou o assunto morrer.

— Fui visitar Lamar — informou.

— E como ele está?

— Mais forte a cada dia. Ele quer vê-lo.

— Passarei por lá esta semana. O novo apartamento é bom?

— Bem pequeno, mas é limpo e possui uma agradável vizinhança. Letitia disse que é um palácio comparado ao lugar onde foram forçados a ficar, antes de ela desistir e se mudar para o abrigo. Estudamos o orçamento dela e descobrimos uma forma de Letitia separar uma pequena parte do salário de Jamal a cada semana para que possam dar entrada em uma casa. Quando Lamar estiver totalmente recuperado, ela procurará um emprego também.

— Maggie lhe dirigiu um olhar especulativo. — Sugerir que ela pegue um

livro de receitas irlandesas na biblioteca, treine um pouco e depois nos convide para jantar.

Ryan fez um movimento negativo com a cabeça.

— Como se não bastasse o padre Francis, agora você também vai se encarregar de me trazer novos empregados?

— Não disse nada sobre contratá-la — retrucou Maggie, com expressão inocente. — Mas é uma excelente ideia, não acha? Além disso, em breve Rosita terá o bebê, portanto haverá uma vaga na cozinha.

— Como se Rosita estivesse trabalhando muito desde que veio para cá — resmungou Ryan.

— Isso porque Rory é um cavalheiro — retrucou Maggie.

— Está bem. Seja como for. Se Letitia precisar do emprego, darei um jeito.

Maggie o estudou com olhar estreitado, como se suspeitasse daquela fácil capitulação.

— Está tudo bem? Há algo que não está me dizendo?

Ryan franziu a testa diante da pergunta.

— Quem disse que estou lhe escondendo alguma coisa? — perguntou ele, na defensiva.

— Nada mudou, certo? — perguntou Maggie. — Ainda não consegue me deixar fazer parte de sua vida.

Ao perceber a inconfundível mágoa no tom de voz de Maggie, ele se viu tomado por uma onda gigantesca de remorso. Porém, não conseguia lhe dizer a verdade. Não ainda.

— Sinto muito. Estou tentando, mas ainda não consegui chegar a tal ponto. Tenha um pouco de paciência, está bem?

Maggie deixou escapar um profundo suspiro.

— Como estou apaixonada por você, parece que não tenho outra escolha.

A tranquila declaração de amor o pegou de surpresa. Ryan percebera que os sentimentos de Maggie se aprofundavam a cada dia, mas ouviu-la admitir que de fato o amava o deixou perplexo. Ainda mais surpreendente era o fato de que aquilo não o aterrorizava. Em vez disso, o fazia desejar admitir que os próprios sentimentos em relação a ela também estavam se aprofundando.

Ryan lhe segurou a mão, engoliu em seco e lutou até encontrar as palavras certas.

— Se isso lhe serve de consolo, eu também a amo. — A admissão foi mais fácil do que ele esperara, mas, ainda assim, não conseguiu deixar de acrescentar uma pequena retratação. — Ao menos, tanto quanto sei amar alguém. Isso pode ser o suficiente para você?

A sombra de um sorriso bailou nos lábios de Maggie.

— Por enquanto — respondeu ela, as lágrimas lhe fazendo os olhos brilhar. — Sim, por ora.

RYAN DEVIA ter olhado para aquele pedaço de papel com o endereço de Sean uma dúzia de vezes por dia. A cada vez que erguia o fone do gancho na intenção de telefonar para o irmão, voltava a pousá-lo. Durante duas semanas completas aquele papel o atormentara, assim como a expressão preocupada estampada no rosto de Maggie. Conseguira burlar todas as perguntas que Rory e o padre Francis lhe fizeram sobre o humor sombrio em que se encontrava. Estava afastando a tudo e a todos, porque temia lhes dar a importante notícia de que encontrara um de seus irmãos.

À noite, acordado ao lado de uma sonolenta Maggie, questionava-se por que estava tendo tanta dificuldade para fazer aquela revelação.

Não demorou muito para encontrar a resposta. Aterrorizava-o não saber até onde o encontro com o irmão mudaria as coisas.

E se Sean o odiasse por ter ficado parado, assistindo passivamente enquanto ele era levado por estranhos, naquele dia? Até onde sabia, o irmão podia ter encontrado os pais e descoberto que o maior temor de Ryan era justificado. Que fora ele a fazer com que os pais os abandonassem. Tinha noção de que aquele era um medo infantil e não de um adulto, mas não conseguia deixar de senti-lo. Vivera por muitos anos com aquele tipo de culpa a queimá-lo por dentro.

No entanto, ainda mais forte que todo aquele temor era o pavor crescente de que, se não fizesse alguma coisa, Maggie acabaria por abandoná-lo. Apesar de ter concordado em lhe dar todo o tempo de que precisasse, aquilo já estava acontecendo. Ele a sentia cada vez mais reservada diante de sua insistência em manter o segredo. A natureza aberta que tanto admirava nela

estava sendo substituída por longos períodos de silêncio melancólico. Não poderia permitir que aquilo se estendesse por mais tempo, ou correria o risco de perdê-la. Ele deixou escapar um profundo suspiro.

— Ryan? — murmurou Maggie, rolando na cama na direção dele. — Você está acordado?

A princípio, ele apenas assentiu com a cabeça, mas logo percebeu que Maggie provavelmente estava de olhos fechados.

— Sim. Volte a dormir. Não tive intenção de acordá-la.

Em vez de obedecer, ela sustentou o peso do corpo em um dos cotovelos e o observou, com olhos sonolentos.

— O que há de errado?

— Estou com a mente cheia.

— Por favor, conte para mim. — Ryan hesitou e, em seguida, deixou escapar outro suspiro profundo. Aquela era a oportunidade pela qual ele estivera esperando. Ali, no escuro, onde Maggie não pudesse ler sua expressão com tanta facilidade. Quando não houve resposta imediata, ela acrescentou: — É tão difícil falar comigo? Não há nada que não possa me dizer. Quero estar aqui para apoiá-lo, mas não conseguirei se não me deixar.

Maggie tinha razão, e ele sabia disso.

— Muito bem. Aí vai: pedi para Jack procurar por minha família — respondeu Ryan, em voz baixa.

— É mesmo? — indagou ela, com a voz surpreendentemente neutra, como se não quisesse correr o risco de se animar muito. — E...?

Aliviado com a reação aparentemente calma e aprovadora de Maggie, ele prosseguiu:

— Jack encontrou um dos meus irmãos.

— Oh, meu Deus! — murmurou ela. — Qual deles?

— Sean. É dois anos mais novo que eu.

Ryan sentiu as lágrimas de Maggie lhe escorrerem pelo peito desnudo.

— Nossa, isso é maravilhoso! Há quanto tempo soube disso?

— Há algumas semanas.

— E não disse nada a ninguém? Por quê?

— Não sei bem por que não contei — admitiu ele, em tom suave.

— Encontrou-se com ele?

— Não...

— Por que não? Ele está em Boston?

Ryan deu de ombros, sentindo-se impotente.

— Na verdade, a apenas alguns quilômetros de distância. E, para ser sincero, não sei lhe dizer por que não lhe telefonei ou não fui vê-lo. Meu irmão deve estar intrigado com isso, também, já que Jack lhe contou que eu estava procurando por ele.

— Coloque-se no lugar de Sean — disse Maggie, em tom de voz ansioso.

— Deve ser horrível ficar esperando uma ligação que não acontece. Provavelmente uma sensação similar à que ele sentiu quando seus pais os abandonaram. Tenho certeza de que todos vocês continuaram esperando um telefonema deles a qualquer instante.

— Meu Deus! — sussurrou Ryan, como se aquelas palavras o tivessem atingido como um raio. — Tem toda razão, Maggie. Passaram-se meses até que eu aceitasse o fato de que meus pais não telefonariam ou voltariam. — A lembrança ainda o assombrava. Quantas horas passara próximo ao telefone, onde quer que estivesse, aguardando, tentando desesperadamente não alimentar esperanças quando o aparelho tocava e lutando com as lágrimas quando percebia que não se tratava de uma ligação de seus pais. — Foi quando comecei a me envolver em delitos — disse ele a Maggie. — Quando percebi que não importava onde eu estivesse, porque eles não viriam me procurar, passei a não me importar com o fato de ser enviado de um lar adotivo a outro. Não queria criar nenhum laço com aquelas famílias; portanto, sempre que sentia minha guarda baixar, fazia alguma coisa para ser mandando embora.

Ryan sentiu a mão delicada lhe tocar o rosto.

— Deve ter sido muito difícil para você — disse ela, compassiva. — Mas agora tem a chance de reaver algo que perdeu. Não espere nem mais um dia. Telefone para Sean. Vá visitá-lo.

Ryan não sabia se seria capaz de fazer aquilo sozinho.

— Você poderia...? — Ele a olhou nos olhos. — Quero que vá comigo.

Para seu desânimo, Maggie negou com um movimento de cabeça.

— Depois de todos esses anos, esse encontro deve se dar apenas entre vocês dois.

Ryan procurou arrancar forças de seu coração, mas nada encontrou.

Além disso, ter Maggie ao seu lado, já que fora ela a encorajá-lo naquela procura, parecia-lhe certo.

— Não. Preciso que esteja lá. Se seremos uma família, terá de ser assim.

Maggie o encarou, obviamente perplexa com a menção casual a um futuro para ambos.

— Seremos? Formaremos uma família?

Ryan pareceu igualmente surpreso com o fato de ela não ter se dado conta de que estavam caminhando naquela direção, que fora aquilo o motivador de tudo que ele vinha fazendo ultimamente para ficar em paz com seu passado. Estava tentando desesperadamente unir todas as pontas soltas para poder seguir em frente com a consciência limpa.

— É por isso que tomei essa atitude — explicou ele. — Quero encontrar toda a minha família. Quero me certificar de que não há nenhum problema que você deva saber, antes de se casar comigo.

— Problema? — perguntou ela, obviamente confusa.

— Doenças hereditárias, esse tipo de coisa — respondeu Ryan, evitando-lhe o olhar.

Maggie se sentou ereta na cama, com inconfundível desânimo no olhar.

— Você os está procurando apenas para se certificar de que são *saudáveis*?

— Claro — respondeu ele, na defensiva. — É a coisa mais sensata a fazer.

— E essa é a única razão? — perguntou ela, ainda com expressão incrédula.

— Isso é importante, droga!

— Oh, Ryan — sussurrou Maggie, novas lágrimas lhe escorrendo pelo rosto. — Não deveria ser esse o motivo.

E então, para surpresa de Ryan, ela se levantou da cama, recolheu as roupas e saiu do quarto sem nem ao menos lhe dirigir o olhar. De alguma forma, apesar do terrível e doloroso vazio em seu peito, ele não conseguiu proferir nem ao menos uma palavra para chamá-la de volta.

Capítulo CATORZE

RYAN NÃO conseguia entender. Fizera tudo que Maggie desejava. Não lograra encontrar toda a família, mas ao menos localizara um dos irmãos.

Aquilo era um começo, droga! Então, o que mais Maggie queria? Se estava esperando que os Devaney de repente se transformassem em uma família afetuosa e barulhenta como os O'Brien... Bem, aquilo não seria possível. Muita coisa havia acontecido.

— Parece que está com a cabeça cheia — comentou o padre Francis, escorregando para um dos bancos ao balcão do bar. — Há algo que possa fazer por você?

— Nada. A não ser que consiga explicar como funciona a mente de uma mulher — retrucou Ryan.

O religioso exibiu um sorriso.

— Esse é um grande mistério — concordou. — Está se referindo à mente de qualquer mulher ou é a de Maggie o motivo dessa nuvem negra que parece pairar sobre sua cabeça?

— A de Maggie, claro.

— Percebi que ela não tem vindo para cá com a mesma regularidade — comentou o padre. — Faz alguns dias desde a última vez em que ela esteve no bar, certo?

— Quase uma semana — admitiu Ryan, desalentado.

— Falou com ela nesse intervalo de tempo?

Ryan negou com a cabeça. De que adiantaria telefonar para ela, quando não saberia o que dizer?

O padre Francis se mostrou desanimado.

— Ora, ao que me parece, esse é seu grande erro. Quer esteja certo ou errado, deve ser o homem a dar o primeiro passo para a reconciliação. — O padre o encarou com olhar sagaz. — A não ser, claro, que esteja feliz com essa situação.

— Não. Claro que não, mas não sei como me reconciliar com ela. Não tenho ideia do que Maggie deseja. Foi ela quem decidiu sumir. — Ryan estava ciente de que aquele era um comentário desonesto. Sabia muito bem por que ela estava furiosa. Sentirase ultrajada com o fato de ele estar mais preocupado em se certificar sobre o histórico médico de seus parentes do que em alguma hipócrita reunião familiar.

O padre Francis o estudou atentamente.

— Ela partiu sem lhe dar qualquer pista sobre o que a aborreceu? — indagou, incrédulo. — Essa não parece uma atitude de Maggie.

— Está me chamando de mentiroso? — perguntou Ryan, irritado.

— Não. Claro que não. Pensou em lhe pedir alguma explicação?

— Não é tão simples assim.

Era óbvio que a resposta não convenceu o padre.

— Porque Maggie não seria sincera?

— Claro que não — respondeu Ryan de pronto. — Maggie é a pessoa mais sincera que já conheci.

— Acha que ela não será capaz de lhe dizer o que se passa em seu coração?

Ryan suspirou profundamente.

— Não.

— Então por quê?

— Porque ainda não posso dar todas as respostas que ela deseja.

— Sobre o quê?

— Sobre minha família. — Ryan encarou o padre com olhar impotente.

— Como posso dizer a ela que me importo em revê-los, se não é verdade?

— Ah, então é isso — disse o padre. — Finalmente decidiu procurá-los? Imagino que Maggie o ajudou a chegar a essa decisão. Não está se sentindo bem agora que o fez? Pensa em voltar atrás?

— É muito tarde para isso — retrucou Ryan, a contragosto. — Na verdade, Jack Reilly os está procurando há algum tempo. Encontrou um dos

meus irmãos, Sean, que é dois anos mais novo que eu e, portanto, deve estar com trinta anos agora.

O rosto do padre se iluminou.

— Que notícia maravilhosa! Você o viu?

— Pelo que vejo, suas expectativas são as mesmas que as de Maggie — disse Ryan. — Espera que eu me sinta exultante.

— E não está?

— Estou apenas procurando respostas.

— Que tipo de respostas? Não se deu conta de que, se seu irmão é mais novo que você, talvez não tenha as respostas de que precise? A não ser que tenha encontrado os pais, é pouco provável que ele saiba o que os motivou a abandoná-los.

Ryan fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não se trata disso. Quero me certificar de que todos são saudáveis para que, no caso de eu e Maggie decidirmos nos casar e construir uma família, não passemos desavisadamente nenhuma doença hereditária aos nossos filhos.

O padre Francis deixou escapar um profundo suspiro.

— Imagino que está dizendo isso por causa de Lamar — começou o padre. — E disse isso a Maggie? Que sua procura se limita a questões genéticas?

— Sim — respondeu Ryan.

O padre lhe dirigiu um olhar penalizado.

— Muito me admiro por ela não ter acertado sua cabeça com uma frigideira. Eu mesmo estou considerando fazê-lo — retrucou o padre Francis, desgostoso. — Sabe muito bem desvirtuar as coisas.

— Se está tentando me acusar de não ser um idiota sentimental, está certo. Essa é uma busca prática por respostas de que necessito. Antes de decidir dar o próximo passo com Maggie, essa é a coisa certa a fazer.

— Não — retrucou o padre, sem rodeios. — É uma forma de se proteger de uma nova decepção. Não quer se arriscar a encarar a possibilidade de seu irmão, ou os outros, quando os encontrar, continuarem não querendo fazer parte de sua vida.

Ryan sentiu a inegável aferroada da verdade contida naquelas palavras.

— E se esse for o caso? Pode me culpar por isso?

— Claro que não, mas viver é correr riscos e estar aberto a possibilidades. Não está se sentindo muito mais feliz do que antes, nessas últimas semanas, na companhia de Maggie?

Parecia-lhe inútil negar, quando a resposta era óbvia.

— Sim. Aonde quer chegar?

— Se continuasse mantendo a porta de seu coração trancada, não estaria vivendo nada disso — lembrou o padre Francis. — Sua vida teria prosseguido no mesmo ritmo sereno e fácil, sem altos e baixos. Teria sido mais seguro, mas teria perdido toda a alegria que Maggie lhe trouxe. Toda essa felicidade não valeu o risco de baixar suas defesas?

Por mais que quisesse protestar, dizer que estava melhor antes, Ryan sabia que não era verdade. Maggie lhe escancarara as portas do coração e não havia como voltar atrás.

— E acha que rever meus irmãos, e até mesmo meus pais, também me traria felicidade? — perguntou ele, cético. — A despeito de ter passado todos estes anos com o ressentimento e a amargura fervilhando dentro de mim?

— Nunca saberá a não ser que tente. E pelas razões adequadas. Terá de se dispor a abrir mão da amargura, do ressentimento e estar preparado para seguir em frente. Não foi com seu irmão que esteve revoltado esse tempo todo. Não seria esse um bom começo? Tenho certeza de que Sean também lidou com os mesmos ressentimentos que você.

— Está bem. Você venceu. Telefonarei para Sean pela manhã.

— Não se trata do que eu quero ou de eu vencer. Mas sim do que você quer. Há alguma razão para não ligar para ele agora? — pressionou o padre Francis.

Ryan franziu a testa, mas esticou a mão para o telefone. Com o olhar firme do padre pousado nele, discou o número do irmão. Infelizmente, foi a secretária eletrônica que atendeu. Ouvir a voz do Sean, depois de todos aqueles anos, o tom grave e adulto, o abalou. A voz tinha uma entonação muito parecida com a do pai, o que era estranho e perturbador. Porém, antes que perdesse a coragem, deixou uma mensagem.

— Sean, quem está falando é Ryan... hum, seu irmão Ryan. — Considerou desligar o telefone, mas, após relancear o olhar à expressão

expectante e encorajadora do padre Francis, prosseguiu: — Gostaria de vê-lo. Se estiver de acordo, posso passar aí, amanhã, por volta das dez horas da manhã. Tenho o endereço. Se não o encontrar, voltarei outro dia. — Ryan vasculhou o cérebro à procura de algo mais para dizer, mas nada lhe ocorreu. — Bem... acho que é só. Até logo.

Para sua surpresa, Ryan percebeu que a mão tremia quando repôs o aparelho no gancho, mas no mesmo instante o padre Francis a segurou para tranquilizá-lo.

— Deu o primeiro passo, rapaz, o primeiro de muitos.

Ryan engoliu em seco o bolo que havia se formado em sua garganta.

— Gostaria muito de saber para onde me levarão.

MAGGIE CAMINHARA durante uma hora, mas aquilo de nada serviu para lhe acalmar os nervos ou diminuir a irritação. Da mesma forma que também não serviram as outras caminhadas que fizera desde que deixara o apartamento de Ryan e saíra da vida dele. Esperara que ele lhe telefonasse, mas o aparelho teimava em permanecer silencioso. Aquilo não deveria surpreendê-la. Se ele não havia procurado a família durante todos aqueles anos, por que devia esperar que a procurasse agora? Naquela época era muito novo para lutar pelo que necessitava. Agora, era evidente que estava apavorado.

De volta à casa, quase congelando, Maggie se serviu de uma xícara de chá e se sentou à mesa da cozinha refletindo sobre o desfecho dos fatos. Estivera convencida de que Ryan era o homem certo, que seu amor poderia lhe dar forças para encarar o passado e seguir em frente. Talvez aquilo fosse impossível, depois de tudo que ele passara. Talvez, mais uma vez, estivesse se excedendo nas expectativas, da mesma forma que fizera quando desejara mais paixão em seu último relacionamento. Talvez seus anseios simplesmente não pudessem ser atendidos, ao menos nunca de imediato.

Ainda estava pensando sobre o assunto, debatendo se devia ter se esforçado mais para fazê-lo entender, quando a mãe entrou na cozinha.

— Pensei tê-la ouvido entrar — disse Nell O'Brien, servindo-se de uma xícara de chá e enchendo um prato com biscoitos que acabara de assar, antes de se sentar do lado oposto da filha.

— Uh-oh, trouxe biscoitos! — exclamou Maggie, irônica. — Deve estar esperando uma conversa séria.

— Na verdade, estou. Esperei pacientemente que me contasse o que aconteceu entre você e Ryan, mas, como não o fez, perdi a paciência — disse a mãe. — E como o padre Francis telefonou minutos atrás com um recado ainda mais enigmático, concluí que estava na hora de me inteirar das coisas.

Maggie aprumou as costas.

— O padre Francis ligou? O que ele queria?

— Disse que Ryan tentaria visitar o irmão, às dez horas. Parecia pensar que você estaria interessada nisso e que talvez quisesse estar presente.

— De jeito algum — afirmou Maggie. — Não o ajudarei a fazer isso. Não quando as razões que o motivam não são as certas.

— E que razões são essas? — perguntou Nell.

— Aquele idiota estúpido pensa que estou preocupada com os genes dele — resmungou Maggie. — Pode imaginar algo mais ridículo? Não me importo nem um pouco com isso.

— Está pensando que é tudo por sua causa? — perguntou a mãe, com suavidade na voz. — Isso não é um tanto presunçoso?

— Não estou presumindo nada. Foi o que Ryan disse. Que tinha de saber se todos eram saudáveis e se havia qualquer problema escondido, antes de imaginar um futuro comigo.

A mãe a observou com olhar pesaroso.

— E você acreditou nisso?

— Foi o que ele afirmou, não foi? — argumentou Maggie, defensiva, mesmo começando a perder a convicção.

— Não pensou nem por um instante que talvez essa seja a única forma que Ryan se permita pensar? — questionou Nell. — Se ele se permitir estar vulnerável, se ceder à expectativa de se reunir à própria família, o que acontecerá se for rejeitado outra vez? — Ela permitiu que aquela imagem se sedimentasse, antes de prosseguir: — Pode imaginar o que representou para ele ter sido abandonado quando tinha apenas nove anos? Foi um trauma devastador o suficiente para lhe moldar o resto da existência. Não se recorda do quanto ele se mostrava nervoso apenas em estar no mesmo ambiente que nós, como se estar em meio a uma grande família o aterrorizasse? Ryan só

permitiu que as paredes que construiu em torno do coração viessem abaixo porque você foi muito persistente.

Ao ouvir a interpretação da mãe, uma onda de vergonha a invadiu. Como não percebera aquilo, quando Nell captara no mesmo instante? Claro, era isso! Aquela era uma forma de Ryan encobrir emoções frágeis demais para saber lidar com elas.

— Vá com ele esta manhã — encorajou a mãe. — Não o deixe fazer isso sozinho. Esteja lá para apoiá-lo, independentemente do desfecho. Ryan está dando o primeiro passo. E ele pode afirmar que está fazendo isso apenas por sua causa e por todas as razões práticas, mas, na verdade, está fazendo isso por si mesmo também. Quer Ryan admita ou não, devia haver um vazio dentro dele durante todos esses anos. Ele está a ponto de tomar uma atitude para aplacar ao menos um pouco da mágoa. Isso deve ser algo muito assustador para um homem cujo coração foi despedaçado. Algumas pessoas jamais conseguem se recuperar dos traumas sofridos na infância.

— Tem razão — concordou Maggie. — A idiota fui eu. A que horas o padre Francis disse que ele vai visitar o irmão? Será que ainda dá tempo?

— Ele disse que Ryan deixou uma mensagem para o irmão, avisando que estaria lá às dez. Aqui está o endereço. Acho que dará tempo, se você se apressar. — Nell sorriu. — Ele é um bom homem, minha filha.

— Sei disso. Acho que estava esperando que ele fosse um santo.

Maggie recordou o que Ryan lhe dissera na noite em que se conheceram sobre não ser o homem que o padre Francis o fazia parecer. Se ao menos o tivesse escutado, talvez não tivesse alimentado expectativas tão insensatas.

RYAN TINHA tantas restrições a comparecer àquele encontro que, por meia dúzia de vezes, quase girou o volante e retornou ao bar. Porém, a perspectiva de encarar o desapontamento do padre Francis... e o de Maggie, presumindo que algum dia ela voltasse a falar com ele, o estimulou a seguir em frente, até chegar à rua onde Sean morava.

O prédio ficava em um bairro antigo, onde as construções de arenito castanho-avermelhado haviam sido convertidas em habitações que abrigavam várias famílias. Não era algo miserável, mas também não se tratava de uma área nobre.

Ainda assim, o nível estava muito acima do bairro onde viveram quando crianças.

Ryan avistou o prédio de Sean, contornou o quarteirão e encontrou uma vaga para estacionar na rua. Porém, no instante em que desligou o motor, não conseguiu encontrar coragem para sair do carro. De repente, viu-se envolto em lembranças.

Apesar do fato de ele ter sido o irmão mais velho e quase dois anos os separarem na idade, ele e Sean eram muito unidos. O irmão mais novo se tornara sua sombra desde que aprendera a andar. Sean insistira até mesmo para que Ryan o levasse em seu primeiro dia na escola, em vez de ir com a mãe, porque não queria parecer um bebê. Os dois costumavam jogar beisebol juntos no pequeno parque ao final da rua. Ryan o ensinara a pilotar a bicicleta de segunda mão que conseguira comprar em um bazar da igreja com os trocados que ganhara ajudando os vizinhos mais velhos a carregarem suas sacolas de compras e lavando os carros deles.

Nada daquilo mudou quando Michael nasceu. Ryan e Sean receberam o caçula de boa vontade, esperando, ansiosos, que ele crescesse o suficiente para acompanhá-los a todos os lugares.

Eram irmãos, e era aquilo que irmãos costumavam fazer.

Mas, quando as gêmeas nasceram, tudo mudou. Eram bebês irrequietos, e o simples fato de haver dois deles em um apartamento cada vez mais cheio aumentara a tensão.

Os ânimos se exaltavam com facilidade. Ryan não sabia dizer quantas noites ele e Sean saíram correndo do apartamento, aos prantos, por causa dos berros entre os pais. Michael, muito pequeno para acompanhá-los, costumava se enrodilhar na cama e chorar mais alto que os bebês.

Fazendo uma retrospectiva dos fatos, Ryan não deveria ter se surpreendido com o colapso de sua família sob o peso de todo aquele estresse. Porém, ter voltado da escola para se deparar com o apartamento vazio, ficar parado em meio aos cômodos desertos segurando Sean pela mão, fora um choque devastador.

Estavam lá apenas há alguns minutos, quando a vizinha que ficara tomando conta de Michael o trouxera até eles, com o rosto pálido e as lágrimas nos olhos. A mulher ainda tentava lhes explicar que os pais haviam

fugido com as gêmeas, quando a assistente social apareceu para assumir o caso.

Os três foram enviados a um lar adotivo emergencial por aquela primeira noite. Michael chorou até adormecer, mas Ryan e Sean se aninharam, juntos, em uma cama, sussurrando, enquanto tentavam entender o que acontecera e procurando desesperadamente não sentir medo.

Não lhes permitiram voltar à antiga escola, que ficava localizada do outro lado da cidade. Em vez disso, enquanto a assistente social tentava localizar os pais, os três meninos aguardaram, demasiado aterrorizados para perguntar o que aconteceria se não conseguissem encontrá-los.

A lembrança do que aconteceu a seguir ficou marcada a ferro e fogo para sempre no cérebro de Ryan. A assistente social os sentou um ao lado do outro em um sofá, na sala de estar da família adotiva, e explicou que, em um primeiro momento, ficariam sob a custódia do estado. Depois, seriam encaminhados a novas famílias, que cuidariam deles até que as questões jurídicas fossem resolvidas.

Ryan a confrontara, desafiador.

— Vamos ficar juntos, certo?

— Sinto muito — respondera a mulher, cheia de compaixão. — Mas isso não será possível. Não dispomos de um lar que possa abrigar os três.

Sean se levantara, com os braços cruzados sobre o peito.

— Então não vou — declarara ele. — Quero ficar com meus irmãos.

— Eu, também — sussurrara Michael, com os olhos cheios de lágrimas e a mão agarrada à de Ryan.

— Gostaria que isso fosse possível — dissera a assistente social com o olhar fixo em Ryan. — Ficaré tudo bem. Procuraremos um lugar onde possam ficar juntos, mas talvez não seja possível durante algum tempo.

Ryan percebera a entonação determinada na voz da mulher e soube que era inútil argumentar. Ainda assim, com o olhar de Sean fixo nele, viu-se obrigado a tentar.

— A senhora não está entendendo. Sean e eu precisamos tomar conta de Michael. Ele é pequeno e é responsabilidade nossa.

Aquele era um ensinamento que se encontrava arraigado neles desde o primeiro dia em que o irmão caçula saíra para brincar na rua com os dois.

Os mais velhos tinham de protegê-lo contra qualquer eventualidade, entretanto, jamais haviam previsto algo daquele gênero.

— Sinto muito — dissera ela. — Sean e Michael virão comigo agora. Você ficará aqui esta noite. Encontrarei uma família para recebê-lo amanhã. — A assistente social se dirigiu aos dois meninos mais novos e disse de maneira brusca: — Peguem suas coisas.

— Não — respondera Sean, ainda desafiador.

Ryan percebera o olhar inflexível da assistente social e concluía que o assunto estava encerrado.

— Não tem escolha, Sean — dissera ele, derrotado. — Temos de fazer o que ela está mandando.

Ryan jamais esqueceria a expressão do olhar do irmão quando partira, acusando-o de traição. Ficara observando da janela da sala de estar enquanto o carro se afastava, mas Sean não olhara para trás. Tinha a atenção focada em Michael, que chorava copiosamente.

Ryan não chorara naquela noite, nem na seguinte, quando foi transferido para um lar adotivo oficial. Durante semanas, perguntara sobre o paradeiro dos irmãos, mas as respostas eram evasivas e, por fim, acabou desistindo. Mesmo aos nove anos, sabia que não era páreo para um sistema regulado por adultos. Lutara contra ele da única forma que sabia: criando problemas em todos os lugares que chegava. Havia sido uma forma infantil de retaliação contra pessoas que queriam apenas ajudar. Agora possuía tal percepção, mas naquela época aquilo se tornara uma forma de vida, o único modo que encontrara de revidar.

Agora, erguendo o olhar ao apartamento de Sean, deixou escapar um profundo suspiro. Como o irmão poderia perdoá-lo por não ter tentado encontrá-los anos atrás, por não reuni-los, se até mesmo ele não era capaz de fazê-lo?

Não importava que tivesse apenas nove anos na época. Com o passar dos anos, poderia ter encontrado um jeito de achá-los.

Talvez Sean não o tivesse perdoado. Talvez a razão pela qual tivesse dado seu endereço para o detetive fosse apenas para ter a oportunidade de desabafar a raiva acumulada durante anos. Ryan pensou que fosse até mesmo capaz de receber tal reação de bom grado. Por maior que fosse o

rancor de Sean, não poderia superar a raiva que ele dirigira a si mesmo durante todos aqueles anos.

No entanto, havia apenas um jeito de descobrir como Sean se sentia. Tinha de atravessar a rua, subir a escada e bater à porta do irmão. E faria exatamente aquilo... a qualquer instante.

MAGGIE PEGOU o endereço do apartamento na cidade, onde Ryan iria encontrar o irmão. Dirigiu até lá com o coração batendo na garganta. Quando encontrou o quarteirão, mesmo passando das dez horas, avistou Ryan sentando dentro do próprio carro, com os ombros curvados e o olhar cravado no prédio onde o irmão morava.

Atravessou a rua e bateu no vidro da janela do carro.

— Quer companhia?

Ryan desceu o vidro, mesmo enquanto negava com um gesto de cabeça.

— Tarde demais.

— Já o viu?

— Não. Decidi que não é uma boa ideia.

Maggie contornou o carro, abriu a porta do passageiro e escorregou para o banco.

— Nunca se perdoará por ter estado tão perto e não ter seguido em frente.

— Estou acostumado a isso. Há muitas coisas pelas quais nunca me perdoei.

— Tais como?

— Poderia tê-los impedido de partir.

— Quem? Seus pais? — perguntou ela, incrédula. — Acha que poderia tê-los feito mudar de ideia?

— Deveria ter tentado.

— Você sabia o que eles estavam planejando fazer?

— Não.

— Então como poderia impedi-los?

— Eu era o irmão mais velho. Deveria ter percebido o que estava acontecendo.

— Tinha apenas nove anos!

Ryan girou para encará-la com expressão desolada.

— E se Sean não conseguir me perdoar?

— Primeiro tem de lhe dar a chance de fazê-lo. Se ele não o perdoar, ao menos tentou.

Ryan lhe estudou o rosto e, por fim, deixou escapar um profundo suspiro, assentindo.

— Está bem. Vamos fazer isso.

O trajeto pela calçada e dentro do prédio foi o mais longo da vida de Maggie, porque a tensão que emanava de Ryan era palpável. Quando bateram à porta, foram atendidos por um homem que era quase a imagem idêntica de Ryan. O cabelo parecia mais curto e ele não possuía a cicatriz em um dos cantos dos lábios, mas não havia como negar o fato de que aqueles dois homens eram irmãos.

Maggie prendeu a respiração, enquanto os homens se encaravam, medindo-se com o olhar, mantendo uma reserva que irmãos jamais deviam expressar.

— Sean? — perguntou Ryan. O homem mais novo assentiu com um gesto de cabeça e ele engoliu em seco, antes de acrescentar com um fio de voz: — Sou Ryan. Seu irmão.

Pelo que pareceu uma eternidade, Sean não respondeu, mas, por fim, quando Maggie estava a ponto de perder a esperança, ele abriu os braços.

— Ah, cara, por que demorou tanto?

Capítulo QUINZE

RYAN SE atirou nos braços do irmão, lutando contra as lágrimas de alívio e de agradável surpresa. Nunca, nem em um milhão de anos, esperara se sentir assim. Imaginara-se encarando um estranho, sentindo não mais do que uma pontada de reconhecimento. Em vez disso, era como se os dois nunca tivessem se separado, como se, de alguma maneira, a ligação que tinham quando crianças nunca tivesse sido quebrada.

Por fim, Ryan recuou e olhou o irmão de cima a baixo, percebendo que o cabelo de Sean era mais curto que o dele, mas também possuía a tendência de encaracolar. Os olhos tinham a mesma aparência, embora o azul fosse mais escuro.

— Acho que nunca estive em meu restaurante — disse ele. — Eu o teria reconhecido em qualquer lugar. É muito parecido com nosso pai.

— Sou parecido com *você* — retrucou Sean, não fazendo o mínimo esforço para ocultar a amargura à simples menção ao pai. — Entrem. O apartamento não é luxuoso, mas está limpo, embora apenas porque o estive limpando desde que ouvi sua mensagem ontem à noite. Não consegui dormir.

Ryan sorriu.

— Eu também não.

— Deve ter sido por isso que ficou sentado dentro do seu carro por meia hora — disse Sean, com um toque de humor tão irônico quanto o que Ryan costumava usar. — Cochilou?

— Sabia que eu estava lá? — perguntou Ryan, surpreso.

— Estive olhando pela janela durante toda a manhã. Vi você chegar.

— Por que não saiu?

— Acho que por teimosia — admitiu Sean. — Ainda estava furioso com você.

— No pretérito imperfeito? — questionou Ryan.

Sean dirigiu o olhar a Maggie e disse:

— Só se me apresentar a esta linda mulher, que está esperando pacientemente que se lembre dela.

Ryan esticou a mão e segurou a de Maggie, puxando-a para a frente.

— Esta é Maggie O'Brien. Ela é a razão pela qual estou aqui.

Sean começou lhe apertando a mão, mas, em seguida, a puxou para um abraço.

— Obrigado. Estou lhe devendo por ter aparecido e o retirado do carro.

— Fez mais do que isso — explicou Ryan. — Ela me persuadiu de que havia ido longe demais para recuar esta manhã.

— Estou muito feliz que tenha surtido efeito — disse Maggie, limpando uma lágrima que lhe escorreu pelo rosto. — Deveria deixá-los a sós. Têm muitos assuntos para colocar em dia.

— Não — Ryan apressou-se em negar. — Por favor, fique. — Queria mantê-la ali como um para-choque... e porque Maggie merecia fazer parte daquela reunião.

Os olhos verdes se fixaram em Sean.

— Está de acordo?

— Claro que sim. Fiz um bule cheio de café. Comprei um bolo de nozes-pecã na padaria que fica mais adiante — disse ele.

Ryan sentiu uma pontada de dor no peito.

— Bolo de nozes-pecã era o preferido de nossa mãe — comentou, lembrando-se de repente daquele detalhe.

Sean assentiu com um gesto de cabeça.

— Ela sempre assava um em ocasiões especiais. Em nossos aniversários, no Natal, na Páscoa.

Ryan suspirou.

— Também pensa nessas coisas?

— Acho que sim. Adquiri o hábito de comprar esses bolos durante todos esses anos.

Sean liderou o caminho até a cozinha e entregou uma faca para Ryan.

— Você corta o bolo. Eu sirvo o café. Maggie, sente-se.

Na hora que se seguiu, os dois homens conversaram sobre o rumo que tomaram as respectivas vidas. Quando Ryan descreveu seu bar, Sean relanceou o olhar a Maggie.

— E foi lá que se conheceram?

Assentindo, ela lhe contou sobre o pneu furado na véspera do Dia de Ação de Graças.

— Agora ela está tentando assumir o controle do bar e gerenciar minha vida — disse Ryan.

Sean soltou uma risada.

— Não me parece se opor radicalmente à ideia.

— Estou me acostumando com isso — admitiu Ryan, apertando a mão de Maggie.

— Com isso, acho realmente que devo me retirar — disse ela. — Vocês, fiquem aqui. Posso achar o caminho da saída.

O olhar de Ryan encontrou o dela.

— Irá para o bar mais tarde?

Maggie sorriu.

— Claro que sim. Não acabou de dizer que estou assumindo os negócios? Acho que isso significa que posso finalmente trabalhar em seus registros financeiros, certo?

— Nem pense nisso — retrucou Ryan, fingindo ferocidade.

— Você não me assusta — afirmou ela, por sobre o ombro.

— Ei, Maggie — chamou Ryan. Quando ela voltou à cozinha, os olhares dos dois se encontram. — Fico feliz que tenha vindo esta manhã.

— Sempre que precisar, é provável que eu esteja em algum lugar por perto.

Depois que ela partiu, Ryan se deparou com o olhar especulativo do irmão.

— Então, o que há entre você e Maggie é sério? — perguntou Sean.

— Tão sério quanto jamais permiti que um relacionamento fosse. Eu a amo.

— Casamento?

— É o que está se delineando — admitiu Ryan.

— Fico muito feliz por você. Ela parece ser uma mulher extraordinária.

— Não tem ideia do quanto — comentou Ryan. — E quanto a você? Algum relacionamento sério em sua vida?

— Acho pouco provável. De acordo com as mulheres com quem saio, tenho questões mal resolvidas.

Ryan soltou uma risada.

— Sim, bem-vindo ao clube. Maggie não pareceu se importar com isso. Atormentou-me até as tais questões não me parecerem mais tão importantes. Encontrará alguém assim algum dia desses. Comece a frequentar meu bar. Tenho algumas clientes fiéis que ficariam enlouquecidas se o vissem.

— Não estou interessado em seus refugos — respondeu Sean, com um sorriso estampado no rosto. — Sou capaz de conseguir minhas próprias mulheres. Apenas não consigo mantê-las. — A expressão de Sean de repente se fechou. — Alguma vez procurou o restante de nossa família?

— Não, até há pouco tempo. E você?

Sean negou com a cabeça.

— Achei que nunca quisesse ver nenhum de vocês até ouvir sua voz. Michael é em quem mais penso. Estava tão assustado na última vez em que o vi. Ele não conseguia parar de chorar. Tentou se agarrar a mim, mas eles não permitiram. Essa foi uma imagem que jamais consegui apagar da mente. Durante todos esses anos, rezei para que ele tivesse conseguido se adaptar, para que até mesmo tivesse sido dado em adoção permanente a alguma família. Ainda era muito pequeno. Repetia para mim mesmo que ele havia conseguido se esquecer de nós. Acha que isso é possível?

— Tento não pensar sobre isso — revelou Ryan, com voz tensa.

— Talvez devêssemos pensar — disse Sean. — Sei como me senti durante todo esse tempo, em uma espera interminável de que alguém viesse me procurar e fingindo que isso não importava quando não acontecia.

Ryan se encheu daquela familiar e sufocante sensação de culpa.

— Sinto muito. Esse alguém deveria ter sido eu. Devia tê-lo procurado há muito tempo.

O irmão fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não, cara, nossos pais é que deveriam ter nos procurado. Que droga! Para começar, nunca deveriam ter nos abandonado. O que se passava pela cabeça deles?

— Não tenho a menor ideia e, para ser bem sincero, não dou a menor importância.

Sean piscou várias vezes diante da resposta veemente.

— É mesmo? Não se importa mesmo em saber por que eles fizeram aquilo?

— A questão é que eles fizeram. A razão não é relevante.

Sean deixou o assunto morrer, com um sorriso nos lábios.

— Não posso acreditar que tem seu próprio bar e a apenas alguns quilômetros daqui.

— Temos uma banda irlandesa que toca lá às sextas-feiras e aos sábados. Irá lá este final de semana?

— Sua Maggie estará lá para me fazer companhia? — perguntou Sean.

— Você a ouviu. Claro que estará lá, mas não alimente esperanças quanto a ela.

— Não vi nenhuma aliança no dedo dela — provocou Sean.

Ryan soltou uma risada baixa.

— Sempre quis ter tudo que era meu e, na maioria das vezes, permiti. Mas não dessa vez. Fique longe de Maggie.

— Imagino que tenha de dar esse aviso a muitos homens.

— Mais do que possa imaginar — concordou Ryan.

— Então case-se com ela e ponha um ponto final no problema — encorajou Sean. — Percebi o amor refletido nos olhos de Maggie há pouco. Acho que não ouvirá nenhuma objeção da parte dela.

Ryan pensou sobre a intenção de encontrar o restante da família e disse a si mesmo que não havia nenhum problema de saúde oculto nos Devaney.

— É o que farei, qualquer dia desses.

— Não espere muito tempo — Sean o preveniu. — Uma das coisas que aprendi sendo bombeiro é o quanto a vida pode ser curta. Portanto, não deve ser desperdiçada.

— Olhe para você — provocou Ryan. — Dando conselhos ao seu irmão mais velho.

— Sempre fui o mais esperto — retrucou Sean.

— Sim, está certo. A verdade é que Michael era o mais esperto de nós três.

Sean deixou escapar um suspiro.

— É verdade, não? Lembra-se de como ele costumava planejar estratégias para vencer sempre que brincávamos de guerra? Tinha apenas quatro anos e não passava de um nanico, mas foi a única criança que já conheci capaz de nos manipular a cair em uma armadilha, mesmo quando estávamos esperando por isso. — Ele dirigiu o olhar a Ryan. — Seu detetive está procurando por ele?

Ryan assentiu.

— Até agora não teve sucesso. — Relutante, consultou o relógio de pulso e percebeu que tinha de voltar ao bar. Abriria cedo naquele dia. Além disso, precisava sair dali e passar algum tempo absorvendo o milagre que acontecera naquela manhã.

— Preciso voltar ao trabalho. Logo irá conhecer meu bar, certo?

— Trabalharei este final de semana, mas, na próxima sexta-feira, com certeza estarei lá. Quero ouvir aquela banda irlandesa da qual tanto se gaba. Nunca mais ouvi uma boa versão de “Danny Boy”, desde que nosso pai a cantava debaixo do chuveiro.

Ryan sorriu mesmo contra a vontade.

— Ele gostava mesmo de cantar, não é? E tinha uma voz capaz de fazer qualquer um chorar de emoção. — Ryan observou o irmão com olhar surpreso. — Sabe de uma coisa? Acho que essa é a primeira vez em anos que penso nele sem sentir a raiva ferver dentro de mim.

— Há anos cansei-me de odiá-lo — admitiu Sean. — Mas nunca me dispus a procurá-lo ou a qualquer um de vocês. Provavelmente por teimosia. Fico feliz que tenha tomado a iniciativa. Qualquer dia desses, seu detetive os encontrará.

— Temos apenas de rezar para não nos arrependermos disso — ponderou Ryan.

— Como poderíamos? Até agora, tem sido ótimo, certo?

Ryan puxou o irmão para um abraço.

— Sim, melhor que ótimo.

MAGGIE NÃO conseguia desviar o olhar da porta de entrada do bar, esperando que Ryan entrasse. Quando chegou a hora de abrir o estabelecimento, ele ainda não tinha chegado. Decidiu consultar Rory e Marueen, que insistiram em abrir as portas, mesmo sem a presença de Ryan.

— Acho que têm razão — disse Maggie, embora aquilo não lhe parecesse certo.

Estava na hora do jantar e o bar se encontrava lotado, quando finalmente Ryan transpôs a porta. Não parecia nem um pouco surpreso de ver tudo correndo normalmente, como sempre. Limitou-se a ocupar seu lugar atrás do balcão.

Por mais aliviada que se sentisse, Maggie ainda estava com vontade de lhe dar uma surra pela preocupação que lhe causara. Na primeira oportunidade que encontrou, aproximou-se e declarou:

— Tenho algumas coisas a lhe dizer, senhor.

Para surpresa de Maggie, ele sorriu.

— Alguma delas é “eu te amo”?

— Essa está ocupando o último lugar da lista — retrucou ela.

Ryan deixou escapar um suspiro dramático.

— Então é melhor começar agora para que possamos chegar ao último lugar.

— É o que eu gostaria de fazer, mas, caso não tenha notado, o bar está lotado. Há clientes imaginando o que fiz com os drinques que pediram.

Ryan a encarou com olhar irônico.

— Então talvez queira me passar os pedidos.

Maggie franziu a testa e os entregou a ele, batendo o pé no chão, impaciente, enquanto Ryan os preparava. Por fim, ele lhe passou uma bandeja e lhe ergueu o queixo com um dedo.

— Obrigado por se preocupar comigo.

— Quem mencionou preocupação? — resmungou ela, rabugenta.

— Posso não ter muita experiência nisso, mas consigo reconhecer um olhar preocupado — afirmou Ryan. — Desculpe se me atrasei. Precisava pensar um pouco.

— Só isso?

— Só. Como pode ver, não atolei o carro em algum fosso. Não tenho nem ao menos um arranhão.

— E quanto ao seu telefone celular? Está sem bateria?

— Deveria dizer que sim — respondeu Ryan, olhando-a nos olhos. — Mas não mentirei para você. Nunca.

Maggie assentiu com um movimento curto de cabeça.

— Isso já é alguma coisa.

Maggie se apressou em levar os drinques. Não porque os clientes estivessem de fato impacientes, mas por não querer que Ryan percebesse o quanto a fizera feliz com aquela explicação. Tinha de fazê-lo pensar mais um pouco por ter lhe causado tanta preocupação. Ryan precisava entender que ela se importava com o que ele fazia, ou não fazia.

Passaram-se horas até que os dois tivessem mais alguns minutos livres. Maggie sentia os pés e as costas doloridos por carregar as bandejas pesadas durante toda a noite, mas aquele era o tipo de exaustão agradável. A que resultava de se fazer algo prazeroso.

Estava a ponto de colapsar em uma das cadeiras e colocar os pés para cima, quando Rory emergiu da cozinha, com o rosto lívido.

— Hum... vocês aí — disse ele, com voz embargada. — Acho que Rosita está dando à luz o bebê.

— Agora? Na *cozinha*? — perguntou Juan, correndo naquela direção.

Maggie relanceou o olhar à expressão de pânico no rosto do cozinheiro e se levantou.

— Sente-se, antes que desmaie. — Ela o guiou até uma cadeira.

Mas Rory lhe dirigiu um olhar apavorado e recuou.

— Não vou desmaiar. E ninguém pode se sentar agora. Ela está em trabalho de parto e não quero que o bebê nasça na minha cozinha. Fui claro?

Ryan lhe deu uma palmada leve nas costas.

— Ninguém terá um bebê aqui — garantiu. — Já telefonei pedindo uma ambulância. Maggie, por que não vai até lá para se certificar de que Rosita está bem?

— Claro — concordou ela, franzindo a testa. — Quando se trata de dar à luz, vocês, os homens fortes e corajosos, deixam tudo por nossa conta —

resmungou, enquanto se encaminhava à cozinha.

Maggie encontrou Rosita deitada no chão, segurando o abdome abaulado com as duas mãos, as feições contraídas pela dor, enquanto experimentava outra contração.

— Qual é o intervalo entre as contrações? — perguntou Maggie.

— Muito curto — respondeu Juan, apertando a mão de Rosita e parecendo zozinho. Começou a falar espanhol, mas logo se corrigiu. — Essa é a segunda desde que cheguei aqui.

Maggie engoliu em seco. Aquilo significava que as contrações estavam ocorrendo em um intervalo menor que dois minutos. A não ser que os paramédicos chegassem em tempo recorde, teriam de fazer o parto ali mesmo.

Ajoelhou-se ao lado de Rosita e lhe segurou a outra mão, forçando um tom tranquilizador na voz.

— Não se preocupe. Tudo acabará bem. — E, erguendo o olhar a Juan: — Diga a Rory para ferver um pouco de água e para Ryan trazer todas as toalhas que tiver lá em cima.

Um minuto depois, a cozinha fervilhava de atividade. Os poucos clientes que restavam foram orientados a receber os paramédicos e enviá-los à cozinha assim que chegassem. Porém, quando a ambulância chegou, o bebê de Rosita, um menino com um capacete de cabelo negro espesso lhe cobrindo a cabeça, estava escorregando para as mãos de Maggie.

— Oh, meu Deus! Como ele é lindo — sussurrou ela, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto o entregava ao técnico do serviço de emergência. No mesmo instante, sentiu o braço de Ryan lhe envolver a cintura.

— Deveria pensar em seguir uma nova carreira.

— Acho que não — retrucou ela com a voz trêmula, só então dirigindo o olhar a Ryan. — Os únicos nascimentos dos quais participarei daqui em diante serão os dos meus filhos.

As palavras trouxeram um surpreendente sorriso aos lábios de Ryan.

— Teremos de conversar sobre isso quando as coisas se acalmarem — sugeriu ele.

Não demorou muito para que os paramédicos levassem Rosita e Juan para o hospital.

— Preciso tomar um drinque — anunciou Rory, a cor lhe voltando ao rosto.

— Ofereça um drinque por conta da casa a todos os fregueses que ainda estão no bar — disse Ryan, com o olhar fixo em Maggie.

— Para onde vão? — perguntou o cozinheiro.

— Lá para cima. Maggie e eu precisamos ter uma conversa.

Apesar de sentir o coração flutuar diante do olhar ardente de Ryan, ela negou com um gesto de cabeça.

— Não antes de brindarmos ao nascimento do bebê — insistiu.

Ryan pareceu despontado.

— Apenas um drinque, então.

Maggie sorriu.

— Acho que um gole será o suficiente.

— Assim está melhor — falou Ryan, com uma risada. — Então brindemos ao nascimento do bebê.

Maggie o olhou nos olhos.

— E a todos os bebês que nascerão por aqui.

Rory franziu a testa.

— Dobre sua língua, mulher. Há solteirões convictos no recinto.

Ryan sorriu para o cozinheiro.

— Só estou vendo um.

Um largo sorriso se formou no rosto de Rory.

— Ora, isso não é maravilhoso? Parabéns, Ryan, meu rapaz.

— Espere — interrompeu Maggie. — Alguém me ouviu dizer “sim”?

— Agora que mencionou, nem ao menos ouvi uma proposta digna — retrucou Rory.

— Há coisas que devem ser feitas em privacidade — declarou Ryan. — E ao seu tempo.

Maggie ergueu o copo com a bebida no mesmo instante.

— Este é ao bebê — disse ela, tomando um gole rápido da bebida, antes de pousá-lo sobre o balcão e se encaminhar na direção da escada.

— Parece-me um tanto ansiosa — comentou Rory, quando ela se retirou.

Maggie girou e piscou para o cozinheiro.

— Esta noite demorou muito a chegar.

— FOI UM dia agitado. Deve estar exausta — disse Ryan, quando se juntou a ela em seu apartamento.

— Ryan Devaney, não pense que se mostrando doce e preocupado escapará da promessa que fez há pouco no bar. Não estou tão cansada a ponto de não poder ouvir o que tem a dizer.

No instante em que vira Sean, naquela manhã, Ryan sentira como se tivesse descoberto um pedaço dele. Também percebera que a única forma de se tornar um ser completo e dar a Maggie o tipo de homem que ela merecia seria ir até o fim e encontrar o restante de sua família. Não planejava uma proposta de casamento formal, até que resolvesse tudo aquilo. Mas os eventos daquela noite haviam alterado o curso das coisas. Mas isso não significava que tinham de se apressar em casar.

— Devo fazer um belo discurso, então? — provocou ele. — Ou sabe o que está se passando em minha mente?

— Acho que sei — respondeu Maggie, sentando-se com as mãos cruzadas sobre o colo. — Mas quero ouvir todas as belas palavras.

— Sabe que a amo — começou Ryan.

— Estou com um pressentimento sobre isso há algum tempo — concordou ela.

Ryan a encarou com olhar austero.

— Pretende insistir em me interromper? Nesse caso, talvez nunca termine o que tenho a dizer.

— Desculpe — disse ela, sem nenhuma evidência de remorso.

— Você é a mulher mais extraordinária e exasperante que já conheci. É linda, forte e inteligente... e, antes que o diga, sei que não estou fazendo muito sentido, mas é porque fico sem palavras apenas de olhar para você.

— Ryan Devaney, nunca ficou sem palavras em um só dia de sua vida — disse ela.

— Neste momento, estou — insistiu ele. — E apavorado com a possibilidade de não encontrar as palavras certas para convencê-la a passar o resto da vida ao meu lado.

Maggie lhe tocou o rosto.

— Qualquer palavra servirá — afirmou ela.

— Está bem, então — disse Ryan por fim, sentindo uma ânsia irresistível de fazê-la rir, antes que as coisas se tornassem muito sérias. — Quer se casar comigo e assumir a contabilidade do bar pelo resto de seus dias?

Como previra, Maggie soltou uma risada baixa.

— Então é uma contadora que está realmente procurando, não uma esposa?

Ryan lhe segurou o rosto com as duas mãos e a encarou com olhar intenso.

— Não sei muito bem o que fazer para manter uma esposa feliz — confessou, com total sinceridade.

— Não sei quanto às outras esposas — respondeu Maggie, com expressão séria. — Mas tudo que precisa fazer é me amar pelo resto de nossas vidas.

— Isso eu posso lhe prometer — declarou ele.

Maggie estendeu uma das mãos.

— Negócio fechado, então.

Dessa vez, foi Ryan a soltar uma risada.

— Não, Maggie O'Brien. Este é o tipo de negócio que só pode ser fechado com um beijo. — Ryan sorriu. — E talvez algo mais.

Horas depois, quando o acordo estava devidamente selado e o corpo quente de Maggie se encontrava colado contra o dele, Ryan deixou escapar um suspiro de puro contentamento.

— Agora, tudo que me resta é encontrar o restante de minha família, e então poderemos planejar nosso casamento — murmurou ele, contra o cabelo ruivo sedoso.

Maggie se sentou ereta e o encarou, como se ele tivesse acabado de anunciar o adiamento do Natal ou de qualquer outro feriado santo.

— Quer encontrar o restante de sua família primeiro?

— Bem, claro. Não é isso que quer também?

— Claro que não — retrucou Maggie, determinada. — Não me entenda mal. Quero que encontre cada um de seus familiares para seu próprio bem, mas isso pode demorar uma eternidade, e não estou disposta a esperar.

Ryan sentiu o coração parar de bater.

— Não esperará por mim?

— Não esperarei para me casar — corrigiu ela. — Depois encontraremos o restante de sua família, juntos.

Ryan a encarou.

— Está me pedindo para casar com você agora?

— Na verdade, insisto que o faça. Quanto mais cedo, melhor.

Ryan sorriu, mas ela percebeu que ele não estava se opondo.

— É uma mulher insistente, certo? — provocou.

— Quando tenho de ser — confirmou ela, com evidente orgulho.

Ryan a puxou de volta para seus braços.

— Tem certeza de que está disposta a me aceitar sem saber tudo que há para saber sobre mim?

— Sei o mais importante — insistiu Maggie. — Que beija muito bem, por exemplo.

Ryan a estudou com olhar divertido.

— É mesmo?

— Muito bem — confirmou ela. — E é um amante fantástico.

— É o que realmente acha?

Maggie hesitou.

— Pensando bem, tenho algumas pequeninas dúvidas que podem ser dissipadas de imediato se você me levar lá para baixo e fizer amor comigo no bar.

Ryan soltou uma risada.

— Não ficará satisfeita até que faça amor com você sobre o balcão do bar, certo?

— Tente e veremos — desafiou ela. — Tenho certeza de que ficarei extasiada.

Ryan telefonou para o bar para se certificar de que não havia ninguém lá. Em seguida, guiou Maggie pela escada e se esmerou para que ela se sentisse tão extasiada quanto antecipara durante todos aqueles meses.

Em seguida, envolveu-a nos braços e lhe prometeu fazer tudo para mantê-la feliz pelo resto da vida.

— Se quebrar essa promessa, meus irmãos lhe darão uma surra — preveniu ela.

Ryan se lembrou da simpatia instantânea de Sean por Maggie.

- Se eu não cumprir esta promessa, o *meu* irmão me dará uma surra.
- Então acho que tem muita motivação para cumpri-la — provocou Maggie, movendo os quadris sobre os dele.
- Muita motivação — concordou ele, antes de lhe mostrar que estava tão motivado quanto era possível um homem estar.

Epilogo

APESAR DA insistência inicial de Maggie em se casar antes de Ryan encontrar o restante da família, acabou sendo persuadida pela mãe a esperar ao menos até o outono. Segundo Nell, aquilo lhes daria tempo para planejar uma cerimônia exuberante e adequada à mais velha das irmãs O'Brien.

— Na verdade — a mãe de Maggie dissera, com um brilho malicioso no olhar —, se quiser ensinar a Ryan um pouco mais de romantismo, um casamento no dia em que fizer um ano que se conheceram seria uma boa maneira de começar.

Maggie se deixou convencer, principalmente por pensar que, daquela forma, o Dia de Ação de Graças passaria a significar algo especial para Ryan e talvez lhe dissipasse a aversão por feriados.

Além disso, a paleta de cores de outono para os vestidos de madrinha agradou as irmãs. Com o ruivo que era marca registrada do cabelo dos O'Brien, todas ficaram magníficas com veludo em nuances de bronze e dourado.

O vestido de Maggie era uma peça pesada de cetim branco, adornado com pérolas simples no decote baixo frontal e com um outro decote profundo nas costas. O modelo era muito mais elegante e sofisticado que o que originalmente havia imaginado, mas ela se apaixonara pelo vestido no instante em que pousara os olhos nele.

Maggie girou em frente ao espelho do quarto, ainda incapaz de acreditar que finalmente chegara o dia de seu casamento, após uma espera que pareceu durar uma eternidade. Em menos de uma hora, seria a sra. Ryan Devaney.

Quando deu uma última volta para avaliar sua aparência, encontrou o olhar da mãe pelo espelho e percebeu que Nell O'Brien tentava corajosamente sorrir através das lágrimas que lhe turvavam os olhos.

— Você está bem? — perguntou Maggie.

— Está tão linda! Dizem que todas as noivas são radiantes, mas lhe juro que jamais vi uma que brilhasse mais de felicidade que você neste momento.

— Isso é porque Ryan me faz muito feliz.

A mãe lhe afastou uma mecha de cabelo que se desprendera do penteado de Maggie.

— Nosso Ryan é um homem complicado. Isso não mudará porque foi convencido a se comprometer com você.

— Sei disso. E acho que nunca terá paz até que encontre o restante da família.

— Como está a investigação? Alguma novidade?

Maggie negou com um gesto de cabeça, compartilhando a frustração de Ryan. Jack estava concentrado em encontrar Michael no momento, mas, até então, tinha se deparado com uma parede de tijolos após a outra.

— Ryan e Sean estão quase desistindo de encontrar o irmão mais novo, Michael, mas eu os estou estimulando a continuar. Fico imaginando aquele garotinho que eles descreveram, em prantos, quando se separaram. Sei que ele ficaria muito feliz em rever os irmãos e que tem esperado por eles durante todos esses anos.

A mãe exibiu um sorriso.

— Você adora finais felizes — provocou ela.

— Claro que sim — confirmou Maggie. — Encontrei o meu.

— E Ryan encontrou o dele.

— Sou apenas parte desse final feliz — concordou Maggie. — Mas ele precisa da família que perdeu.

— Sabe de uma coisa? Não seria tão ruim assim se ele não os encontrasse — disse Nell. — Ryan tem a todos nós, a Sean e aos Monroe. Além de Rory e do padre Francis. Eu diria que a vida dele está repleta de gente.

— É o que ele diz, também — comentou Maggie. — Entretanto, quero mais para ele.

— Você quer, mas e quanto a Ryan?

Maggie refletiu sobre o assunto.

— Sim, acho que, no fundo, é o que ele também deseja. Encontrar Sean foi o ponto da virada. Antes disso, talvez encontrá-los não significasse muito para Ryan, mas, desde que conseguiu localizar o irmão, ele é outro homem.

— Um sorriso curvou os lábios de Maggie. — Claro que uma boa parte disso se deve ao extremo senso de humor e amor à vida de Sean, que consegue tirar Ryan de seu estado reservado e tristonho. Fico imaginando se sempre foi assim. Ryan, o irmão sério e responsável, e Sean, o espalhafatoso. Ou se os dois mudaram depois do abandono dos pais.

— Nunca perguntou? — A mãe quis saber, com expressão surpresa.

— Eles não gostam de conversar sobre a infância. Às vezes, entram no assunto, mas sempre acabam de volta ao dia que retornaram da escola e encontraram o apartamento vazio. — Maggie suspirou. — Acho que é melhor pormos um fim a essa conversa triste ou começarei a chorar e terei de refazer toda a maquiagem. Já viu Ryan? Ele está tão belo quanto imagino que esteja naquele smoking?

— Não tão belo quanto o seu pai — retrucou Nell, com um sorriso. — Mas, definitivamente, servirá. — A mãe tocou o rosto de Maggie. Tudo que seu pai e eu desejamos é a sua felicidade, mas devo dizer que estou extasiada pelo fato de tê-la encontrado aqui, em vez de no Maine. Será ótimo tê-la por perto. Nós sentimos muito a sua falta.

— Agora ficaremos no encalço de vocês o tempo todo — disse Maggie. — Irá se cansar de me ver.

— Nunca — retrucou a mãe. — E estou ansiosa pelos netos que vai trazer para nossa casa, também.

Maggie soltou uma risada.

— Não apressemos as coisas. Ryan ainda está se acostumando à ideia do casamento.

Nell relanceou um olhar ao relógio.

— Então é melhor não o deixarmos esperando. Vou mandar suas irmãs entrarem e depois partirei para a igreja. Seu pai a está esperando no saguão, provavelmente fazendo um buraco no tapete, como fez nos casamentos de suas irmãs. Eu amo você, Mary Margaret O'Brien.

— E eu também amo você. Nenhuma mulher no mundo tem uma mãe melhor.

— Nenhuma mulher será melhor esposa e mãe que você — retrucou Nell, com os olhos cheios de lágrimas. — Lá vou eu chorar outra vez. É melhor eu sair daqui.

As irmãs de Maggie entraram quando a mãe saiu e lhe ofertaram alguns itens. Um lenço de mão rendado que toda noiva O'Brien usava há três gerações, uma cinta-liga azul novinha em folha de presente de Frannie e um par de brincos de pérola de Colleen, emprestados para a ocasião.

— Acho que isso é tudo — disse Colleen, dando um passo atrás para admirá-la.

— Mags, está ainda mais bela do que eu no dia do meu casamento. Droga!

— Mas não tão maravilhosa quanto eu estarei — interveio Katie.

— Que ego, irmã caçula! — repreendeu Frannie.

Maggie soltou uma risada.

— Vamos, meninas, vamos cruzar aquela nave da igreja e mostrar a todos o quanto as irmãs O'Brien são belas. Faremos nossos pais se sentirem orgulhosos.

— Eles não têm orgulho de nós por nossa bela aparência — começou Colleen.

— Mas por nossa inteligência — concluíram as três, em coro.

Maggie não disse nada, mas julgava ser a mais inteligente de todas, porque fora capaz de enxergar através do humor sombrio e comportamento difícil de Ryan e descobrir um homem maravilhoso. E, naquele dia, ele seria seu para o resto da vida.

— PARE DE se remexer — ordenou Sean. — Ou nunca conseguirei endireitar o nó dessa gravata! A pessoa que inventou essas coisas deveria ser trucidada. Tem de ter sido uma mulher, já que são elas as ansiosas por enlaçar nossos pescoços.

Ryan franziu a testa ao encarar o irmão.

— Que coisa gentil de se dizer no dia do meu casamento.

— Ora, é verdade. Sua Maggie é uma mulher extraordinária. Na verdade, a melhor que já conheci, mas se comprometer a viver com uma única mulher pelo resto da vida é algo que não me imagino fazendo.

— Você é um bombeiro, pelo amor de Deus!

— Prefiro enfrentar um prédio em chamas uma centena de vezes a dizer um “sim” no altar — afirmou Sean, com sinceridade.

— Veremos — retrucou Ryan. — Se eu me apaixonei, você também conseguirá.

— Nunca! — insistiu Sean.

Ryan soltou uma risada.

— Como irlandês, não sabe que é melhor não desafiar o destino dessa forma? Os deuses devem estar provavelmente gargalhando neste exato momento, enquanto planejam sua derrocada.

Sean o encarou com olhar contrariado.

— Não coloque caraminholas em sua cabeça sobre fazer alguma coisa para ajudá-los.

— Duvido muito que seja necessário — retrucou Ryan. — O destino sabe trabalhar muito bem sozinho.

— Diga isso a todas as pessoas que se intrometeram em sua vida para fazê-lo chegar até aqui.

A porta rangeu, se abrindo. Como se aproveitando a deixa, o padre Francis entrou com Rory em seu encalço.

— Está pensando em se casar hoje ou no próximo mês? — perguntou Rory, irritado, passando um dedo por dentro do colarinho apertado de seu smoking. — Não sei por quanto tempo suportarei esta coisa.

— Então não o façamos mais esperar — respondeu Ryan, antes de se dirigir ao padre. — Maggie está pronta?

— Esperando no saguão pelo início da marcha nupcial — confirmou o padre. — E parecendo um anjo.

Ryan suspirou.

— Então vamos dar início ao show.

Todos começaram a se retirar da sala, mas Ryan segurou o braço do irmão.

— Estou feliz por você ser meu padrinho — ele disse. — Isso faz este dia parecer certo.

— Daqui para a frente, nada nunca mais nos separará — afirmou Sean, puxando o irmão para um abraço. — Se o mundo causar algum mal a um Devaney, terá de lidar com dois deles. Agora somos um time.

Ryan lutou contra as lágrimas inesperadas e forçou um sorriso.

— Suas palavras são tocantes, mas ainda assim não dividirei Maggie com você. Ela é minha.

Sean sorriu.

— Não há dúvida nenhuma quanto a isso. Percebi o brilho nos olhos dela quando você está por perto. Nunca terei nenhum motivo para questionar o amor de sua Maggie.

Ryan suspirou quando um raro sentimento de pura felicidade o invadiu. A cerimônia não alteraria a verdade contida nas palavras de Sean. Maggie O'Brien o amava verdadeiramente e aquilo o fazia o homem mais sortudo do mundo.

A CERIMÔNIA se revelou tudo que Maggie poderia sonhar, embora tivesse passado em um flash. Tinha a impressão de que as fotos saíam desastrosas, porque ora alguém estava banhado em lágrimas, ora explodindo de rir.

A recepção no Ryan's Place foi repleta de música, risadas e dança.

Porém, apesar de tudo aquilo, a única coisa em que Maggie podia pensar era na noite de núpcias que passariam no apartamento sobre o bar, antes de partirem em uma viagem de lua de mel à Irlanda logo pela manhã. À meia-noite, Maggie tentava expulsar todos que ainda permaneciam lá.

— Ela parece um pouco ansiosa para se livrar de nós, não acha? — perguntou o irmão Matt. — Por que será? Em que esta noite é diferente das outras que eles partilharam?

— Não me fale essas coisas — retrucou o pai. — Agora, venha. Maggie não ficou atrasando a *sua* noite de núpcias, certo?

— Na verdade, tenho quase certeza de que ela estava envolvida no trote que fizeram com o lençol da cama do quarto de hotel em *minha* noite de núpcias. Quando fomos nos deitar, tivemos de refazê-la — lembrou John.

— Não a nossa santa Maggie. — Colleen defendeu a irmã, fingindo-se chocada.

Maggie franziu a testa, observando o grupo.

— Ryan, sua primeira função oficial como meu marido é expulsá-los daqui.

Ele soltou uma risada.

— Não era você que vivia apregoando a importância da família?

Maggie exibiu uma carranca.

— E é importante, mas não esta noite.

Por fim, Nell se apiedou dos noivos.

— Venham, seus desordeiros. Vamos deixar os recém-casados a sós.

Mesmo com aquele encorajamento, demorou mais meia hora para que toda a família se dispersasse, as portas fossem trancadas e as luzes, apagadas.

Só então Maggie suspirou e se dirigiu ao marido.

— Agora, sr. Devaney, estamos oficialmente em nossa lua de mel.

— Há algo especial que devo fazer? — questionou ele, com expressão inocente.

— Primeiro, terá de me carregar no colo pela escada e através da porta — instruiu Maggie.

Quando Ryan obedeceu, ela o olhou nos olhos.

— Agora, tem de me livrar deste vestido.

— Com prazer — respondeu ele com um sorriso. — Embora seja um traje adorável. Poderia admirá-lo por horas a fio.

— Não, não pode — protestou Maggie. — Está se interpondo no caminho.

— No caminho de quê?

Maggie lhe tocou o rosto com uma das mãos.

— De fazer amor comigo pela primeira de um milhão de vezes como meu marido.

— Um milhão de vezes, certo? Não ficarei muito desgastado para fazer qualquer outra coisa?

Maggie soltou uma risada.

— Exatamente. E é por isso que terei de assumir o controle de tudo por aqui.

— Então é esse o plano maligno que traçou para meter o nariz no meu livro-razão?

Maggie assentiu.

— Muito inteligente, não acha?

— Venha cá — disse Ryan, com labaredas de paixão no olhar. — Vamos ver como será esta noite, a de amanhã e a de depois de amanhã. Voltaremos a conversar depois da quingentésima vez.

Maggie se atirou nos braços fortes.

— Posso esperar.

— Deve ser esse seu tino para negócios que sabe reconhecer quando está diante de um acordo no qual não há como perder — declarou Ryan, com tom de aprovação na voz.

Maggie soltou uma risada.

— Sabia que aquele MBA um dia serviria para alguma coisa.

Ryan a observou demoradamente com olhar sério.

— Sabe muito bem que não me casei com você por causa de seu MBA, certo?

— E por que se casou comigo, além do amor feroz e ardente que sente por mim, claro?

Ryan estendeu a mão e lhe tocou o rosto.

— Porque você é a verdadeira família que precisei durante toda a minha vida.

PUBLISHER
Kaíke Nanne

EDITORA EXECUTIVA
Carolina Chagas

EDITORA DE AQUISIÇÃO
Renata Sturm

GERENTE EDITORIAL
Livia Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Jaciara Lima

COPIDESQUE
Thaís Nacif

REVISÃO
Marcela Isensee
Michele Sudoh

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio

Capa

Rosto

Créditos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Epílogo

Ficha técnica